

GISELE CÁSSIA DE SOUSA

*Se tempo fosse condição: um estudo das estruturas de tempo
e de condição no português oral brasileiro*



1910001610



GISELE CÁSSIA DE SOUSA

COMISSÃO JULGADORA

*Se tempo fosse condição: um estudo das estruturas de tempo e de
condição no português oral brasileiro*

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras
e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista,
Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título
de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de
Concentração: Análise Lingüística).

Orientadora: Profa. Dra. Erolilde Goreti Pezatti

São José do Rio Preto
2003



41

5725s

04/04/2007

DOAÇÃO

AUTOR(A)

Sousa, Gisele Cássia de.

Se tempo fosse condição : um estudo das estruturas de tempo e de condição no português oral brasileiro / Gisele Cássia de Sousa – São José do Rio Preto : [s.n.], 2003
194 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Erotilde Goreti Pezatti

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Análise lingüística . 2. Funcionalismo (Lingüística). 3. Gramática funcional. 4. Língua portuguesa - Português falado. 5. Oração adverbial condicional. 6. Oração adverbial temporal. I. Pezatti, Erotilde Goreti. II. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81'367



COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Profª. Drª. Erotilde Goreti Pezatti - Orientadora

Profª. Drª. Maria Beatriz Nascimento Decat

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho

Suplentes

Profª. Drª. Vanda de Oliveira Bittencourt

Profª. Drª. Marize Mattos Dall'Aglio Hattnher

*A memória de meu pai;
à presença de minha mãe.*



Deixo registrada aqui minha gratidão àqueles que me ajudaram a atingir esta
parte do caminho:

À Prof. Ercília, por ter indicado as direções e iluminado as muitas
passagens 'obscuras' do caminho;

Ao Prof. Sebastião Carlos, por ter me apontado os caminhos
'tortuosos' e, por isso mesmo, fascinantes da Linguística;

A todos os colegas integrantes do Grupo de Estudos em Gramática
Funcional (GEGF), em especial, ao Prof. Roberto Gomes Camacho e
à Prof. Marize Mattos Dall'Aglio Hatanber, pelas sugestões do
caminho diante de algumas das 'encruzilhadas';

Aos amigos, pela companhia e apoio na andança, e;

À CAPES, por ter financiado a caminhada.

*À memória de meu pai;
à presença de minha mãe.*

SUMÁRIO

Deixo registrada aqui minha gratidão àqueles que me ajudaram a atingir esta
parte do caminho:

Abstract 8

Introdução À Profª. *Erotilde*, por ter indicado as direções e iluminado as muitas
passagens ‘obscuras’ do caminho;

Capítulo I – Fundamentos da Gramática Funcional 13

1.1. O modelo Ao Prof. *Sebastião Carlos*, por ter me apontado os caminhos
‘tortuosos’ e, por isso mesmo, fascinantes da *Linguística*;

1. Categoria dos adjuntos 30

2. Orações A todos os colegas integrantes do *Grupo de Estudos em Gramática*
Funcional (GEGF), em especial, ao Prof. Roberto Gomes Camacho e
à Profª. Marize Mattos Dall’Aglio Hattner, pelas sugestões de
caminho diante de algumas das ‘encruzilhadas’;

2.3.2. A ordem das orações temporais 73

3. Constituintes extra-oracionais 75

3.1. Constituintes 78

3.2. Constituintes extra-oracionais do Tempo 89

4. A Gramática Funcional do Discurso e a combinação de orações 91

À CAPES, por ter financiado a caminhada.

Capítulo III – A relação entre as noções de tempo e condição

1. Aspectos gerais da relação 102

2. Tempo, Condição e expressão de modalidade 110

3. Tempo vs. condicionalidade, hipoteticidade, irrealidade 116

SUMÁRIO

Resumo	7
Abstract	8
Introdução	9
Capítulo I – Fundamentação Teórica	
1. A Teoria da Gramática Funcional	13
1.1. O modelo de descrição da Gramática Funcional	19
Capítulo II – As orações temporais e condicionais na Gramática Funcional	
1. Categoria dos satélites	30
2. Orações adverbiais: construções encaixadas em posição de satélite	36
2.1. As orações condicionais	43
2.2. As orações temporais	64
2.3. A ordenação dos constituintes oracionais	65
2.3.1. A ordem das orações condicionais	69
2.3.2. A ordem das orações temporais	73
3. Constituintes extra-oracionais	75
3.1. Constituintes extra-oracionais de Condição	78
3.2. Constituintes extra-oracionais de Tempo	86
4. A Gramática Funcional do Discurso e a combinação de orações	91
Capítulo III – A relação entre as noções de tempo e condição	
1. Aspectos gerais da relação	102
2. Tempo, Condição e expressão de modalidade	110
3. Tempo vs. condicionalidade, hipoteticidade, irrealidade	116

RESUMO

Capítulo IV – Análise dos dados

0. Considerações iniciais	124
1. Posição da oração	126
2. Funcionamento das orações como CEOs e como satélites	139
3. Correlação tempo-modo verbal nas construções	147
4. Aspecto	163
5. Tipo de EsCo	168
6. Correlação entre os sujeitos das orações	174
6.1. Correlação entre os sujeitos e o caráter restritivo/não-restritivo do satélite ...	177
7. Função semântica das orações introduzidas por <i>quando</i> : Tempo vs. Circunstância	180
7.1. Posição do satélite de Tempo e de Circunstância	181
7.2. Tempo-modo verbal nos satélites de Tempo e de Circunstância	183
7.3. Aspecto verbal nos satélites de Tempo e de Circunstância	184
Conclusões	186
Referências Bibliográficas	190

Lista de quadros

Quadro 1: Modelo de interação verbal	15
Quadro 2: Conhecimento mútuo entre Falante e Ouvinte	17
Quadro 3: Esquema geral do modelo de descrição da GF.....	20
Quadro 4: Esboço do modelo de representação lingüística da GF	23
Quadro 5: Esquema de representação da atuação dos satélites na estrutura em camadas da oração	31
Quadro 6: Terminologia dos satélites	31
Quadro 7: Classificação dos satélites de predicado	32
Quadro 8: Classificação dos satélites de predicação	33
Quadro 9: Classificação dos satélites de proposição	34
Quadro 10: Classificação dos satélites ilocucionários	35
Quadro 11: Taxionomia de construções encaixadas	41
Quadro 12: Classificação dos tipos de CEOs	77
Quadro 13: Proposta de Dik (1997) para a estrutura hierárquica do Evento Discursivo ..	93
Quadro 14: Redefinição comunicativa de modalidade epistêmica	111

RESUMO

Em várias línguas, evidencia-se a proximidade existente entre as categorias gramaticais de tempo e de condição, tanto em termos semânticos quanto estruturais, e essa estreita relação é apontada especialmente por estudos voltados à aquisição de linguagem (Bowerman, 1986; Reilly, 1986; Rodrigues, 2001) e à mudança lingüística (Traugott, 1985; Frajzyngier, 1996). Fundamentado em tais constatações, este trabalho tem como objetivo descrever e analisar, sob fundamentação teórica funcionalista, pontos comuns e divergentes entre orações prototipicamente temporais (introduzidas pela conjunção *quando*) e condicionais (introduzidas por *se*) do português oral brasileiro, buscando elucidar o funcionamento da relação entre essas duas estruturas no uso real da língua.

O vínculo entre as duas estruturas analisadas aqui já fora apontado em outros trabalhos sobre orações adverbiais ou, especificamente, sobre orações temporais do português (Decat, 1993; Braga, 1995; Souza, 1996; Neves, 2000). Neles se considera que determinadas orações iniciadas por *quando* têm sentido de condição além do significado de tempo, típico dessas estruturas, sendo elas, portanto, “ambíguas” entre os valores condicional e temporal.

Neste trabalho, defende-se uma análise diferente para o caso. A partir do cotejo entre propriedades formais e semântico-discursivas que aproximam ou distanciam os dois tipos de oração, defende-se que orações iniciadas por *quando* e aquelas que se iniciam por *se* cumprem, cada uma delas, uma função comunicativa e servem, independentemente, como estratégias de que o falante se vale para expressar diferentes intenções no evento da comunicação, o que é incompatível com a consideração de sobreposição de significados em uma única estrutura. O diferente funcionamento das duas orações, aliás, ratifica-se pela própria distinção lexical que há, em português, entre a conjunção que tipicamente veicula o conceito de condição (*se*) e aquela que expressa tempo (*quando*), ao contrário do alemão, por exemplo, que apresenta uma mesma conjunção para a codificação dos dois conceitos: *wenn*.

Conforme analisadas aqui, as orações introduzidas por *quando* podem expressar, em diferentes configurações sintáticas, o significado de tempo ou a função semântica denominada *Circunstância* pela teoria da Gramática Funcional (Dik, 1989, 1997). A partir desse último significado das orações com *quando* é que se defende, neste trabalho, a existência de semelhança e, assim, proximidade conceitual, mas não equivalência, entre orações iniciadas por *quando* e por *se* em português.

ABSTRACT

In several languages, the proximity existent between the grammatical categories of time and condition, both in semantic and structural term, is noticed. This narrow relationship is particularly considered by studies concerned with language acquisition (Bowerman, 1986; Reilly, 1986; Rodrigues, 2001) and linguistic change (Traugott, 1985; Frajzyngier, 1996). Taking such evidences into consideration, this paper aims at describing and analyzing, following a functionalist theoretical background, divergent and common points between prototypically temporal sentences (introduced by the conjunction *quando*) and conditional ones (introduced by *se*) from Brazilian Oral Portuguese, in order to bring some light to understand how the relationship between these two structures works in real language usage.

The link between both structures analyzed in this research has already been pointed out in other papers about adverbial sentences or, more specifically, about Portuguese temporal sentences (Decat, 1993; Braga, 1995; Souza, 1996; Snow, 2000). In these papers, it is considered that certain sentences started with the conjunction *quando* have a conditional meaning besides its temporal meaning. This is typical to these structures, making them "ambiguous" between the conditional and temporal values.

In this dissertation, a different analysis for the case is proposed. Through the investigation of both formal and semantic-discursive properties that make both kinds of sentences closer or farther, it is shown that sentences started with the conjunction *quando* and those started with the conjunction *se* have a communicative function each and function independently as strategies the speaker uses to express different intentions when communicating, what is not compatible with the consideration of superposed meanings in a single structure. Furthermore, the different operation of both sentences is ratified by the lexical distinction itself existent in Portuguese, between the conjunction that typically conveys the conditional concept (*se*) and that which expresses time (*quando*), on the contrary of German, for instance, that presents the same conjunction (*wenn*) to codify both concepts.

According to the analysis, sentences introduced by *quando* may have, in different syntactic configurations, a temporal meaning or the semantic function named *Circumstance* by the Functional Grammar Theory (Dik, 1989, 1997). Based on this last meaning of the sentences started with the conjunction *quando*, this paper supports the existence of similarity, and thus conceptual proximity, but not equivalence, between sentences started with the conjunction *quando* and *se* in Portuguese.

INTRODUÇÃO

A estreita relação entre os domínios de *temporalidade* e *condicionalidade* é amplamente atestada em estudos de base cognitiva (Bowerman, 1986; Reilly, 1986; Rodrigues, 2001) e histórica (Traugott, 1985; Frajzyngier, 1996). Além disso, encontram-se algumas vezes citadas na literatura (Vaz Leão, 1961; Athanasiadou, 1997; Wierzbicka, 1997) línguas que não apresentam distinção lexical entre formas que marcam o conceito de condição, tal como *se* em português, e aquelas características da expressão de tempo, assim como *quando*.

Com relação ao português, alguns autores (Decat, 1993; Braga, 1995; Souza, 1996; Neves, 2000), em estudos mais recentes sobre as orações adverbiais, ou especificamente acerca das orações temporais, têm apontado a possibilidade de haver sobreposição dos conceitos de tempo e condição em determinadas construções iniciadas pela conjunção *quando*. Entretanto, até onde se sabe, não foi proposto até o momento nenhum estudo voltado especificamente para a relação entre as duas categorias, com a tentativa de desvendar a questão. O objetivo desta pesquisa é justamente o de analisar tal relação em português, tendo-se em vista o uso real da língua. Para tanto, sob perspectiva teórica funcionalista, em especial, da teoria da Gramática Funcional (Dik, 1989, 1997), analisam-se dados do português oral efetivamente realizados.

As considerações a respeito da expressão de condicionalidade em determinadas estruturas com *quando*, as quais, obviamente, satisfazem os propósitos dos estudos em que se apresentam, têm, em geral, caráter descritivo e se ligam à caracterização mais geral das orações temporais em português, ou mesmo das orações adverbiais como um todo. Possivelmente por essa razão, seja diversificado o modo como se concebe a expressão, perceptível e 'incômoda' ao pesquisador, de um conceito como o de condição por meio de

uma estrutura atípica, como a iniciada por *quando*. Apesar de, aparentemente, a maioria das alegações revelar a concepção de que há *sobreposição* dos conceitos de tempo e condição nas estruturas com *quando*, em algumas essa sobreposição é exposta como uma questão de base semântica e, em outras, como um fenômeno explicável pragmaticamente, como se pode atestar a partir das considerações relacionadas a seguir, extraídas dos estudos acima referidos:

(...) as orações [introduzidas por *quando*] amalgamam as relações semânticas de tempo e condição. (Braga, 1995, p. 87)

Outra questão é a existência de relações de tipo lógico-semântico (causal, condicional, concessiva) associadas à relação temporal que se estabelece entre orações. (Neves, 2000, p. 797)

(...) dessas combinações [de oração introduzida por *quando* e oração principal] emerge uma segunda **inferência**, qual seja a de CONDIÇÃO. (Decat, 1993, p. 148, [caixa alta da autora; negrito meu])

Postula-se que, a par de seu significado básico, elas [as orações temporais] adquiram outras significações no contexto lingüístico, passando a significar juntamente com as orações com as quais se relacionam, ou melhor a cossignificar. (Souza, 1996, p. 82)

Desse modo, além de a expressão de condição em estruturas tipicamente temporais ser apontada tanto como uma questão de *sobreposição* dos conceitos (Braga, 1995; Neves, 2000), quanto como um fenômeno que extrapola o nível do conteúdo e encontra explicação no nível da interação verbal, como uma questão de *interpretação* 'ambígua' (Decat, 1993; Souza, 1996), fala-se ainda, algumas vezes, não em sobreposição mas em *favorecimento* de uma interpretação condicional nas estruturas iniciadas por *quando*:

(...) [O] complexo [representado por determinadas combinações modo-temporais nas construções com *quando*] **favorece** uma interpretação condicional. (Neves, 2000, p. 791 [negrito meu])

Como o título desta dissertação sugere de antemão, a proposta deste trabalho é a de que tempo e condição constituem duas funções distintas, que, em português, não se confundem e são tipicamente desempenhadas por duas estruturas distintas: orações iniciadas por *quando* e por *se*.

Os dados que serviram à investigação, nesta pesquisa, são de língua falada e foram coletados nos inquéritos que compõem o *Cópus Mínimo do Projeto de Gramática do Português Falado*.

A dissertação encontra-se estruturada da seguinte maneira. Nos dois primeiros capítulos, apresenta-se a fundamentação teórica sob a qual o trabalho se desenvolve. Primeiramente (Capítulo I), apresentam-se os principais pressupostos teóricos da Gramática Funcional de linha holandesa (Dik, 1989, 1997). Em seguida (Capítulo II), apresenta-se o tratamento dispensado, na Teoria da Gramática Funcional, às orações que são objeto de estudo deste trabalho. As definições dadas às orações temporais e condicionais, sob esse ponto de vista, já validam a consideração de que, no uso da língua, as orações introduzidas por *quando* e as que se iniciam pela conjunção *se* representam estratégias comunicativas que lhes são próprias.

Como argumentos adicionais para a análise proposta, apresentam-se, no terceiro capítulo, aspectos de caráter semântico e pragmático, associados, em especial, à expressão de *modalidades do falante*. Ainda neste capítulo, ressaltam-se funções características de cada uma das estruturas que as tornam semanticamente próximas e que, assim, justificam a alegação de que haveria expressão de condicionalidade em determinadas construções com *quando*.

O último capítulo (IV) é dedicado à análise do comportamento dos fatores investigados nos dados referentes às estruturas iniciadas pela conjunção *se* e às que se iniciam pela conjunção *quando*. Os resultados, de um modo geral, ratificam as funções que caracterizam cada uma das estruturas e evidenciam especificidades inerentes a elas.

Ao final, são apresentadas as principais conclusões a que se pode chegar a partir das reflexões teóricas e dos resultados obtidos com a pesquisa.

No paradigma funcional, dentro do qual esta pesquisa se desenvolve, a língua é primeiramente concebida como um instrumento de interação social, e o que se busca revelar é a instrumentalidade da língua com relação ao uso que as pessoas fazem dela (Dik, 1989, p. 3).

A Gramática Funcional (GF, daqui em diante), corrente teórica adotada para as descrições e análises propostas neste trabalho, é uma teoria relativa à organização das línguas naturais que se fundamenta no paradigma funcional. Seu objetivo central é a construção de um modelo de usuário de língua natural (MULN), em vez de um modelo de competência, como o que pretende o paradigma formal.¹ Atentar para a instrumentalidade da língua posta em uso não significa, porém, considerar o usuário de língua natural "tabula rasa", ou um "animal linguístico", como argumentam alguns seguidores do paradigma formal. Reconhece-se, no modelo da GF, que o uso da língua para fins comunicativos envolve

¹ Torna-se como expoente do paradigma formal a Teoria da Gramática Gerativa, originária de Noam Chomsky (1977).

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. A Teoria da Gramática Funcional

Em qualquer campo de investigação científica, o “olhar” com que o pesquisador se volta para o objeto de estudo e as respostas que busca são estritamente dependentes das concepções que constituem a abordagem teórica adotada. Na área da linguagem, como se sabe, tal questão é particularmente complexa. Isso porque, como já reconhecido por Saussure (1977, p. 15), uma investigação lingüística não corresponde apenas à análise, sob crenças e suposições de determinada abordagem teórica, de um objeto científico previamente “concretizado”. Trata-se antes de criar esse objeto segundo crenças que direcionam o paradigma teórico dentro do qual a investigação se realiza.

No paradigma funcional, dentro do qual esta pesquisa se desenvolve, a língua é primeiramente concebida como um instrumento de interação social, e o que se busca revelar é a instrumentalidade da língua com relação ao uso que as pessoas fazem dela (Dik, 1989, p. 3).

A Gramática Funcional (GF, daqui em diante), corrente teórica adotada para as descrições e análises propostas neste trabalho, é uma teoria relativa à organização das línguas naturais que se fundamenta no paradigma funcional. Seu objetivo central é a construção de um modelo de usuário de língua natural (M.ULN), em vez de um modelo de competência, como o que pretende o paradigma formal.¹ Atentar para a instrumentalidade da língua posta em uso não significa, porém, considerar o usuário de língua natural “tábula rasa”, ou um “animal lingüístico”, como argumentam alguns seguidores do paradigma formal. Reconhece-se, no modelo da GF, que o uso da língua para fins comunicativos envolve

¹ Tome-se como expoente do paradigma formal a Teoria da Gramática Gerativa, conforme desenvolvida a partir de Chomsky (1957).

capacidades humanas de níveis mais elevados do que a capacidade lingüística. Pelo menos as seguintes capacidades humanas desempenham papéis essenciais na comunicação e são levadas em conta na idealização de um M.ULN (Dik, 1989, p. 1):

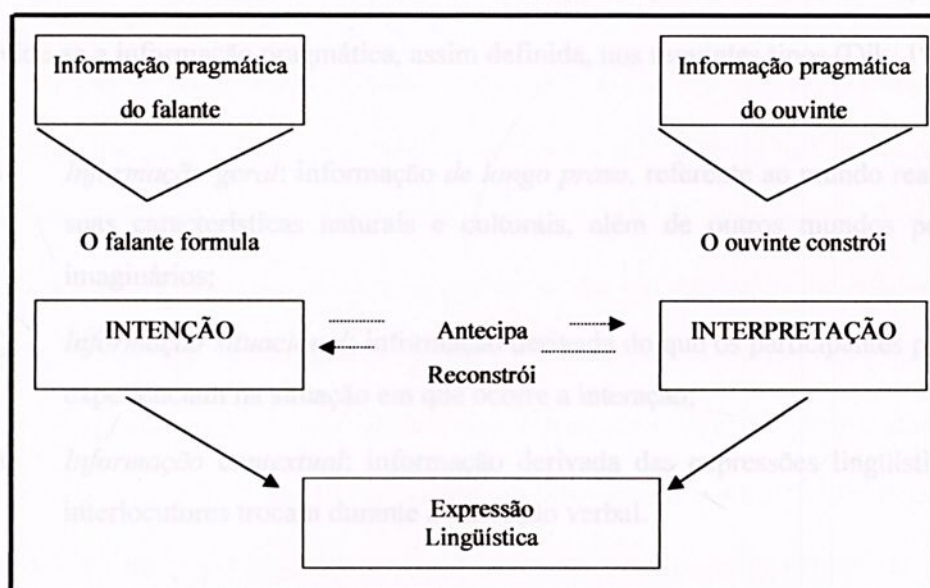
- (i) *Uma capacidade lingüística*: o ULN é capaz de produzir e interpretar corretamente expressões lingüísticas de grande complexidade e variedade estrutural em um grande número de situações comunicativas.
- (ii) *Uma capacidade epistêmica*: o ULN é capaz de construir, manter e explorar uma base de conhecimento organizado; ele pode derivar conhecimento de expressões lingüísticas, armazenar esse conhecimento de forma apropriada, e recuperá-lo ou utilizá-lo na interpretação de expressões lingüísticas posteriores.
- (iii) *Uma capacidade lógica*: munido de certos conhecimentos, o ULN é capaz de derivar conhecimentos adicionais, por meio de regras de raciocínio controladas por princípios de lógica dedutiva e probabilística.
- (iv) *Uma capacidade perceptual*: o ULN é capaz de perceber seu ambiente, derivar conhecimento de suas percepções e usar esse conhecimento perceptualmente adquirido tanto na produção quanto na interpretação de expressões lingüísticas.
- (v) *Uma capacidade social*: ULN não somente sabe *o que* dizer, mas também *o como* dizer a um determinado interlocutor, em uma situação comunicativa particular, a fim de atingir metas comunicativas particulares.

A interação social é vista, nesse modelo teórico, como uma atividade estruturada e cooperativa: estruturada, em vez de aleatória, porque é governada por normas e convenções, e cooperativa, porque, obviamente, necessita de pelo menos dois participantes para que seja realizada. Os instrumentos dos quais os participantes da interação se valem são, em um sentido geral, as expressões lingüísticas, também governadas por regras e princípios que determinam sua construção.

Dentro da perspectiva da GF, entende-se, assim, que a análise lingüística envolve dois tipos de sistemas de regras, ambos ligados à convenção social: (i) as regras *semânticas*,

sintáticas e morfológicas, que governam a formação das expressões lingüísticas; e (ii) as regras *pragmáticas*, que governam os padrões de interação verbal com base nos quais os falantes usam as expressões lingüísticas. Dado, no entanto, o princípio de que as descrições e explicações lingüísticas necessariamente se submetem ao sistema pragmático de interação verbal, o sistema de regra (i) é tido como instrumental com relação ao sistema (ii).

O sistema de interação verbal, integrando as funções cognitivas mais elevadas do ULN, tem a seguinte forma no modelo da GF:



Quadro 1: Modelo de interação verbal (Dik 1989, p. 8-9)

A partir desse modelo, entende-se que a expressão lingüística resulta: (i) da intenção que o falante tem ao realizar determinada expressão; (ii) da informação pragmática que ele possui e; (iii) da antecipação que ele faz daquilo que pretende que seja a interpretação do ouvinte. A interpretação do ouvinte, por sua vez, é resultante: (i) da expressão lingüística; (ii) da informação pragmática que ele possui; e (iii) da reconstrução da intenção comunicativa que ele julga que o falante tenha tido ao enunciar determinada expressão lingüística.

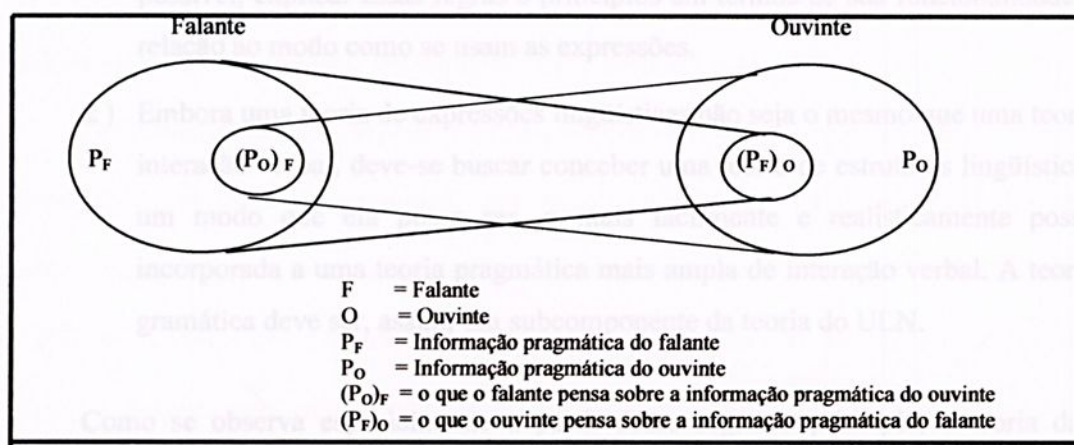
Ressalte-se que, no esquema de interação verbal, a expressão lingüística não tem papel determinante; sua função é apenas a de fazer a mediação entre a intenção do falante e a

interpretação do ouvinte. Desse modo, o significado que o falante codifica na expressão lingüística não é idêntico à sua intenção nem se iguala à interpretação final a que chega o ouvinte. O significado da expressão lingüística representa, sistematicamente, a informação correspondente à intenção de obter determinada interpretação, dentro do quadro definido pela informação pragmática disponível ao falante e ao ouvinte.

O que se entende por informação pragmática é o conjunto completo de conhecimento, crenças, suposições, opiniões e sentimentos dos interlocutores, incluindo o que se encontra no mundo mental dos falantes na forma de concepções pré-determinadas e preconceitos. Subdivide-se a informação pragmática, assim definida, nos seguintes tipos (Dik, 1989, p. 9):

- (i) *Informação geral*: informação de longo prazo, referente ao mundo real, incluindo suas características naturais e culturais, além de outros mundos possíveis ou imaginários;
- (ii) *Informação situacional*: informação derivada do que os participantes percebem ou experienciam na situação em que ocorre a interação;
- (iii) *Informação contextual*: informação derivada das expressões lingüísticas que os interlocutores trocam durante a interação verbal.

O esquema de interação da GF leva em conta, ainda, o fato de que, no momento da comunicação, a informação pragmática do falante inclui uma teoria sobre a informação pragmática do ouvinte e vice-versa. É exatamente essa “teoria do outro” que permite ao falante antecipar as interpretações que o ouvinte poderá fazer de suas expressões e, ao ouvinte, reconstruir a intenção comunicativa mais provável que o falante tenha tido. Há, assim, no momento da interação, uma espécie de conhecimento mútuo entre os interlocutores, ou seja, muito da informação pragmática de que o falante dispõe na interação é comum à informação que o ouvinte possui e vice-versa. O esquema a seguir é representativo dessa relação de conhecimento mútuo entre os interlocutores.



Quadro 2: Conhecimento Mútuo entre Falante e Ouvinte (Dik, 1989, p. 10)2

Embora os interlocutores tenham muita informação em comum, há informação que apenas um deles possui. Aí se encontra, como destaca Dik, o ponto real de comunicação, ou seja, a função primária da interação verbal é a de o falante realizar mudanças na informação pragmática do ouvinte. Essas mudanças podem se dar em termos de (i) *adições*, quando o falante fornece alguma informação que o ouvinte não possuía antes; (ii) *substituições*, quando o falante declara ao ouvinte que determinada informação deve ser substituída por alguma outra; e (iii) *lembranças*, quando o falante faz com que o ouvinte se recorde de alguma informação que ele já possuía, mas da qual não estava ciente no momento da interação.

O modo como funciona a interação verbal é uma das preocupações centrais na GF, conforme se constata a partir dos dois seguintes princípios que se colocam como regentes dos objetivos a serem atingidos pela teoria (Dik, 1989, p. 4):

- 1°) Uma teoria de língua não deve se limitar apenas a apresentar regras e princípios subjacentes à construção de expressões lingüísticas, mas deve tentar, o quanto for

² Esse relacionamento corresponde a uma estrutura do tipo “caixas dentro de caixas dentro de caixas....”. Existe assim uma recursividade teoricamente infinita do seguinte tipo:

$(P_A)_S$: o que o F pensa sobre a informação pragmática do O
 $((P_A)_S)_A$: o que o O pensa sobre o que o F pensa sobre a informação pragmática do O
 $((((P_A)_S)_A)_S)$: o que o F pensa sobre o que o O pensa sobre o que o F pensa sobre a informação pragmática do O ...etc.

possível, explicar essas regras e princípios em termos de sua funcionalidade com relação ao modo como se usam as expressões.

- 2º) Embora uma teoria de expressões lingüísticas não seja o mesmo que uma teoria da interação verbal, deve-se buscar conceber uma teoria de estruturas lingüísticas de um modo que ela possa ser, o mais facilmente e realisticamente possível, incorporada a uma teoria pragmática mais ampla de interação verbal. A teoria da gramática deve ser, assim, um subcomponente da teoria do ULN.

Como se observa especialmente a partir desse segundo princípio, a teoria da GF distingue o sistema do uso da língua, negando, porém, a validade de estudá-los separadamente. Não se concebe, portanto, a forma dos enunciados de modo independente de sua função; postula-se que uma descrição completa inclui referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e estatutos dentro da situação de interação determinada socioculturalmente (Dik, 1980, p. 1).

Todas essas concepções impõem à teoria o objetivo de especificar as expressões de uma língua por meio de um sistema de regras e princípios que incorpore as generalizações mais significativas sobre essa língua, sempre em conformidade com determinados padrões de adequação tanto descritiva quanto explicativa. Desses padrões, os que são particularmente importantes para a GF, tendo em vista seus objetivos, são *adequação pragmática*, *adequação psicológica* e *adequação tipológica*.

O primeiro tipo de adequação, a pragmática, liga-se à necessidade de revelar propriedades das expressões lingüísticas que se mostrem realmente importantes para o modo como essas expressões são usadas na comunicação. As descrições gramaticais devem conter, portanto, referência ao usuário da língua, aos participantes da interação verbal descrita, e isso implica que a teoria deva ser também psicologicamente adequada, incorporando a relação entre propriedades lingüísticas e modelos psicológicos de competência e comportamento lingüísticos que incluam tanto modelos de produção, referentes ao modo como o falante

constrói e formula expressões lingüísticas, quanto modelos de compreensão, ligados ao processamento e interpretação das expressões por parte do ouvinte.³

O último padrão de adequação que a teoria da GF busca atingir, a tipológica, liga-se à preocupação em produzir gramáticas que sejam suficientemente aplicáveis a línguas de qualquer tipo, respeitando-se as similaridades e diferenças existentes entre as diversas línguas do mundo. A busca por adequação tipológica coloca-se como fundamental à teoria da GF, porque se entende que uma “teoria lingüística interessa somente na medida em que revela regras e princípios que têm potencial de aplicabilidade interlingüística” (Dik, 1989, p. 14).⁴

1.1. O modelo de descrição da Gramática Funcional

No modelo da GF, reconhecem-se inicialmente duas unidades lingüísticas maiores: orações (*clauses*) e constituintes extra-oracionais (*extra clausal constituents*). Assume-se que qualquer texto de língua natural pode ser exaustivamente dividido nesses dois tipos de unidade.

O conceito de oração adotado é o mesmo empregado pelas gramáticas tradicionais para referência a orações principais e subordinadas; constituintes extra-oracionais definem-se como constituintes que não são orações nem partes de orações. Como exemplo, considere (1) abaixo:

- (1) Bem, João, acredito que seu tempo acabou.⁵

Os constituintes *bem*, cuja função é a de um “Iniciador”, e *João*, que funciona como um “Vocativo”, são exemplos de constituintes extra-oracionais; *acredito que seu tempo*

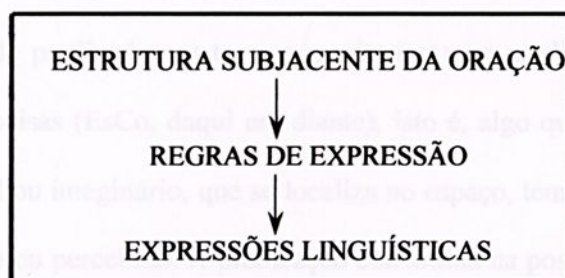
³ Apesar do reconhecimento de que uma GF deva refletir a dicotomia produção/compreensão, Dik ressalta que a GF, conforme desenvolvida até a obra de 1997, aproxima-se mais intimamente de um modelo de produção do que de interpretação (Dik, 1989, p. 13).

⁴ (...) *linguistic theory is of interest only to the extent that it reveals rules and principles which have potential cross-linguistic applicability.*

⁵ Exemplo traduzido de Dik (1989, p. 45).

acabou representa uma oração, sendo que *acredito* corresponde à oração matriz e *que seu tempo acabou*, à oração encaixada.⁶

Dada a preocupação da teoria em abranger tanto aspectos sintáticos quanto semânticos e pragmáticos, a GF propõe como modelo descritivo um esquema abstrato que integra propriedades referentes à forma, ao significado e ao uso das expressões lingüísticas. A unidade oracional é concebida em termos de uma estrutura subjacente abstrata, a qual se aplicam regras de expressão. São essas regras que determinam a forma, a ordem e o padrão entonacional dos constituintes presentes na estrutura subjacente, mapeando-os, assim, na expressão lingüística real. É o que ilustra o esquema abaixo.



Quadro 3: Esquema geral do modelo de descrição da GF (Dik, 1989, p.46)

A estrutura subjacente é em si concebida como uma estrutura internamente complexa. Distinguem-se, em seu interior, camadas (*layers*) ou níveis de organização que se dispõem hierarquicamente conforme o grau de complexidade semântica e estrutural das unidades que elas representam. As diferentes camadas que compõem essa estrutura subjacente, bem como as diferentes unidades estruturais correspondentes a cada uma delas, são as que se expõem a seguir.⁷

⁶ A exposição feita nesta seção focaliza aspectos relacionados aos constituintes internos à oração. Considerações mais detalhadas a respeito dos constituintes extra-oracionais encontram-se nos capítulos II e IV.

⁷ A descrição em camadas hierárquicas não é exclusiva da teoria da Gramática Funcional. A noção de camadas foi primeiramente introduzida por Foley e Van Valin (1984) e se encontra na *Gramática de Papel e Referência* (*Role and Reference Grammar*), teoria funcionalista idealizada por esses autores. No contexto da GF, o conceito foi reelaborado por Hengeveld (1988).

CAMADA

UNIDADE

ORAÇÃO



“ato de fala”

PROPOSIÇÃO



“fato possível”

PREDICAÇÃO



“estado de coisas”

PREDICADO



“propriedade/relação”

aplicado a TERMOS



“entidade/entidades”

Considerada de modo ascendente, a formulação da estrutura subjacente da oração tem como ponto de partida o predicado (*e.g.* dar), que se aplica a um determinado número de termos (*e.g.* João, o livro e o bibliotecário). Entende-se por *termos* constituintes que podem ser usados para referência a entidades do mundo real, ao passo que os *predicados* são constituintes que apenas designam propriedades ou relações entre os termos.

A aplicação do predicado aos termos resulta em uma predicação, que é interpretada como um estado-de-coisas (EsCo, daqui em diante), isto é, algo que pode ocorrer ou existir em algum mundo real ou imaginário, que se localiza no espaço, tem certa duração temporal e pode ser visto, ouvido ou percebido. A predicação construída na posição de argumento de um outro predicado torna-se uma predicação encaixada, como em: “Pedro viu *que João deu o livro ao bibliotecário*”.⁸

Uma predicação pode também se construir como argumento de um predicado de ordem ainda mais alta, como em: “Pedro acreditou *que João deu o livro ao bibliotecário*”. Nesses casos, a predicação passa a designar uma *proposição encaixada*, dado que coisas em que se acredita são fatos possíveis, que, como tais, podem ser conhecidos, negados e avaliados em termos de sua verdade ou falsidade.

A proposição, depois de especificada, submete-se ao esquema ilocucionário – o último nível de análise – que trata da atribuição de força ilocucionária à oração. Chega-se, assim, à

⁸ A predicação mais alta em que tais *construções* são encaixadas é chamada *predicação matriz*, e cada um dos predicados que compõe a predicação matriz se denomina *predicado matriz*. A noção de “construções encaixadas” será retomada no próximo capítulo.

oração completa, cuja estrutura subjacente, vista agora de um modo decrescente, corresponde a um ato de fala (declarativo, imperativo ou interrogativo), aplicado a uma proposição, que contém uma predicação construída a partir da aplicação de um predicado a um conjunto de termos.⁹

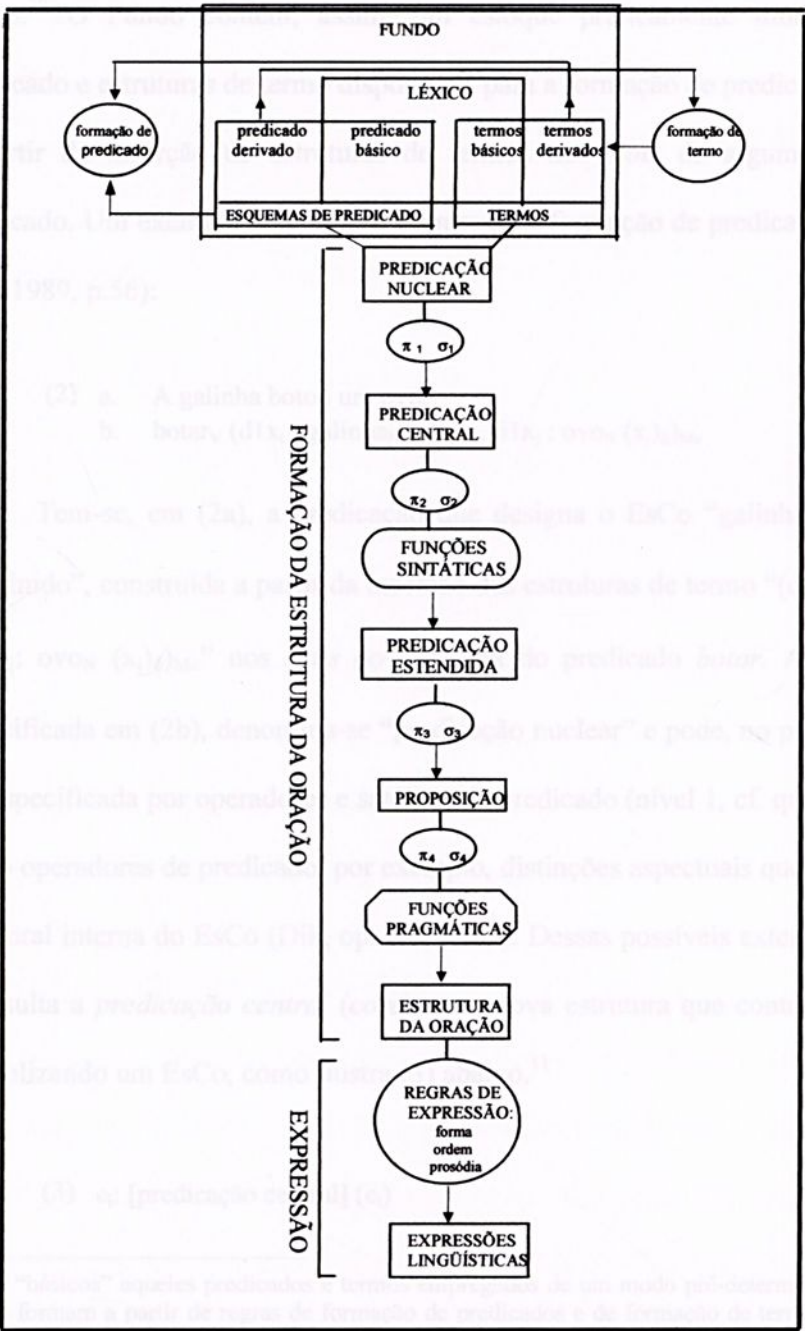
Encontra-se abaixo a caracterização completa das diferentes unidades estruturais que se distribuem nas diversas camadas da estrutura subjacente, em termos do tipo de entidade que representam, da ordem de complexidade em que se classificam e das variáveis empregadas para simbolizá-las nos esquemas descritivos da teoria (Dik, 1989, p. 50):

Unidade estrutural	Tipo de entidade	Ordem	Variável
ORAÇÃO	ato de fala	4	$E_i, E_j, \dots$
PROPOSIÇÃO	fato possível	3	$X_i, X_j, \dots$
PREDICAÇÃO	estado de coisas	2	$e_i, e_j, \dots$
TERMO	entidade	1	$x_i, x_j, \dots$
PREDICADO	propriedade/relação		$f_i, f_j, \dots$

Em cada uma das camadas, distinguem-se também operadores e satélites, que são unidades responsáveis por realizar modificações adicionais às diferentes entidades representadas, como modificações relativas a tempo, aspecto e modalidade, por exemplo. Aos operadores, simbolizados pela variável ' π ', cabem as modificações que se realizam por meios gramaticais, e aos satélites, simbolizados por ' σ ', as modificações expressas lexicalmente nos diferentes níveis.

⁹ A definição das unidades que se distribuem nas diferentes camadas é semelhante à dada por Lyons (1977, p. 442-45) para entidades de ordens diferentes. Entidades de primeira ordem, denominadas "indivíduos" em Lyons, são aquelas localizadas no espaço e que podem ser avaliadas quanto à sua existência, assim como os "termos" que se encontram no nível 1 da estrutura subjacente da GF. "Estado-de-coisas", que se encontram na segunda camada da estrutura subjacente, são em Lyons entidades de segunda ordem, que além de estarem localizadas no tempo e no espaço, são passíveis de avaliação quanto ao seu *status* de realidade; entidades de terceira ordem, representadas por *conteúdos proposicionais*, têm localização espacial e temporal e são avaliadas em termos de sua verdade; e *atos de fala*, entidades de quarta ordem, são do tipo que se localizam no espaço e no tempo e que se avaliam em termos de sua eficácia na comunicação.

No quadro 4 a seguir, encontra-se o esboço de todo o modelo descritivo empregado pela teoria da GF. A partir dele, pode-se observar como as diferentes unidades se combinam na produção das expressões lingüísticas.



Quadro 4: Esboço do modelo de representação lingüística da GF (Dik 1989, p. 53)

Conforme ilustra o esboço, entende-se, na GF, que a primeira habilidade do falante ao produzir uma expressão lingüística é a de construir predicções. Para tanto, ele necessita de um conjunto de predicados e termos, sejam eles básicos ou derivados, que estão disponíveis no componente chamado *Fundo da língua*, na forma de esquemas de predicado e estruturas de termo.¹⁰ O Fundo contém, assim, um estoque praticamente ilimitado de esquemas de predicado e estruturas de termo disponíveis para a formação de predicções, que se constroem a partir da inserção de estruturas de termos nos *slots* de argumento dos esquemas de predicado. Um exemplo de como se representa a formação de predicções na GF é o seguinte (Dik 1989, p.56):

- (2) a. A galinha botou um ovo.
 b. $\text{botar}_V (\text{d1x}_i : \text{galinha}_N (x_i)_\phi)_{Ag} (\text{i1x}_j : \text{ovo}_N (x_j)_\phi)_{Me}$

Tem-se, em (2a), a predicção que designa o EsCo “galinha definida botando ovo indefinido”, construída a partir da inserção das estruturas de termo “ $(\text{d1x}_i : \text{galinha}_N (x_i)_\phi)_{Ag}$ ” e “ $(\text{i1x}_j : \text{ovo}_N (x_j)_\phi)_{Me}$ ” nos *slots* do esquema do predicado *botar*. A predicção, conforme especificada em (2b), denomina-se “predicção nuclear” e pode, no próximo nível de análise, ser especificada por operadores e satélites de predicado (nível 1, cf. quadro 4). Consideram-se como operadores de predicado, por exemplo, distinções aspectuais que definem a organização temporal interna do EsCo (Dik, op. cit., p. 57). Dessas possíveis extensões ocorridas no nível 1, resulta a *predicção central (core)*, uma nova estrutura que contém agora a variável (e_i) simbolizando um EsCo, como ilustra (3) abaixo.¹¹

- (3) e_i : [predicção central] (e_i)

¹⁰ São “básicos” aqueles predicados e termos empregados de um modo pré-determinado; e “derivados, aqueles que se formam a partir de regras de formação de predicados e de formação de termos. Os predicados e termos básicos encontram-se listados no *Léxico*, componente integrado ao Fundo da língua. Para uma explicação mais detalhada, veja Dik (1989, p. 54-56).

¹¹ Dik (1989, p. 57) ressalta que, em alguns casos, a predicção central pode ser idêntica à predicção nuclear. Dependendo da organização gramatical da língua descrita, operadores que marcam a distinção entre perfectivo e imperfectivo, por exemplo, podem não ser relevantes, tornando desnecessária a extensão à predicção nuclear.



A variável e_i , em (3), representa o EsCo envolvido, e a '[predicação central]' corresponde à especificação da natureza desse EsCo, já definida na predicação nuclear. Os operadores relevantes nesse nível são os *operadores de predicação* (nível 2), que definem a localização do EsCo com relação às coordenadas temporal, espacial e cognitiva. A diferença desses operadores com relação aos de predicado é que os operadores de predicação não modificam o EsCo, mas apenas o localizam com relação ao tempo e ao espaço físico ou cognitivo.

A predicação central, especificada por operadores e satélites de nível 2, resulta em uma *predicação estendida*, que tem a seguinte estrutura:

$$(4) \pi_2 e_i: [[\text{predicação central}] (\sigma_2)] (e_i)$$

As variáveis ' π_2 ' e ' σ_2 ' simbolizam os operadores e satélites atuantes no nível 2. Esse nível, como se pode observar no esboço apresentado no quadro 4, é também aquele em que aparecem as funções sintáticas de Sujeito e Objeto.¹²

A partir desse ponto, em que a predicação estendida se apresenta completamente desenvolvida, encontra-se em um nível mais alto da hierarquia: o das *proposições*. Usa-se agora a predicação estendida para especificar um *fato possível* e ela é, então, construída em uma *estrutura proposicional*, que tem a seguinte forma:

$$(5) X_i: [\text{predicação estendida}] (X_i)$$

A predicação estendida serve agora como um predicado sobre a variável 'X', que simboliza o fato possível envolvido. Essa estrutura proposicional pode, do mesmo modo que ocorre com as anteriores, ser estendida por operadores e satélites, agora pertencentes ao nível 3 da estrutura em camadas. Nesse nível, a função dos operadores e satélites é a de

¹² As funções de Sujeito e Objeto são empregadas na GF para representar os diferentes perspectivas, ou "pontos de vista" a partir dos quais o EsCo codificado em determinada predicação pode ser apresentado. Para maiores detalhes sobre o modo como a teoria da GF trata dessas duas funções, veja Dik, 1989, cap. 10.

relacionar o conteúdo da proposição ao mundo subjetivo do falante, veiculando uma atitude ou avaliação pessoal que o falante queira expor com relação ao conteúdo proposicional. Após ser estendida por operadores e satélites de nível 3, a estrutura proposicional passa a representar uma *proposição estendida* com a seguinte forma:

$$(6) \pi_3 X_i : [\text{predicação estendida}] (\sigma_3)] (X_i)$$

A proposição estendida pode agir agora como um predicado sobre a variável de ato de fala (E), o que resulta na seguinte estrutura:

$$(7) E_i : [\text{proposição estendida}] (E_i)$$

Novamente, operadores e satélites de nível 4 podem atuar sobre a estrutura em (7), especificando a força ilocucionária da oração. Com tal estrutura, chega-se à oração completa e seus constituintes podem agora receber diferentes funções pragmáticas, atribuídas de acordo com a estimativa do falante, tendo em vista o ouvinte, quanto ao valor informacional que esses constituintes possuem.¹³

Uma vez atribuídas as funções pragmáticas, a estrutura subjacente da oração apresenta-se completamente especificada e pode ser *input* para as *regras de expressão*, que irão definir a forma dos constituintes, a ordem em que serão expressos e os contornos prosódicos com os quais eles serão veiculados na expressão linguística.

Como se pode notar, uma das características mais positivas do modelo da GF é a abrangência que ele permite atingir nas descrições linguísticas. Na visão de Siewierska (1991, *apud* Neves, p. 3), o objetivo de “dar conta da estrutura da sentença, desde a representação

¹³ No capítulo II, encontra-se uma exposição mais detalhada sobre a noção de funções pragmáticas na teoria da GF.

semântica subjacente até a forma fonética de superfície é o que distingue a gramática funcional de Dik de outras correntes funcionalistas”.

A direção de representação e análise proposta pelo modelo, no entanto, tem sido alvo de constantes críticas, sob o argumento de que, do modo como se apresenta até a obra de Dik (1997), o modelo afasta-se muito do que seriam produções lingüísticas efetivamente realizadas, criando certa incompatibilidade com princípios mais gerais da teoria (veja, por exemplo, Nuyts, 1990 e Hengeveld, 2000). O modo crescente de representação, a partir de um predicado até as regras de expressão, fora, entretanto, ponderado pelo próprio Dik, que reconhece em seu modelo um esquema de representação apenas *quase-produtivo*, que não necessariamente reflete os vários “passos” dados pelo falante na produção de expressões lingüísticas. Segundo ele, a insuficiência desse modelo de descrição para a simulação exata do processo de produção lingüística deve-se às seguintes razões (Dik, 1989, p. 52):

(a) Considerando-se que os falantes não formulam expressões lingüísticas aleatoriamente, mas que, ao dizerem alguma coisa, partem de alguma base de conhecimento, produzir uma expressão lingüística consiste em modelar uma certa parte de conhecimento a uma forma lingüística apropriada. Assim, um modelo de produção que seja psicologicamente adequado terá que contemplar essa base de conhecimento, dispondo, além do componente para representar a capacidade de produzir expressões lingüísticas, de um outro que trate da inter-relação dessa capacidade com a base de conhecimento do falante;

(b) A ordem real de produção não é determinada necessariamente de um modo único. Um falante pode, por exemplo, começar selecionando um esquema de predicado e então especificar os termos exigidos por aquele esquema de predicado para produzir uma predicação completa; ou ele pode começar formando um ou mais termos e então selecionar um esquema de predicado para chegar a uma predicação apropriada. Em geral, o falante pode percorrer os componentes da gramática de diferentes modos, dependendo do contexto, do conhecimento ou partes de conhecimento de que ele

dispõe e de seu fluxo de atenção a partir de *fatos* para *estado-de-coisas* , daí para *propriedades/relações* e então para *entidades* , ou, de outro modo, a partir de *entidades* e *propriedades/relações* para *fatos* e, por fim, para *intenções comunicativas* ;

- (c) A ordem de produção não é organizada de um modo sequencial. Estudos psicológicos de produção (e interpretação!) de sentenças evidenciam que os usuários de língua natural têm grande capacidade para o processamento paralelo de informação. Isso significa que uma “parte” da habilidade de produção do falante pode estar voltada para a construção de termos, enquanto uma outra já está procurando por predicados satisfatórios e uma terceira está ativada para a decisão de que força ilocucionária será empregada na expressão.

Dik ainda ressalta o fato de que, na produção lingüística, podem-se identificar tanto dependências crescentes (*bottom-up*) quanto decrescentes (*top-down*). Uma dependência *crescente* ocorre se, por exemplo, a escolha inicial de algum predicado força o falante a seguir determinados passos, como com relação à escolha ou criação de termos apropriados para ocupar as posições de argumento daquele predicado. Há, por outro lado, uma dependência *decrescente* se, por exemplo, a escolha inicial de algum tópico de discurso forçar certas escolhas para a construção de uma estrutura apropriada àquele tópico.

Essas várias razões inerentes à construção de um modelo descritivo evidenciam a complexidade envolvida na estruturação de expressões lingüísticas. Mediante tais complexidades, Dik considera ser difícil começar a representação da GF a partir de níveis mais altos, com toda a complexidade de expressões lingüísticas no contexto, e então decompor essa complexidade até finalmente chegar a blocos básicos de construção. Isso é difícil, segundo ele, porque os níveis mais altos de organização gramatical pressupõem todos os níveis mais baixos de estrutura para serem adequadamente entendidos e avaliados. Dik

justifica a posição adotada pela GF com relação à direção do modelo e à representação de expressões lingüísticas da seguinte maneira:

(...) apresentamos os vários módulos da GF de um modo *quase-produtivo*, “como se” construindo toda a complexidade de expressões lingüísticas a partir do que consideramos ser nossos blocos mais básicos de construção no nível morfo-semântico, os predicados. A partir daí, acrescentamos mais complexidade, passo a passo, até que, ao final, estamos em posição de alcançar toda a complexidade de expressões lingüísticas, consideradas tanto sua estrutura subjacente quanto suas propriedades de expressão. (Dik 1989, p. 52)¹⁴

¹⁴ (...) we present the various modules of FG in a quasi-productive mode, “as if” building up the full complexity of linguistic expressions from what we consider to be their most basic building blocks at the morpho-semantic level, the predicates. From there, we add more complexity in a step by step fashion, until ultimately we are in a position to grasp the full complexity of linguistic expressions, both as regards their underlying structure and their expression properties.

CAPÍTULO II – AS ORAÇÕES TEMPORAIS E CONDICIONAIS NA GRAMÁTICA FUNCIONAL

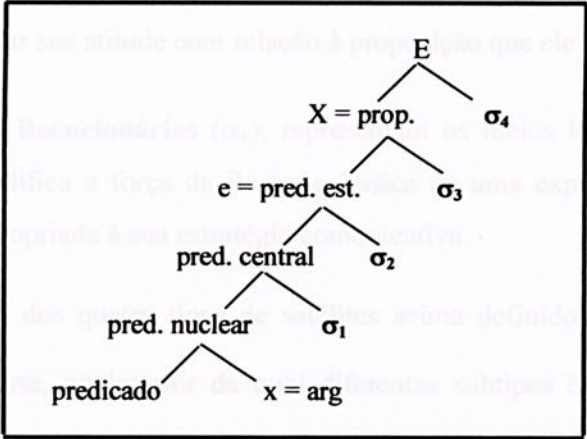
1. A categoria dos satélites

No capítulo anterior, fez-se uma breve exposição sobre a teoria da Gramática Funcional de linha holandesa (Dik, 1989, 1997) que, em especial, embasa o desenvolvimento deste trabalho. Ressaltaram-se, ali, as principais concepções da GF e se apresentou um esboço do modelo abstrato de descrição lingüística proposto pela teoria. Neste capítulo, também de cunho teórico, o propósito é apresentar o tratamento dado pela GF às orações adverbiais e, especialmente, às temporais e condicionais, objetos de estudo desta pesquisa.

Conforme demonstrado no capítulo anterior, em cada uma das camadas que integram a estrutura subjacente abstrata da oração se encontram operadores e satélites. Os operadores (representados pela variável ' π ') correspondem aos meios gramaticais de especificar informação adicional com relação a uma predicação, proposição ou ato de fala. Os satélites definem-se, na GF, como meios lexicais opcionais de adicionar informação a entidades dos vários níveis da estrutura da oração. *Lexicais*, aqui, opõe-se a *meios gramaticais*, representados pelos diferentes operadores; o termo *opcionais* coloca-se em oposição à obrigatoriedade de constituintes tais como os argumentos de um predicado; e se diz que os satélites *acrescentam informação* porque a informação principal é dada pela estrutura a qual o satélite é acrescentado.

Para efeitos de descrição formal, representa-se a atuação dos satélites na estrutura da oração acrescentando-se à variável ' σ ' um índice correspondente ao nível ou camada em que o satélite atua, conforme se visualiza no esquema a seguir.





Quadro 5: Esquema de representação da atuação dos satélites na estrutura em camadas da oração (adaptado de Bolkestein, 1992).

A terminologia utilizada para referir aos diferentes tipos de satélites é dada conforme a camada da oração em que eles atuam. Assim, tem-se:

Camada da oração em que o satélite atua	Tipo de satélite	
Predicado	Satélites de predicado	(σ_1)
Predicação	Satélites de predicação	(σ_2)
Proposição	Satélites de proposição	(σ_3)
Elocução	Satélites ilocucionários	(σ_4)

Quadro 6: Terminologia dos satélites (Dik *et al.*, 1990, p. 28)

De acordo com as funções que desempenham nas diferentes camadas da oração, os quatro tipos de satélites assim se definem (Dik *et al.*, 1990, p.28):

- (i) **Satélites de predicado (σ_1):** representam os meios lexicais que especificam propriedades adicionais do conjunto de EsCo designado por uma predicação nuclear;
- (ii) **Satélites de predicação (σ_2):** correspondem aos meios lexicais que localizam o EsCo designado por uma predicação em um mundo real ou imaginário e, assim, restringem o conjunto de referentes potenciais da predicação à(s) situação(ões) externa(s) que o falante tem em mente.

- (iii) **Satélites de proposição** (σ_3): são os meios lexicais de que o falante se vale para especificar sua atitude com relação à proposição que ele apresenta.
- (iv) **Satélites ilocucionários** (σ_4): representam os meios lexicais por meio dos quais o falante modifica a força da ilocução básica de uma expressão lingüística, de modo a torná-la apropriada à sua estratégia comunicativa.

Cada um dos quatro tipos de satélites acima definidos identifica, na verdade, uma determinada classe, no interior da qual diferentes subtipos de satélites se classificam, de acordo com o domínio semântico em que atuam e o tipo de função que especificam na camada particular a que se ligam. Assim, como pertencentes à classe dos satélites de predicado (σ_1), os seguintes subtipos se apresentam:

Domínio semântico	Função do satélite
Participantes adicionais	Beneficiário, Companhia, Instrumento, Causa Interna
Maneiras e meios	Modo, Velocidade, Qualidade
Orientação espacial	Origem, Percurso, Direção

Quadro 7: Classificação dos satélites de predicado (Dik *et al.*, idem, p. 32)

Os satélites de predicação (σ_2), conforme definidos anteriormente, transmitem informação referente à localização do EsCo, designado pela predicação nuclear, nas dimensões espacial, temporal e cognitiva. Em outras palavras, os satélites que atuam na camada da predicação especificam o quadro, referente a uma dessas dimensões, dentro do qual o EsCo ocorre. Em Dik *et al.* (1990), os satélites de predicação classificam-se do seguinte modo:

Domínio semântico	Função do satélite
Quadro espacial	Localização
Quadro temporal	Tempo, Frequência, Duração
Quadro relativo a outros EsCos	Causa, Circunstância, Condição
Quadro cognitivo	Propósito, Razão

Quadro 8: Classificação dos satélites de predicação (Dik *et al.*, 1990, p. 35)

Conforme se observa no quadro acima, os satélites com função semântica de Tempo, de Frequência e de Duração servem à especificação do quadro temporal em que determinado EsCo ocorre. O satélite de Tempo, como o próprio nome indica, designa o tempo em que (ou desde que, até que) determinado EsCo ocorreu. Exemplos desse tipo de satélite são:¹

- (8) a. João encontrou Pedro **às cinco horas**.
- b. João caminhou no parque **desde depois do almoço até à três horas**.

Um satélite de Duração especifica o tempo durante o qual um EsCo ocorreu, como em:

- (9) João caminhou no parque **por três horas**.

E um satélite de Frequência, o número de vezes em que determinado EsCo se realizou:

- (10) João encontra Pedro **todo dia**.

O satélite de Condição que atua na camada da predicação se encontra entre os satélites que servem à criação de um quadro referente a um EsCo que se relaciona, de algum modo, à ocorrência do EsCo designado na predicação. A função específica do satélite de Condição atuante nesse nível é a de apresentar um EsCo de cuja ocorrência *depende* a ocorrência de um outro EsCo. O exemplo desse tipo de satélite dado em Dik *et al.* (1990) é o seguinte:

¹ Todos os exemplos desta seção foram extraídos de Dik *et al.* (1990).



(11) Ele levará o guarda-chuva **em caso de chuva**.

Juntamente com o satélite de Condição, também atuando no domínio da criação de quadros de referência para o EsCo da predicação, encontram-se os satélites de Causa e de Circunstância. O primeiro especifica um EsCo cuja ocorrência *instiga* a ocorrência do EsCo referido na predicação principal, como se observa em (12); e o segundo tem por função especificar um EsCo que *ocorre simultaneamente* ao EsCo referido na predicação principal, como ilustra (13).²

(12) A árvore caiu **por causa da forte chuva**.

(13) Maria estava fumando um cigarro, **enquanto João estava lavando o carro**.

Como subtipos de satélites de proposição, que se encontram no nível acima da predicação, os seguintes se apresentam:

Domínio semântico	Função do satélite
atitude proposicional	Atitude
validade da proposição	Fonte
	Evidência
	Motivação
	Condição

Quadro 9: Classificação dos satélites de proposição (Dik *et al.*, 1990, p. 38)

Em Dik *et al.* (1990), artigo do qual se extraiu a classificação dada no quadro acima, apenas se classifica o satélite de Condição entre os satélites que servem à especificação da validade de uma proposição, sem exemplificar sua atuação ou, pelo menos, defini-lo em termos da função semântica que desempenha, como se faz com o satélite de Condição que

² A conjunção *enquanto* (*while*, em inglês) que introduz o satélite de Circunstância em (13) é a que de modo mais claro evidencia a simultaneidade de ocorrência dos EsCo envolvidos. Como se verá adiante, no entanto, o satélite introduzido por *quando* em português também pode desempenhar a função de Circunstância.

atua na predicação. Uma definição de satélites condicionais que atuam na proposição consta em Dik (1990), no artigo intitulado *On the semantics of conditionals*, em que o autor afirma que *condicionais proposicionais* [apresentam] a *verdade de uma proposição como uma condição suficiente para a verdade de uma segunda proposição* (p. 242). O exemplo, ali citado, de satélite de condição que atua na camada da proposição é o seguinte:

(14) **Se João ficar**, Pedro sairá

Chega-se, por fim, à classificação dos satélites ilocucionários, que se encontram no último nível da estrutura em camadas servindo à especificação ou modificação da força ilocucionária da oração. As funções semânticas desempenhadas por esses satélites igualam-se a algumas das funções cumpridas por satélites distinguidos nos níveis mais baixos da estrutura da oração. A diferença é que os satélites ilocucionários são sempre interpretados como modificadores *do ato-de-fala*, ao invés do EsCo nele referido. No interior da classe dos satélites ilocucionários, encontram-se tanto o satélite de Tempo quanto o de Condição:

Domínio semântico	Função do satélite
Participantes adicionais	Beneficiário (do ato-de-fala)
Maneira do ato-de-fala	Maneira (do ato-de-fala)
Quadro comunicativo	Tempo, Razão, Condição (do ato-de-fala)

Quadro 10: Classificação dos satélites ilocucionários (Dik *et al.*, 1990, p. 39)

Assim como se dá quando os satélites atuam na camada da predicação, os satélites de Tempo e os de Condição no nível ilocucionário especificam um quadro de referência para a informação principal. Trata-se, agora, porém, de um *quadro comunicativo* que serve de referência a um ato-de-fala completo. O satélite de Tempo atua nesse nível de modo a

(1989, p. 111), qualquer expressão que pode ser usada para referir a uma entidade em algum

especificar a posição do ato-de-fala que está sendo realizado em relação a uma possível série de outros atos-de-fala, como se vê em (15):

(15) **Pela última vez**, me dê isso!

Um satélite de *Razão* expressa, no nível ilocucionário, uma motivação para a realização do ato-de-fala:

(16) **Já que você está interessado**, o João é católico.

O satélite de *Condição* distinguido nesse nível, por sua vez, especifica uma condição para a felicidade/validade do ato-de-fala realizado, como em:

(17) O João saiu, **caso você não tenha ouvido**.

Até aqui, buscou-se demonstrar como os *satélites* são definidos e distinguidos na GF, de acordo com sua atuação nas diferentes camadas da estrutura da oração. Essa caracterização, como se observa, inclui tanto constituintes não-oracionais quanto aqueles que tomam a forma de oração. Satélites oracionais recebem, no entanto, uma definição mais específica dentro da teoria, sendo tratados como *construções encaixadas* em posição de satélite.

2. Orações adverbiais: construções encaixadas em posição de satélite

Conforme foi apresentado anteriormente (Capítulo I, seção 1.1), considera-se na GF que as predicções são formadas por meio da inserção de estruturas de termos nos *slots* de argumento e de satélite dos esquemas de predicado. Entende-se por termo, de acordo com Dik (1989, p. 111), qualquer expressão que pode ser usada para referir a uma entidade em algum

mundo (real ou imaginário).³ *Referir* significa, para o falante, ajudar o ouvinte a estabelecer uma representação mental de alguma entidade sobre a qual algo é predicado (*referência construtora*), ou a identificar, ou recuperar, uma entidade já estabelecida em seu mundo mental (*referência identificadora*). A estrutura de termos pode ser descrita por meio do seguinte esquema (cf. Dik 1989, p. 115):

$$(18) (\Omega x_i : \Phi_1(x_i) : \Phi_2(x_i) : \dots : \Phi_n(x_i)) \quad [n \geq 1]$$

em que ' x_i ' é a *variável de termo*, que se coloca para todo o conjunto de referentes potenciais do termo; ' Ω ' coloca-se para um ou mais *operadores de termo*,⁴ e cada ' $\Phi(x_i)$ ' que compõe a estrutura de termo é entendido como uma "predicação aberta em x_i ", ou seja, uma predicação aberta em que a posição aberta de termo é ocupada por x_i .⁵ O sinal ':' (lido como "tal que") indica que a informação à direita apresenta uma especificação, ou uma restrição dos valores possíveis de x_i , conforme especificado à esquerda. O termo em (19) é um exemplo extraído de Dik (*op. cit.*) para tais notações:

$$(19) (d1x_i: \text{elefante}_N(x_i) \emptyset: \text{velho}_A(x_i) \emptyset) \text{ o elefante velho}$$

em que ' d ' coloca-se para "definido"; ' 1 ', para "singular", e ' $\emptyset$ ' simboliza "função semântica Zero". A estrutura de termo em (19) é lida como: "entidade x_i definida singular tal que a propriedade "elefante" aplica-se a x_i , tal que a propriedade "velho" aplica-se a x_i ".

³ Numa subespecificação, entende-se ainda que as entidades as quais um termo pode se referir são os *referentes potenciais* daquele termo; e as entidades a que um termo pretende se referir em um uso particular são os *referentes pretendidos* daquele termo, naquele uso (cf. Dik, 1989, capítulos 6 e 7).

⁴ A noção de "operador" é originária da álgebra e da lógica formal, conforme evidencia Dik (1989, p. 137). Na lógica de predicado, por exemplo, *quantificadores* são tratados como operadores; a lógica modal utiliza-se de operadores modais e, na lógica do tempo (*tense*), operadores de tempo são empregados.

⁵ O conceito de "predicação aberta" aplica-se a qualquer esquema de predicado que apresenta pelo menos uma posição de termo que não é preenchida por uma *estrutura de termo*. Quando todas as posições de um esquema de predicado são preenchidas por termos, fala-se em uma "predicação fechada" (cf. Dik 1989, p. 71).

O termo em (19), apresentado como termo definido, pode ainda ser interpretado como uma espécie de convite que o falante faz para que o ouvinte identifique um referente que seja compatível com a informação apresentada no termo (*entidade x_i definida singular tal que a propriedade “elefante” aplica-se a x_i , tal que a propriedade “velho” aplica-se a x_i*). Esse “convite” pode ser descrito na forma de uma instrução que o falante fornece ao ouvinte, da seguinte maneira (Dik 1989, p. 116):

(20) Instrução do falante para o ouvinte para identificação de referentes:

- Identifique uma entidade única x_i ;
- Pista 1: x_i tem a propriedade “elefante”;
- Pista 2: x_i tem a propriedade “velho”.

Considera-se, nesse sentido, que as predicções abertas em x_i restringem a “busca de espaço” pelo ouvinte, limitando o conjunto de referentes potenciais do termo em questão. Predicações abertas são, por esse motivo, chamadas *restritores*.

Como aponta Dik (1997, p. 93), termos são prototipicamente utilizados para referência a entidades de primeira ordem, existentes no espaço, como pessoas, coisas e lugares, mas há também termos que se referem a todos os outros tipos de entidades de ordem mais alta (‘e’, ‘X’, e ‘E’). Assim, tem-se:

- (21) a. João assistiu **ao jogo**.
(João assistiu a um evento, uma entidade do tipo e)
- b. João conhece **os fatos**.
(João conhece conteúdos proposicionais, uma entidade do tipo X)
- c. João respondeu **a questão**.
(João respondeu um ato-de-fala, uma entidade do tipo E)

Mais comumente, no entanto, entidades de ordem mais alta são referidas por meio de termos complexos, que contêm uma predicação, uma proposição, ou uma oração encaixada na posição de termo, como mostram, respectivamente, as construções a seguir:

- (22) a. João presenciou **a troca de guardas**.
(a referência é feita a um evento, uma entidade do tipo e)
- b. João sabia que **Maria tinha falhado ao se expor**.
(a referência é feita a um conteúdo proposicional, uma entidade do tipo X)
- c. João reconheceu o motivo **por que Pedro faltou ao compromisso**.
(a referência é feita a uma questão, uma entidade do tipo E)

Um termo complexo tal como (A: $[\Phi]$) é geralmente usado para referir a uma entidade do tipo A, conforme especificada por Φ , que se encontra encaixado à estrutura de termo complexo. Quando Φ tem forma de uma oração, fala-se em *orações encaixadas* (E), *proposições encaixadas* (X) e *predicações encaixadas* (e), estruturas de ordem mais alta que contribuem para a especificação de um termo complexo. As construções que apresentam estruturas em esquema de encaixamento denominam-se, de modo geral, *construções encaixadas*: termos complexos que contêm construções encaixadas como seus restritores. A definição de construções encaixadas abrange tanto estruturas encaixadas em posição de argumento (comumente referidas como complemento oracional), como as dadas em (23),⁶ quanto estruturas encaixada em posição de satélites, as chamadas orações adverbiais, como em (24):

- (23) a. **Que Bill ama Sally** é inacreditável. (primeiro argumento)
- b. João acredita **que Bill ama Sally**. (segundo argumento)
- c. João convenceu Pedro **de que Bill amava Sally**. (terceiro argumento)
- (24) a. **Antes que ele deixasse a reunião**, João fez algumas observações importantes. (satélite temporal)
- b. João está triste, **porque Sérgio ama Cristina**. (satélite de causa)
- c. **Se Sérgio se apaixonar por Cristina**, João ficará triste. (satélite de condição)
- d. **Enquanto Sérgio estiver apaixonado por Cristina**, João estará triste. (satélite de duração)

⁶ O predicado que apresenta tais argumentos complexos denomina-se *predicado matriz*, e a oração que contém tal predicado, *oração matriz*.



A denominação de construções encaixadas pode, à primeira vista, parecer problemática em se tratando de orações adverbiais. Há muito se tem evidenciado o fato de essas orações, quanto a sua ligação com a outra oração (a principal), terem um caráter mais “frouxo” se comparadas às chamadas orações substantivas, ou mesmo, às adjetivas restritivas (Haiman & Thompson, 1984; Hopper & Traugott, 1993). As orações adverbiais, conforme se argumenta, não constituem caso de dependência total à oração matriz. Elas são mais bem descritas como caso de *interdependência*, no sentido de que, em termos semânticos, a oração adverbial contribui para a especificação do significado da oração principal, mas, em termos estruturais, ela não conta como constituinte essencial à construção da oração matriz.

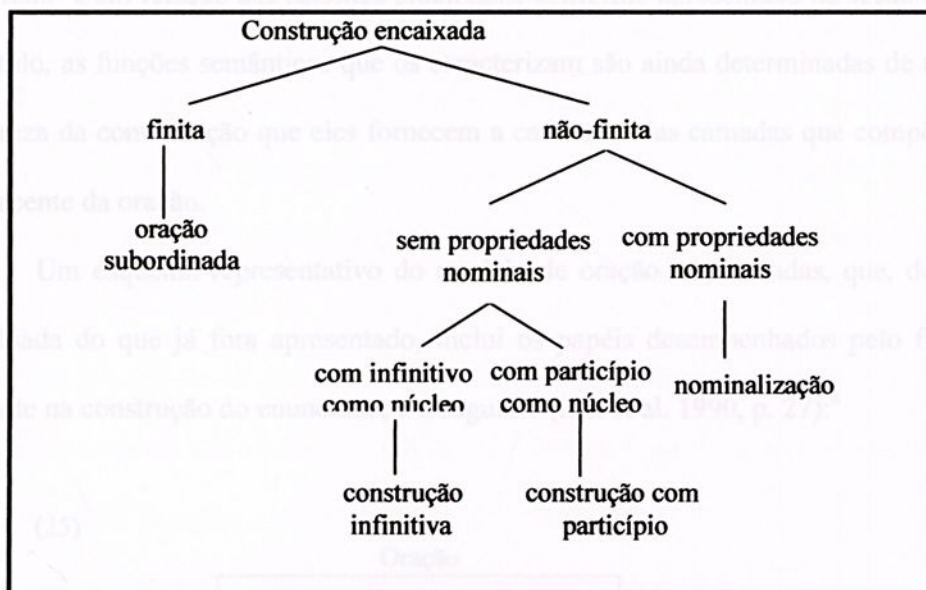
A questão dos diferentes graus de integração entre orações subordinadas e suas principais não é explicitamente tratada na GF. Entretanto, torna-se evidente na teoria que a noção de encaixamento não se liga à dependência estrutural ou semântica de um constituinte a outro, mas à posição, reservada a diferentes tipos de constituintes nos esquemas descritivos, em que determinada estrutura se encontra *encaixada*. Desse modo, uma vez que as orações adverbiais se definem na GF como construções encaixadas em posição de satélite, constituinte opcional, especificador de informação adicional, contempla-se, nessa definição, o menor grau de integração das adverbiais a sua matriz.

Na segunda parte de sua *Teoria da Gramática Funcional*, voltada à descrição das estruturas complexas, Dik (1997) não trata especificamente das construções encaixadas em posição de satélites, mas afirma que:

Não há nenhuma razão para assumir, porém, que elas não podem ser tratadas em termos dos parâmetros [apresentados] na descrição de termos complexos que ocupam posições de argumento. (Dik 1997, p. 95)⁷

⁷ *There is no reason to assume, however, that they cannot be dealt with in terms of the parameters (...) in the description of complex terms occupying argument positions.*

Os referidos parâmetros correspondem a uma série de propriedades formais e funcionais que, segundo Dik, permitem que se chegue à seguinte taxionomia de construções encaixadas, presumivelmente válida para as todas as línguas.



Quadro 11: Taxionomia de construções encaixadas (Dik 1997, p. 143)

Os dois tipos de oração contemplados neste trabalho - adverbial condicional, introduzida por *se*, e temporal iniciada por *quando* – correspondem, assim, no modelo da GF, a construções encaixadas em posição de satélite e, uma vez que são orações do tipo finitas, denominam-se, conforme a taxionomia acima, *orações subordinadas*.

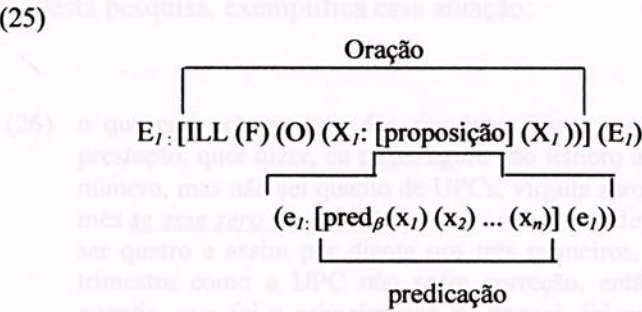
Dik afirma que, em uma caracterização geral de seus aspectos formais, as orações subordinadas podem ser vistas como contendo todas as propriedades de uma oração principal, exceto o(s) dispositivo(s) que assinala(m) seu caráter de subordinada. Esses dispositivos, cuja expressão real pode variar entre as línguas, são os seguintes (Dik, 1997, p. 144):

- (i) um subordinador;
- (ii) uma ordem especial para os constituintes subordinados;
- (iii) um “modo dependente” especial;

(iv) uma combinação de (i)-(ii).

As propriedades funcionais das construções encaixadas determinam-se a partir de relações semânticas e discursivo-pragmáticas que elas mantêm com as estruturas com as quais ocorrem. Com relação aos satélites oracionais, conforme apresentado na seção anterior deste capítulo, as funções semânticas que os caracterizam são ainda determinadas de acordo com a natureza da contribuição que eles fornecem a cada uma das camadas que compõe a estrutura subjacente da oração.

Um esquema representativo do modelo de oração em camadas, que, de forma mais detalhada do que já fora apresentado, inclui os papéis desempenhados pelo falante e pelo ouvinte na construção do enunciado, é o seguinte (Dik et al. 1990, p. 27):⁸



O nível mais baixo do esquema, que compreende as camadas do predicado e da predicação, é visto como constituindo o nível representacional do enunciado, que diz respeito à descrição de um EsCo, pertencente a um mundo real ou fictício, a que o falante quer se referir. O nível mais alto, correspondente às camadas da proposição e da oração (atos de fala), por sua vez, é representativo do nível interpessoal, que diz respeito ao modo como o falante apresenta a informação ao ouvinte.⁹ Essa distribuição das camadas em dois níveis maiores de

⁸ ILL = força ilocucionária; F = falante; O = ouvinte.
⁹ Os termos *representacional* e *interpessoal* que identificam os níveis de descrição da estrutura da oração em camadas remetem, respectivamente, à *função representacional* (*referencial* ou *ideacional*) e à *função interpessoal* da linguagem, como proposta por Halliday (1985).

estruturação do enunciado permite que se descreva, de forma mais completa, o funcionamento das orações condicionais e temporais, em análise neste trabalho.

2.1. As orações condicionais

Uma oração condicional (na visão da GF aqui adotada, uma construção encaixada na posição de satélite com a função semântica mais geral de *condição*)¹⁰ atua na especificação tanto de estruturas de nível representacional (na camada da predicação) quanto de nível interpessoal (na camada da proposição e na ilocucionária (dos atos-de-fala)). Contribui para a especificação da camada da predicação e, assim, pertence ao nível representacional do enunciado, a condicional que veicula um EsCo de cuja ocorrência depende a ocorrência de um outro EsCo, aquele veiculado na oração matriz. A condicional na ocorrência abaixo, extraída do corpus desta pesquisa, exemplifica essa atuação:

- (26) o que está acontecendo é o seguinte, é que o meu a...há um decréscimo em cada prestação, quer dizer, eu pago, agora não lembro assim de cor, mas é um determinado número, mas não sei quanto de UPCs, vírgula zero, zero não sei o quê então, no outro mês *se esse zero zero é seis, passa a ser cinco*, depois esse zero zero na outra passa a ser quatro e assim por diante nos três primeiros, não, nos primeiros meses daquele trimestre como a UPC não sofre correção, então eu ...eu pago uma determinada quantia, que foi a primeira que eu paguei, foi onze mil setecentos e, e, e qualquer coisa... (RJ/D2/355/L16, p.6)

No inquérito em que a condicional em (26) ocorre, um dos informantes fala sobre o modo como vêm sendo corrigidas as prestações de um financiamento que fez para a compra de um apartamento. A construção em que a oração condicional aparece é um exemplo do decréscimo (*de seis para cinco*) que há no valor de cada prestação paga e representa, assim, apenas a descrição de um EsCo pertencente a um *suposto* mundo, aquele em que é válida a

¹⁰ Apesar dessa definição, para facilitar a exposição, usarei os termos *construção condicional/temporal* e seus correspondentes tradicionais *oração (adverbial) condicional/temporal* alternativamente ao longo deste trabalho. A estrutura a que a oração condicional/temporal se associa, nesse mesmo sentido, será chamada *oração principal, oração núcleo*, ou *oração matriz*.



exemplificação que o falante faz, não havendo aí qualquer expressão de comprometimento do falante com a verdade do que é expresso. Dito de um outro modo, a condicional em (26) não tem a função de marcar uma relação com o *mundo subjetivo* do falante, como se dá com as especificações no nível da proposição.

O reconhecimento desse funcionamento da condicional, no entanto, não é consensual. Em estudo sobre condicionais do grego antigo, Wakker (1992) discorda da existência de condicional atuante no nível da predicação, do tipo em (26). Para ela, há, na teoria da GF, inconsistência entre as definições gerais dadas aos satélites e as que se encontram especificamente para os satélites condicionais.

Segundo a autora, na definição geral de satélites, dada em Dik *et al.* (1990), interessa particularmente a camada a que eles se ligam: satélites de predicado são aqueles que especificam informação adicional sobre o predicado, satélites de predicação, sobre a predicação, os de proposição, sobre a proposição, e os satélites ilocucionários, por fim, sobre a força ilocucionária da oração.

Voltada aos satélites em geral, a definição dos constituintes com base em sua atuação nas diferentes camadas é muito clara, mas, conforme observa Wakker, torna-se confusa quando se consideram satélites condicionais. Um satélite condicional do nível da predicação define-se como um satélite que *especifica um EsCo de cuja ocorrência depende a ocorrência de um outro EsCo* (Dik *et al.* 1990, p. 34 (ênfase acrescentada)). Um satélite condicional de proposição, por outro lado, *apresenta a verdade de uma proposição, α , como uma condição suficiente para a verdade de uma segunda proposição, β* (Dik 1990, p. 237(idem)). Um exemplo de condicional de proposição é (27):

(27) Se João ficar, Pedro sairá.

Assim, ao contrário do que ocorre quando se trata da tipologia geral de satélites, na definição de condicionais de predicação e condicionais proposicionais em Dik *et al.* (1990), é a complexidade interna do satélite o fator decisivo, e não mais a camada em que o constituinte atua: uma condicional de predicação é definida como um *EsCo*, ao passo que uma condicional proposicional é definida como uma *proposição* (Wakker 1992, p.372). Soma-se a essa inconsistência, segundo Wakker, a dificuldade em se determinar com precisão a distinção entre a constituição interna dos satélites condicionais e das próprias orações a que eles se ligam: a um *EsCo*, no caso da condicionais de predicação, ou a uma *proposição*, no caso de uma condicional proposicional.

Um outro fator que contribui para a instauração do problema em se definir com precisão o satélite do tipo condicional é que, em um artigo exclusivamente a respeito das condicionais, esse escrito pelo próprio Dik no mesmo livro em que se encontra o artigo voltado à caracterização geral dos satélites dentro da teoria da GF, apenas satélites condicionais do tipo *proposicional e ilocucionário* são tratados (Dik, 1990, p. 233-261). O fato de Dik sequer mencionar, nesse artigo, o tipo de satélite condicional de predicação poderia, assim, reforçar o argumento de Wakker (1992) acerca da inexistência desse tipo de satélite ou, pelo menos, sustentar o caráter contestável dessa existência.

No artigo em questão, intitulado *On the Semantics of Conditionals*, o propósito central, no entanto, é analisar as orações condicionais dentro uma abordagem cognitiva, com base nas capacidades epistêmica e lógica dos falantes de língua natural. Dentro dessa perspectiva, Dik propõe que estruturas condicionais sejam interpretadas em termos de um sistema de representações mentais, denominadas ‘quadros’ (*pictures*), que se definem do seguinte modo (Dik, 1990, p. 235):

- (i) Os quadros consistem em representações perceptuais (‘imagens’) e em representações conceptuais; as últimas são codificadas em proposições do formato definido pela GF;

- (ii) Quadros são dependentes de sujeitos; todo quadro é quadro de alguém;
- (iii) Quadros são estruturas dinâmicas: eles podem ser criados, modificados, e descartados. Um quadro de X em t_i (XPt_i) não é necessariamente idêntico ao quadro de X em t_j (XPt_j);¹¹
- (iv) Quadros são finitos: eles não contêm tudo que pode ser sabido, mas somente o que X sabe em t_i ;
- (v) Quadros podem ser sobrepostos: um quadro XP de X pode conter uma ‘imagem’ do quadro YP de Y;
- (vi) Diversos quadros podem ser considerados ao mesmo tempo.

Representam-se esses quadros da seguinte maneira (Dik , *op cit.*):

- (28) a. $XPt_0 \quad T\alpha$
 “No quadro de X em t_0 , α é verdadeiro”
- b. $YPt_0 \quad F\alpha$
 $XPt_0 \quad T\alpha$
 “No quadro de X em t_0 , α é verdadeiro, enquanto no quadro que X tem em t_0 do quadro que Y tem em t_0 , α é falso”

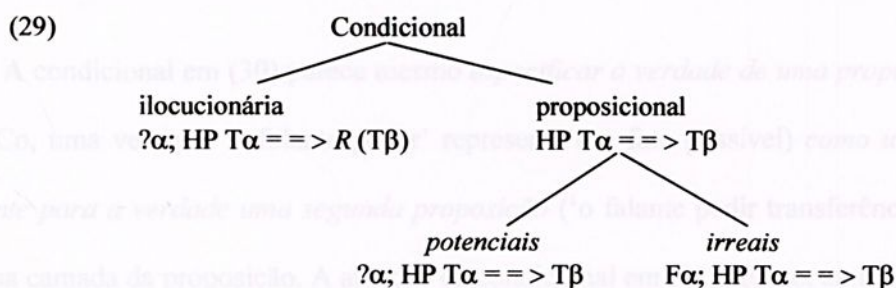
Dik demonstra que, sob tal abordagem, pode-se afirmar que, inerente ao uso de condicionais pelos falantes, encontra-se a criação de quadros hipotéticos que têm sempre um antecedente verdadeiro. A relação entre a condicional e o antecedente verdadeiro, dentro de cada quadro mental, se dá de dois modos diferentes, que resulta na distinção entre tipos de condicionais:

- (i) Condicionais proposicionais: expressam um quadro hipotético em que α é verdadeiro (T), e dentro do qual β é considerado verdadeiro: HP (*Hypothetical Picture*) $T\alpha \Rightarrow T\beta$ (cf. João pode ficar ou não. Mas se João ficar, Pedro sairá (Dik, 1990, p.243));
- (ii) Condicionais ilocucionárias: expressam também um quadro hipotético em que α é verdadeiro, dentro do qual, no entanto, a verdade de β é considerada relevante

¹¹ t = tempo.

(R): $HP\ T\alpha \Rightarrow R\ (T\beta)$ (cf. *se você está com fome, tem sanduíches na geladeira* (Dik 1990, p. 253)).

A partir da distinção entre *condicionais proposicionais* e *condicionais ilocucionárias*, distinguem-se ainda, dentro da classe das condicionais proposicionais, condicionais *potenciais*, se o antecedente condicional é considerado incerto ($? \alpha$), e condicionais *irreais*, se o antecedente é falso ($F\alpha$). Os diferentes tipos de condicionais que resultam da participação dessas estruturas na criação de diferentes quadros mentais podem ser vistos no diagrama a seguir (Dik, 1990, p. 242):



A interpretação das condicionais em termos da criação de quadros hipotéticos ressalta a interação entre falante e ouvinte. Pode-se facilmente entender, a partir dessa abordagem, que os quadros hipotéticos, com seus diferentes valores de verdade, são criados pelo falante com intenções diferentes tendo em vista a interpretação do ouvinte. Sendo assim, a própria linha em que o artigo de Dik (1990) é conduzido justificaria o enfoque dado apenas às condicionais que atuam nas camadas mais altas da estrutura da oração, representativas do nível interpessoal do enunciado, justificando-se, a partir daí, também a não-referência a condicionais atuantes na camada da predicação, que se ligam ao nível representacional do enunciado, não fazendo nenhum sentido, portanto, dentro dessa perspectiva, associar a omissão do tipo de condicional predicacional à sua inexistência.

Contudo, é de fato pouco precisa a distinção entre condicionais que atuam no nível representacional, ligando-se à camada da predicação, e aquelas que, atuando no nível interpessoal, ligam-se às camadas da proposição ou dos atos de fala, tomando-se, para tanto, apenas a definição dada aos satélites condicionais em Dik *et al.* (1990) e em Dik (1990). Abaixo, encontra-se uma ocorrência que, acredita-se, atua no nível da proposição, uma vez que ela mais se ajusta à definição dada a esse tipo de condicional:

- (30) Inf.2: (...) dessa relação salário, é, aluguel, por exemplo, é completamente diferente, por exemplo, em Curitiba eu (es)tive agora o fim-de-semana em Curitiba, (por)que eu se puder ainda acabo ca ...pedindo transferência pra Universidade Federal do Paraná...

Inf.1: (vo)ce gostou assim, é? (RJ/D2/355 /L8, p.3)

A condicional em (30) parece mesmo *especificar a verdade de uma proposição* (e não um EsCo, uma vez que ‘o falante poder’ representa um fato possível) *como uma condição suficiente para a verdade uma segunda proposição* (‘o falante pedir transferência’), atuando assim na camada da proposição. A atuação da condicional em (31) abaixo, embora semelhante a (30), é, no entanto, bem menos clara.

- (31) L2: o café:: em casa o café é muito demorado ... muito complicado quer dizer até eles comerem todas as coisas que fazem ... parte do café eles demo::ram um briga com o outro a divisão tem que ser Absolutamente exata...porque se um tiver mais do que o outro sai um monte de briga na realidade não acabam tomando tudo não comendo tudo que tem (...) (SP/D2/360/L13, p.4)

A condicional ‘se um tiver mais do que o outro’, nesse caso, especifica um EsCo (‘um ter mais do que o outro’) de cuja ocorrência depende a ocorrência do outro EsCo (‘sair um monte de briga’), ou ela apresenta a verdade de uma *proposição* (‘um ter mais do que o outro’) como uma condição suficiente para a verdade da outra proposição (‘sair um monte de briga’)? Em outras palavras, o ‘condicionamento’ entre os dois eventos na construção se dá em termos da *verdade* de um e conseqüente verdade do outro (condicional proposicional), ou

se dá em termos da *ocorrência* de um em dependência da ocorrência do outro (condicional predicacional)? Ambas as definições parecem se aplicar.

A definição geral dada aos satélites fundamenta-se basicamente na posição que eles ocupam no interior da estrutura hierárquica da oração, e a camada a que cada um dos satélites se liga é o parâmetro por meio do qual se determina a tipologia dos satélites, conforme se pode notar a partir das definições apresentadas até aqui. Dik *et al.* (1990) propõem, no entanto, mais dois parâmetros que, segundo eles, contribuem para a caracterização completa e, assim, para o estabelecimento de uma tipologia geral dos satélites. A discussão que se apresenta a seguir busca demonstrar que, em se tratando dos satélites condicionais em português, apenas um desses parâmetros adicionais é útil para a distinção entre condicionais que se ligam à camada da predicação e aquelas que atuam na camada da proposição. Ao outro parâmetro adicional será dada, na terceira seção deste capítulo, uma utilidade diferente da que propõem Dik *et al.*

O primeiro parâmetro apresentado pelos autores diz respeito ao caráter restritivo/não-restritivo dos satélites. A oposição entre constituintes adverbiais restritivos e não-restritivos baseia-se na participação ou não do satélite na definição do referente a que ele se liga. Exemplos desse comportamento dos satélites, no entanto, não são apresentados pelos autores (cf. Dik *et al.* p. 63-4).

Wakker (1992) demonstra que a diferença entre orações subordinadas restritivas e não-restritivas se observa mais facilmente em orações relativas, tais como em:¹²

- (32) a. O garoto que estuda clássicos é meu amigo.
b. O garoto, que estuda clássicos, é meu amigo.

¹² Conforme observa Wakker (1992, p. 383), a oposição entre satélites restritivos e não-restritivos, apresentada em Dik *et al.* (1990), corresponde ao que Ducrot (1972) chama de 'phrases liées' (orações restritivas) e 'phrases coordonnées' (orações não-restritivas) e se assemelha também ao que Haegeman e Wakker (1984) denominam 'orações periféricas vs. não- periféricas/centrais'.

A oração relativa em (32a) é necessária para a identificação do referente pretendido e seria, na GF, representada como um restritor de termo, tendo, portanto, um caráter restritivo. Já em (32b), o falante apresenta a informação da oração relativa como válida independentemente da informação na oração principal. A informação na oração subordinada não é, desse modo, necessária para a identificação do referente pretendido e tem, portanto, um caráter não-restritivo. Na visão da GF, conforme Wakker (1992, p. 383) observa, esse último tipo de oração é representativo de constituintes que pertencem ao domínio extra-oracional.

A partir da interação entre tipo de satélite e seu caráter restritivo/não-restritivo Dik *et al.* (1990) estabelecem a seguinte classificação (p. 63):¹³

	restritivo	não-restritivo
σ_1	$\pi_2 e_1$: [pred $x_1 x_2 \sigma_1$] (e_1)	—
σ_2	$\pi_2 e_1$: [predicação]: σ_2 (e_1)	$\pi_2 e_1$: [predicação] (e_1), σ_2 (e_2)
σ_3	—	$\pi_3 X_1$: [pred. estendida] (X_1), σ_3 (X_2)
σ_4	—	$\pi_4 E_1$: [proposição] (E_1), σ_4 (E_2)

Conforme descrevem os autores, satélites de predicado (σ_1) necessariamente contribuem para a especificação do EsCo e são, por isso, necessariamente restritivos. Os satélites de predicação (σ_2) podem tanto restringir a natureza do EsCo, especificando-os por meios das coordenadas de tempo/espço, quanto fornecer informação adicional ao EsCo já definido. Já os satélites de nível mais alto (σ_3 e σ_4) necessariamente fornecem informação adicional correspondente à avaliação do falante acerca da natureza ou da ocorrência do EsCo, ou às intenções comunicativas com as quais ele apresenta o EsCo ao ouvinte. A caracterização e classificação das diferentes camadas em termos do parâmetro restritivo/não-restritivo estão de acordo com a interpretação de que a tarefa de representar o EsCo termina no nível da predicação estendida, como os autores ressaltam.

¹³ Nos esquemas de representação, a vírgula indica o *status* não-restritivo do satélite.

O caráter restritivo/não-restritivo dos satélites corrobora a análise do satélite condicional em (26), aqui repetido em (33), como um satélite de predicação.

- (33) o que está acontecendo é o seguinte, é que o meu a...há um decréscimo em cada prestação, quer dizer, eu pago, agora não lembro assim de cor, mas é um determinado número, mas não sei quanto de UPCs, vírgula zero, zero não sei o quê então, no outro mês se esse zero zero é seis, passa a ser cinco, depois esse zero zero na outra passa a ser quatro e assim por diante nos três primeiros, não, nos primeiros meses daquele trimestre como a UPC não sofre correção, então eu ...eu pago uma determinada quantia, que foi a primeira que eu paguei, foi onze mil setecentos e, e, e qualquer coisa...

O conteúdo da condicional, nesse caso, é informação necessária para a compreensão do conteúdo da oração principal, para que se entenda o decréscimo que há na prestação: de *seis*, presente na condicional, para *cinco*, presente na principal. Assim, o satélite condicional em (33) participa da identificação do referente (o conteúdo da principal) a que se liga e tem, portanto, caráter restritivo. Essa mesma interpretação não parece possível para o caso da condicional em (30), aqui apresentada novamente em (34), o que confirma seu caráter de proposição:

- (34) Inf2: (...) dessa relação salário, é, aluguel, por exemplo, é completamente diferente, por exemplo, em Curitiba eu (es)tive agora o fim-de-semana em Curitiba, (por)que eu se puder ainda acabo ca ...pedindo transferência pra Universidade Federal do Paraná...

Inf1: (vo)cê gostou assim, é?

A condicional *se eu puder* de fato não restringe a referência da oração principal. O conteúdo *eu ainda acabo pedindo transferência pra Universidade Federal do Paraná* pode ser compreendido sem a presença da condicional, que apenas apresenta informação adicional correspondente à avaliação do falante acerca da probabilidade de ocorrência do EsCo. A condicional em (34) pode então ser interpretada como satélite não-restritivo. A que propriedades da condicional, contudo, estaria relacionada essa interpretação? A atuação de um satélite condicional na camada da proposição estaria associada à presença direta do falante,

marcada pela primeira pessoa? Ou à presença do verbo modal *poder*? E o que dizer a esse respeito de uma condicional como em (31) (repetida em (35))?

- (35) L2: o café::em casa o café é muito demorado...muito complicado quer dizer até eles comerem todas as coisas que fazem...parte do café eles demo::ram um briga com o outro a divisão tem que ser Absolutamente exata...porque se um tiver mais do que o outro sai um monte de briga na realidade não acabam tomando tudo não comendo tudo que tem (...)

Como mostrado anteriormente, o conteúdo do satélite condicional *se um tiver mais do que o outro* tanto pode ser interpretado como a especificação de uma avaliação do falante, acerca da verdade de ocorrência do EsCo expresso na oração principal (*sai um monte de briga*), quanto pode ser entendido como a especificação de uma relação de dependência de ocorrência entre os dois EsCos. Levando-se em conta o caráter restritivo/não-restritivo do satélite, no entanto, a condicional em (35) assemelha-se muito mais àquela em (33) do que a que se encontra em (34), ou seja, *se um tiver mais do que o outro* constitui informação importante para a compreensão (e, assim, para a identificação do referente) do conteúdo expresso na oração principal *sai um monte de briga*.

Sendo assim, até se poderia afirmar, com base em sua natureza não-restritiva, que o satélite condicional em (35), assim como aquele em (33), atua na camada da predicação especificando *um EsCo de cuja ocorrência depende a ocorrência de um outro EsCo*. Entretanto, de acordo com o que postulam Dik *et al.* (1990) com relação à interação do caráter restritivo/não-restritivo e o tipo de satélite, os satélites de predicação tanto podem ser restritivos quanto não-restritivos, ao passo que os satélites proposicionais são sempre *não-restritivos*. O caráter restritivo/não restritivo do satélite auxilia, portanto, apenas na identificação dos satélites proposicionais, que, por definição, seriam sempre não-restritivos. Reconhecer com precisão a distinção entre satélites condicionais predicacionais e proposicionais, no entanto, permanece problemático.



O segundo critério proposto por Dik *et al.* (1990), para auxiliar na determinação de uma tipologia dos satélites, diz respeito à complexidade interna que os diferentes tipos de satélite apresentam. Conforme demonstram os autores, o grau de complexidade interna dos satélites também se define em termos do modelo hierárquico de representação da oração, empregado para defini-los em função da camada a que se ligam.

Na estrutura hierárquica da oração, a construção com o maior grau de complexidade é a oração completamente especificada, a qual se aplica uma força ilocucionária. A oração inclui uma estrutura com um grau menor de complexidade – a proposição – e essa, por sua vez, inclui a predicação, uma estrutura com um grau mais baixo de complexidade. No interior da predicação, encontram-se duas unidades que apresentam complexidade ainda mais baixa: predicados e termos. Vê-se assim que, na composição da oração, as estruturas se encontram em ordem crescente de complexidade interna: um *predicado* designa uma propriedade ou relação, um *termo* designa um indivíduo, uma *predicação* designa um EsCo, uma *proposição* designa um fato possível, e uma *oração* é representativa de um ato de fala.

Dik *et al.* (1990, p. 61) estendem a constituição interna das camadas que integram a oração aos diferentes tipos de satélite a partir dos seguintes exemplos:

- (36) João encontrou Pedro **repetidamente**.
- (37) João encontrou Pedro **na plataforma**.
- (38) João encontrou Pedro **depois de deixar o trem**.
- (39) João encontrou Pedro **porque queria falar com ele**.

Os autores demonstram que, no que diz respeito à atuação nas camadas da oração, os satélites em (36) a (39) classificam-se todos como satélites de predicação (σ_2). Assim, eles não se diferem com relação à camada a que se ligam, mas se distinguem quanto à complexidade interna que apresentam. O satélite de Frequência *repetidamente*, em (36), tem a complexidade interna de um *predicado*, designando uma propriedade ('repetida') do EsCo

descrito na oração principal. O satélite de Localização *na plataforma*, em (37), tem a complexidade interna de um *termo*, designando um *indivíduo* ('a plataforma'), no qual se situa o EsCo descrito na oração principal. O satélite de Tempo *depois de deixar o trem*, em (38), por sua vez, tem a complexidade de uma *predicação*, que designa um EsCo ('a saída de João do trem') com relação ao qual o EsCo descrito na oração principal se localiza no tempo. O satélite de Razão *porque queria falar com ele*, em (39), por sua vez, constitui-se internamente como uma *proposição* e designa, portanto, um *conteúdo proposicional* ('eu quero falar com Pedro') que motiva a ocorrência do EsCo na oração principal.

Segundo os autores, do mesmo modo como é possível distinguir tipos de satélites de predicação considerando-se a complexidade interna que apresentam, como em (36)-(39), podem-se reconhecer tipos diversos de satélites de predicado, de proposição e de satélites ilocucionários. Com relação aos satélites de condição em (26), (30) e (31), isso conduziria à interpretação de que eles atuam sempre em uma camada da oração, digamos, na da proposição, ora apresentando a complexidade interna de um EsCo (como em (26), por exemplo), ora a de um fato possível (em (30)). É, no entanto, difícil defender que o critério se aplique à caracterização de satélites condicionais igualmente bem aos outros tipos de satélites, uma vez que, conforme já se apontou acima, a complexidade interna do satélite condicional define sua própria atuação em duas diferentes camadas da estrutura da oração: na *predicação*, com a complexidade interna de um EsCo, e na *proposição*, com a complexidade de um *fato possível*, um conteúdo proposicional.

Verifica-se, portanto, que a complexidade interna do satélite, proposta em Dik *et al.* (1990) como critério para auxiliar na caracterização de satélites pertencentes a uma mesma camada da oração, encontra-se também como fator que define o satélite condicional em função de diferentes camadas da estrutura da oração em que atua, e esse fato não parece ser simples coincidência.



Entre todos os tipos de satélites distinguidos em Dik *et al.* (1990), o satélite condicional é o único cuja atuação nas diferentes camadas se define de acordo com sua estrutura interna. Ele é também o único tipo que se encontra tanto entre os satélites de proposição quanto entre os de predicação. Essas peculiaridades, conforme consideramos, não resultam em inconsistência nas definições de satélite condicional, como defende Wakker (1992), mas revelam aspectos ligados à sua multifuncionalidade. Como visto anteriormente, a partir da análise de alguns exemplos, é possível reconhecer orações condicionais cuja atuação tem mais a ver com a descrição de EsCo, ligando-se, assim, à camada da predicação, e condicionais que, diferentemente, atuam na especificação da validade (em termos de verdade) de ocorrência de um evento, no nível da proposição, portanto. Para nós, o problema está na falta de precisão em tal reconhecimento, na inexistência de fatores que assegurem a distinção entre satélites condicionais e satélites proposicionais.

É nesse sentido que se considera que o critério da complexidade interna do satélite condicional auxilia na identificação de satélites condicionais de predicação e de proposição. Uma vez que o satélite condicional pode se apresentar com a complexidade interna de um EsCo ou de um fato possível, poderíamos, tendo em vista a definição correspondente a essas duas unidades, reconhecer se a condicional se liga à predicação, ao nível representacional do enunciado, ou à proposição, ao nível interpessoal e à expressão de atitudes subjetivas do falante.

A esse respeito, contudo, concordamos com Wakker (1992) que reconhecer se uma condicional se constitui de um EsCo ou de um fato possível não se faz de modo simples. De fato, é tarefa difícil saber, à primeira vista, se o conteúdo de uma condicional se estrutura como um EsCo, algo que *pode ocorrer, existir ou acontecer em algum mundo; ser localizado no tempo e no espaço; ter uma certa duração; e ser visto, ouvido ou percebido*, ou se corresponde a um fato possível, ao que se pode *conhecer, pensar a respeito, duvidar,*

mentonar, negar, rejeitar e avaliar como verdadeiro ou falso. Sendo assim, a complexidade interna do satélite condicional pode auxiliar na distinção entre satélites condicionais predicacionais e proposicionais, mas somente se formos capazes de reconhecer, na estrutura de uma condicional, se se trata de um EsCo ou de um fato possível.

Uma diferença significativa que se verifica, considerando-se estruturas condicionais, entre as definições de EsCo e fato possível é a avaliação em termos de verdadeiro ou falso, a que se submete um *fato possível*, mas não um EsCo. Ainda assim, permanece entre as unidades uma distinção puramente semântica, abstrata demais para o reconhecimento de condicionais que se ligam, na construção do enunciado, à camada da proposição ou à da predicação. Pensamos que, se se pudesse associar à definição alguma propriedade formal, a distinção entre as unidades certamente se tornaria menos problemática.

Propõe-se, assim, que a forma do tempo/modo verbal codificado no satélite condicional seja associada às definições de ‘EsCo’ e ‘fato possível’, representando uma propriedade auxiliar no reconhecimento da estrutura interna do satélite condicional e, desse modo, da atuação das condicionais com relação à estrutura em camadas da oração, no nível da predicação ou da proposição. Contrastem-se, a esse respeito, as condicionais em (40) e (41) a seguir.

- (40) ...supondo que eu tenha dito quais são, as características da, da, do processo da avaliação, que eu tenha dado aqui em aula expositiva, daqui a pouco eu pergunto identifique no texto, a, a seguir as características da avaliação; se essas características estão explícitas da mesma maneira como eu as coloquei isso é conhecimento...(POA/EF/278/L35, p.3)

- (41) L1: ele [o menino] é MUItto distraído e:::....não gosta de estudar...ele é capaz mas não gosta de estudar...e ele gosta MUItto::de desmontar coisas e montar (...) agora ele quer ser MESmo pelo gosto dele ele gostaria de ser jogador de futebol ((risos)) não é? Então...ele:::torce...pelo Palmeiras e é o:::....o:::xodó dele é o...o verde e branco
- L2: ele joga?
- L1: ele joga
- L2: ah
- L1: ele gostaria de::jogar no::
- L2: no dente de leite
- L1: no dente de leite...mas o horário para mim era ruim...mas NO Palmeiras ele me fez inscrevê-lo
- [
- L2: então cortou uma vocação ((risos))
- [
- L1: não eu não cortei...ele joga futebol de salão...então eu expliquei direitinho que se realmente for bom vocação eu::não impedirei de seguir...mas só para não dizer que a gente
- L2: como cerceou...
- [
- L1: tolheu cerceou aquela::aquela ambição dele ma::s::....deixo praticar o esporte tudo mais e deixo seguir a carreira mas desde que ele tenha uma infraestru/ estrutura cultural...senão vai ser um boboca por aí não?...*(SP/D2/360/L20, p.36)*

Na ocorrência em (40), em que o verbo na oração condicional encontra-se no presente do indicativo, o relacionamento entre o que é expresso na condicional (*se essas características estão explícitas da mesma maneira que as coloquei*) e o que se encontra na oração principal (*isso é conhecimento*) dá-se em termos de *dependência* de ocorrência. Expressa-se nesse tipo de construção que, em um mundo hipotético (caracterizado pela conjunção *se*), a ocorrência de um evento ***necessariamente*** ocasiona a ocorrência de um outro evento. Da perspectiva do evento expresso na condicional, sua ocorrência representa, então, *condição necessária* para a ocorrência do evento expresso na principal; tomando-se o evento da oração principal como referência, sua ocorrência encontra-se ***necessariamente*** *condicionada* à ocorrência do evento que a oração introduzida por *se* veicula. Verifique-se a paráfrase em (40'), em que se torna mais clara a relação de *condicionamento necessário* que se observa nas construções em que o verbo da oração condicional se encontra no presente do indicativo:

- (40') Se essas características estão explícitas da mesma maneira como eu as coloquei isso **necessariamente** é conhecimento.

Por outro lado, na ocorrência em (41), em que o verbo da oração condicional apresenta-se no futuro do subjuntivo, o *condicionamento* entre os eventos expressos na oração condicional (*se (ele) realmente for bom*) e na oração principal (*eu não impedirei de seguir*) não se dá em termos de dependência. Observe-se que a leitura de *condicionamento necessário*, possível para a ocorrência em (40), torna-se pouco natural para (41), como demonstra a paráfrase abaixo:

- (41') se (ele) realmente for bom, eu **necessariamente** não impedirei de seguir.

A relação entre os eventos expressos na construção condicional em (41) é mais bem descrito em termos de *verdade* de ocorrência. O compromisso expresso pelo falante na oração principal (*eu não (o) impedirei de seguir*) é, desse modo, válido somente no caso de ser *verdadeiro*, de se verificar o evento expresso na oração condicional (*se (o menino) for bom*). À construção em (41) aplica-se melhor a paráfrase em (41''), que ressalta a avaliação como verdadeiro ou falso sob a qual se encontra o evento expresso na condicional:

- (41'') se **for verdadeiro** o fato de ele ser bom jogador, eu não impedirei de seguir.

Com essa análise, evidentemente não se quer alegar que apenas o evento expresso na condicional com verbo no futuro seja avaliado pelo falante. É óbvio que qualquer expressão lingüística passa pelo crivo do falante que a enuncia. O que se propõe apenas é que, em termos analíticos, a forma verbal que se encontra na condicional seja indicativa da complexidade interna da estrutura da oração. Nesse sentido, é plausível considerar que eventos futuros são mais suscetíveis à avaliação em termos de verdadeiro ou falso do que eventos expressos no tempo presente. A realização de eventos futuros, ao contrário de eventos

enunciados no presente, somente pode ser suposta, não afirmada pelo falante. A associação que se quer propor entre o tempo/modo verbal e a complexidade interna do satélite condicional é, assim, a de se reconhecer um EsCo na estrutura condicional que tem o presente (no modo indicativo) como forma verbal, e um fato possível como unidade de que se compõem condicionais expressas no tempo futuro do modo subjuntivo.

Identificada a estrutura interna do satélite condicional, pode-se reconhecer com maior segurança sua atuação na camada da predicação ou da proposição. Uma vez que, expressos no futuro, os eventos não podem ser categoricamente afirmados quanto à sua realização, pode-se dizer que condicionais cuja estrutura corresponde a um fato possível permitem ao falante descomprometer-se, frente ao ouvinte, com o que ele afirma na oração principal. Os satélites condicionais assim estruturados atuam, então, na camada da *proposição*, pertencente ao nível interpessoal de representação do enunciado. Essa interpretação comprova-se pela ocorrência em (41), em que, conforme já se observou, o compromisso da falante em ‘não impedir o filho de seguir a carreira de jogador de futebol’ limita-se à realização de ‘ele ser bom, de jogar futebol ser uma vocação do menino’. O compromisso veiculado na oração principal é para ser entendido por parte do ouvinte, portanto, como aquilo que a falante cumprirá somente no caso de se realizar, ou de se tornar *verdadeiro*, o que é por ela expresso na condicional.

O descomprometimento do falante que a expressão de eventos futuros na condicional possibilita é mais evidente em ocorrências como (41), em que há marca explícita do falante, isto é, de 1ª. pessoa, na oração a que a condicional se relaciona (*eu não impedirei...*). No entanto, a atuação de condicionais com verbo no futuro na camada da proposição e, assim, no nível interpessoal, comprova-se também pelas ocorrências em (42) e (43) a seguir:

- (42) ...*(es)tá* entendido até aqui bom, agora, extrapolação vejam que quando nós estamos falando em compreensão, é a primeira ginástica mental que o indivíduo faz com a informação então, ele pode simplesmente me dizer o que foi que o conferencista disse, já não será a repetição pura e simples da, das palavras do conferencista, mas o conteúdo, a mensagem é a mesma, ele poderá interpretar, se eu pedir a interpretação, vai me dar o seu ponto de vista, vai me dar o seu ponto de vista, a sua opinião, mas ele não está criando nada, ele está fiel à comunicação e à extrapolação, o que é extrapolação? (...) é seguido, hein? é uma transferência a partir de quê? (POA/EF/278/L24, p.5)
- (43) a categoria subsequente seria, é a de aplicação, depois da aplicação, nós vamos ficar numa delas em análise então, se, se a Maria Lúcia fez ver per, percutir com a sua colocação, ela vai dizer que eu não posso aplicar, também, sem fazer uma análise ou aplicação, então vamos voltar aqui, e, por isso, eu fiz questão, de dar as subcategorias dentro dessa categoria aqui de compreensão os autores... (POA/EF/278/L30, p.6)

Tanto em (42) quanto em (43), a ocorrência do evento veiculado na oração condicional não é afirmada pelo falante, assim como também não se afirma que o evento na oração principal de fato ocorrerá. O fato de o falante ‘pedir a interpretação’, em (42), e de a ‘Maria Lúcia ter feito percutir com sua colocação’, em (43), são apresentados como *atos possíveis*, que podem ou não ser verdadeiros. A ocorrência do evento veiculado na oração principal, de que o aluno ‘dará seu ponto de vista, sua opinião’, em (42), e de que a ‘Maria Lúcia dirá que não se pode aplicar sem fazer uma análise’, em (43), apresenta-se, assim, como suposição restrita à opinião pessoal do falante. Nessa linha, a estratégia de descomprometimento do falante, tendo em vista o ouvinte, que subjaz a condicionais com verbo no futuro pode ainda ser atestada reconstruindo-se as ocorrências em (42) e (43) do seguinte modo:

- (42') Eu posso ou não pedir a interpretação. *Se eu pedir a interpretação, considero que ele vai me dar seu ponto de vista, a sua opinião.*
- (43') A Maria Lúcia pode ou não ter feito percutir com sua colocação. *Se ela fez percutir com sua colocação, considero que ela dirá que eu não posso aplicar sem uma análise ou aplicação.*

Cabe ressaltar que, de modo geral, a realização de eventos expressos em construções condicionais é sempre *provável*, e, nesse sentido, nunca é afirmada pelo falante. No entanto, enquanto nas condicionais em que o verbo se encontra no tempo futuro o evento pode ou não

ser **verdadeiro**, como visto acima, com o verbo da condicional no tempo presente, o evento pode ou não se **realizar**. Tomando-se a ocorrência em (40) como ilustrativa, a estratégia subjacente às condicionais com verbo no presente, voltada mais ao domínio descritivo, ao nível representacional do enunciado do que ao domínio interpessoal, pode, desse modo, ser descrita da seguinte maneira:

- (40'') Essas características podem ou não estar explícitas da mesma maneira como eu as coloquei. *Se essas características estão explícitas da mesma maneira como eu as coloquei **ocorre que** isso é conhecimento.*

A partir de tais comportamentos, pode-se considerar que, associada à atuação da condicional nas camadas da predicação e da proposição, encontra-se uma distinção semântica. Quando a condicional atua na camada da predicação, apresentando-se com a complexidade interna de um EsCo, codificando eventos cuja realização não é colocada sob avaliação em termos de verdadeiro ou falso, a relação que se estabelece entre os eventos na construção condicional é uma relação de *dependência de ocorrência* (cf. (40'') acima). Por outro lado, nos casos em que a condicional atua na camada da proposição, estruturando-se como um fato possível, a relação entre os eventos que compõem a construção condicional é a de *hipótese*, de *probabilidade de ocorrência*; ocorrência com a qual, portanto, o falante não se compromete.

Nessa mesma linha, outros tempos que ocorrem em condicionais, diferentes do presente do indicativo e do futuro do subjuntivo analisados até aqui, são também sugestivos da complexidade interna do satélite condicional, e, assim, da camada da oração em que ele atua. Observem-se as ocorrências em (44) e (45) a seguir, em que as condicionais codificam pretérito imperfeito do subjuntivo e pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, respectivamente:

(44) e...hoje nós trabalhamos, não vale a pena citar o nome aqui, a gente depois pode dizer, mas está estão dizendo o seguinte, que não vão pagar vão pagar vinte por cento e que quem quiser os quarenta por cento, quer dizer, quem exigir os quarenta por cento que eles pagam e mandam embora acontece que é uma Universidade que apoiou um curso universitário que foi apoiado nos nossos nomes e que agora foi reconhecida e que agora já não precisa mais, então é muito mais fácil mandar esses professores que ganham determinado, uma, têm uma...um salário aula tal que não é preciso mandar embora e botar um monte de adjuntos esses adjuntos vão ganhar metade mas também são pessoas que não têm a menor formação é um negócio, por isso que eu estou dizendo, minha vontade...problema de trabalhar em dois ou três lugares, não é o problema de querer trabalhar, eu por mim trabalhava na Escola de Belas Artes se o salário que me pagassem na Escola de Belas Artes me desse pra co...viver condignamente, porque isso que eu (es)to fazendo hoje aqui, que eu cheguei em casa, vi televisão e depois vim pra cá pra, pra conversar ou dessa maneira ou ir prum cinema ou prum teatro, ter uma vida cultural, aprender línguas, fazer qualquer coisa, logicamente eu gostaria de fazer, mas não posso porque eu tenho que complementar o meu salário com o dinheiro dum, dum cargo à noite e que, se...conforme for eu acabo deixando... (RJ/D2/355/L20, p.4)

(45) L2 pensei em fazer Diplomacia sempre sempre sempre... mas::...depois...por uma série de circunstâncias...não foi possível...mas::então a a minha meta teria sido diplomacia...mas eu acho que Direito particularmente foi incutido por ele...principalmente foi porque ele dizia que depois eu teria condições eu não...quer dizer a pessoa teria a pessoa teria condições...porque naquela altura...a escolha era sempre...ah Direito Engenharia Medicina...

L1 (...)

L2 um médico era só médico o engenheiro era só engenheiro...pelo menos naquela altura...e então::eu acho que fui incutida por ele...e::e e não e não fiz o resto por minha causa...aí...foi...

L1 foram circunstâncias que não favoreceram...

L2 foi circunstâncias que não favoreceram que eu não::... não consegui no Itamarati...() não não consegui não...nem cheguei a tentar...acrescido do fato que que aí depois soube que para mulher era muito difícil que eles quase não admitiam era difícilimo etcetera etcetera...e aí faltou ânimo para tentar para valer...eu acho que aí se eu tivesse tentado teria conseguido mas realmente faltou ânimo faltou interesse...((risos)) os interesses começam...a se:: diversificar também né? e a gente acaba desistindo... (SP/D2/360/L31, p.42)

Tanto para a ocorrência em (44) quanto para aquela em (45), pode-se considerar que a relação entre os eventos presentes na construção condicional dá-se em termos de hipótese, de probabilidade de ocorrência. Os eventos correspondem, assim, a *atos possíveis*, cuja ocorrência ou realização se submete à avaliação em termos de verdade ou falsidade, e a atuação do satélite condicional pode ser reconhecida na camada da proposição. Ao contrário de eventos codificados no futuro, entretanto, a verdade/falsidade da ocorrência de eventos que se apresentam no pretérito imperfeito do subjuntivo e pretérito mais-que-perfeito do

subjuntivo não permanece suspensa. Por uma questão de inferência pragmática, a ocorrência dos eventos que se apresentam em tais tempos verbais é imediatamente entendida pelo ouvinte como *falsa*.

Assume-se, assim, que a forma do tempo/modo verbal que se apresenta na condicional é uma propriedade que indica a diferença de atuação dos satélites condicionais nas camadas da proposição e da predicação. Essa distinção apresenta-se condizente com a expressão de atitudes do falante em diferentes domínios modais, como se mostrará no próximo capítulo, no qual serão retomadas a distribuição dos satélites condicionais nas camadas da estrutura da oração e a distinção, aqui proposta, entre condicionais de predicação e de proposição.

Diferentemente do que ocorre com as condicionais predicacionais e proposicionais, a atuação do satélite condicional no nível ilocucionário, ligando-se à camada dos atos-de-fala, também reconhecida em Dik *et al.* (1990), não se mostra problemática. A caracterização dos satélites condicionais atuantes nessa camada é puramente pragmática: eles especificam uma condição para a ‘felicidade’, ou eficácia comunicativa do ato-de-fala realizado. Um exemplo desse tipo de satélite condicional, extraído do *corpus*, é o seguinte:

- (46) aí, nós chegamos ao estabelecimento de níveis de consecução dos objetivos, de estudo desses níveis para isso, então, níveis vocês têm aí registrado naquela folha marronzinha aqui, página quatro, documento quatro, alguma coisa, outra coisa vocês terão que anotar, vocês têm ali registrado de acordo com uma categorização, com uma taxionomia, alguns níveis de consecução dos objetivos vocês seguramente já ouviram falar e, se não ouvirem podem dizer por que nós estamos aqui para esclarecer as dúvidas que vão surgindo... (POA/EF/278/L16, p.2)

A condicional ‘se não ouvirem’ representa a condição para a felicidade, ou validade da permissão dada pelo falante (‘podem dizer’). O satélite liga-se, nesse caso, a uma oração completamente especificada, a um ato-de-fala completo, e tem, por isso, sua atuação reconhecida no nível ilocucionário da estrutura em camadas da oração.

2.2. As orações temporais

Diferentemente dos satélites condicionais, a caracterização dos satélites temporais introduzidos por *quando* com relação às camadas da estrutura da oração apresenta-se de modo mais consensual. Com a função semântica de *Tempo*, especificando um quadro temporal para a localização de um EsCo, esses satélites atuam na camada da predicação, como ilustra a ocorrência em (47):

- (47) Inf: tenho impressão que ali levou tanto tempo de ensaio...bom eu quando::tinha uns dezoito quinze a dezoito anos eu estudei balê...e tive oportunidade de trabalhar fazer uma cena como o::o balê russo...eu era alu/ aluna da Maria Ulineva...então para mim era uma noviDAde né? teatro porque só estudando estudando estudando quando chegou o balê russo aqui em Sao Paulo eles pediram que as alunas do do do da Prefeitura que éramos nós...aquele grupo TOdo fosse fazer cena num num num dos números que eles apresentam era 'Pássaro de Fogo' me parece...eu achei aquilo horroroso viu? (SP/DID/234/L6, p.7)

Também atuando na camada da predicação, o satélite introduzido por *quando* pode ter a função semântica de Circunstância, especificando um EsCo que ocorre simultaneamente a outro EsCo, como em (48):

- (48) (...) a colocação que a Maria Lúcia faz e ela faz muito bem, que(r) dize(r), prende-se ao fato de que os autores dizem que quando o, o aluno interpreta, ele já faz um exame, na interpretação, já há uma, uma subdivisão, já há, já há um processo, seria melhor dito, já há um processo de análise, já há um exame... , já há um exame, quando ele identifica a aplicação, ele já separa o essencial do acessório, então quase que se poderia dizer que a diferença que a relação, que há uma relação entre interpretação e análise, e que a diferença entre análise e interpretação é uma diferença de grau, é uma análise com características mais científicas, mais sistemáticas...(POA/EF/278/L4 e L6, p.7)

Um satélite temporal pode também atuar no nível ilocucionário, última camada da estrutura subjacente da oração. Em Dik *et al.* (1990), considera-se que o satélite de Tempo, nesse nível, especifica a *posição* do ato-de-fala realizado com relação a uma possível série de atos-de-fala. O exemplo desse tipo dado pelos os autores é o seguinte:

- (49) **Pela última vez**, me dê isso!

Entre os dados analisados, não há nenhuma ocorrência de oração introduzida por *quando* especificando a posição de um ato-de-fala, como faz o satélite não-oracional ‘pela última vez’ em (49). A ausência, no *corpus* investigado, de uma oração temporal com essa função sugere que, em português, satélites como em (49) sejam representados apenas por constituintes temporais não-oracionais.

Como uma primeira distinção entre satélites temporais e condicionais, portanto, pode-se considerar o fato de os satélites temporais não atuarem na camada da proposição, diferentemente dos satélites condicionais, que atuam tanto na camada da predicação quanto na da proposição. Outras distinções relevantes entre os dois tipos de oração tratados neste trabalho serão apresentadas no próximo capítulo.

A descrição de constituintes segundo o modelo de representação subjacente da oração, conforme apresentado até aqui, não inclui os possíveis padrões de ordenação dos constituintes. O modelo da estrutura em camadas contempla apenas as relações hierárquicas entre os diferentes níveis de estruturação do enunciado. O modo como a GF trata da ordenação dos constituintes e como se comportam os satélites temporais e condicionais desse ponto de vista é o que se apresenta na próxima seção deste capítulo.

2.3. A ordenação dos constituintes oracionais

Na teoria da GF, considera-se que a estrutura subjacente abstrata da oração é não-ordenada, porque se entende que a ordem em que os constituintes se apresentam na estrutura subjacente não tem relevância direta para a ordenação linear em que eles aparecem na expressão lingüística final (Dik, 1989, p. 33). Desse modo, a teoria trata a ordem dos constituintes separada do modelo de oração em camadas, a partir da formulação de princípios gerais (‘GP’, do inglês *General Principles*) e princípios específicos (‘SP’, *Specific Principles*) de ordenação.



Primeiramente, reconhecem-se, na teoria, diferentes domínios de ordenação. Entre eles, os mais importantes são: (i) a oração como um todo, (ii) o sintagma de termo (*term phrase*), e (iii) o sintagma adjetival, que equivale a um restritor adjetival mais seus possíveis modificadores (Dik, idem, p. 338). Os constituintes distribuídos nos diferentes domínios, conforme sua ordem, classificam-se nos seguintes tipos:

1. Constituintes lexicais

1.1. núcleos (*heads*)

1.2. dependentes

2. Constituintes gramaticais

2.1. relatores

2.2. operadores

2.2.1. Ω -operadores

2.2.2. π -operadores

Cada domínio contém, em princípio, um núcleo que corresponde ao constituinte central do domínio e age como o ponto de orientação para os outros constituintes (dependentes, relatores, operadores) presentes naquele domínio. A área que precede o núcleo em cada domínio é chamada 'Pré-nuclear' (*prefield*); a que o segue, 'Pós-nuclear' (*postfield*), conforme ilustra a representação abaixo:

Pré-nuclear [núcleo] Pós-nuclear

Os constituintes *dependentes* correspondem a todos os constituintes lexicais presentes em determinado domínio que não sejam o constituinte núcleo. No domínio da oração, por exemplo, os dependentes são os argumentos e satélites.

Dentre os constituintes gramaticais, os relatores, que correspondem às conjunções subordinativas e coordenativas e aqui nos interessam mais de perto, definem-se como elementos gramaticais que servem para ligar dois constituintes e/ou para marcar a(s)

função(ões) gramaticais de um elemento, conforme especificada(s) na estrutura subjacente da oração. Eles podem assim marcar uma relação de coordenação ou de dependência entre os constituintes. No primeiro caso, conforme demonstrado em Dik (1989, p. 339-40), fala-se em *coordenadores* e, no segundo, em *elementos de subordinação*.

Assim, considera-se que os relatores que marcam dependência entre os constituintes, denominados elementos de subordinação, funcionam de modo a ligar um constituinte dependente a um constituinte núcleo. Os relatores formam um constituinte com o elemento dependente, como se pode observar em:

[dependente [R]] ... [núcleo] ... [[R] dependente]

Conforme demonstra o esquema, um elemento dependente é colocado em posição Pré-nuclear ou Pós-nuclear de seu domínio e é ligado ao seu núcleo por um relator (R), no caso, do tipo subordinador (ao invés de coordenador).

O princípio específico que diz respeito às posições preferidas dos relatores é o seguinte (Dik 1989, p.346):

(SP3) Os relatores têm sua posição preferida:

- (i) entre seus dois *relata*;
- (ii) na periferia do *relatum* com o qual eles formam um constituinte

Com relação à ordem dos relatores que marcam a ligação de um constituinte dependente ao seu constituinte núcleo – os relatores do tipo subordinadores – o SP3 define as seguintes ordenações preferidas e não-preferidas (Dik, idem, p. 347):

- a. Preferida : [[dependente]R]...[núcleo]
[núcleo]...[R [dependente]]
- b. Não-preferida : [R [dependente]]...[núcleo]
[núcleo]... [[dependente] R]

A posição preferida para os relatores é, assim, entre os dois constituintes que eles relacionam. Com relação à posição inicial ou final dos subordinadores, prevê-se que, em línguas de posição pós-nuclear (*postfield*), os subordinadores apresentem uma tendência a ocorrer em posição inicial, ao passo que em línguas de posição pré-nuclear (*prefield*) os subordinadores tenderiam a ser colocados em posição final. Para a verificação de aplicação do princípio, Dik apresenta o seguinte exemplo do inglês, língua em que há predomínio de construções encaixadas em posição pós-nuclear, e os subordinadores aparecem então em posição inicial:

- (50) I gave a big party, **because my brother came**.
Eu dei uma grande festa, porque meu irmão chegou.

Os subordinadores podem ocorrer em posição não-preferida, violando o princípio em questão, quando, por exemplo, devido a fatores semânticos e pragmáticos, construções encaixadas que em determinada língua se realizam tipicamente em posição pós-nuclear se encontram em posição pré-nuclear. Dik considera que a violação do Princípio do Relator estaria, desse modo, restrita a construções pragmaticamente marcadas. Ao lado de (50) haveria, assim, (51), em que o subordinador não mais se coloca entre os constituintes que ele relaciona:

- (51) **Because my brother came**, I gave a big party
Porque meu irmão chegou, eu dei uma grande festa.

A violação desse princípio pode, no entanto, ocorrer de forma generalizada, devido não mais a fatores pragmáticos, mas à competição entre diferentes princípios de ordenação. Isso ocorre, como aponta Dik (1997, p. 136), com as orações condicionais na maioria das línguas.

2.3.1. A ordem das orações condicionais

Um dos princípios gerais de ordenação (GP) diz respeito à ordenação icônica dos constituintes. Denominado GP1, sua formulação é a seguinte:

(GP1) *O Princípio de Ordenação Icônica*

Os constituintes conformam-se a (GP1) quando sua ordenação de algum modo reflete iconicamente o conteúdo semântico da expressão em que eles ocorrem.

De acordo com esse princípio, orações condicionais mais comumente precedem a oração principal, independentemente do tipo de ordenação de constituintes predominante no sistema geral da língua, já que, conceitualmente, a verificação de uma condição precisa ocorrer anteriormente à realização de um evento.¹⁴

Assim, tem-se, por um lado, o Princípio do Relator, segundo o qual as construções encaixadas, em línguas de posição pós-nuclear, ocorrem em posição final, e os subordinadores colocam-se em posição inicial. Por outro lado, o Princípio de Ordenação Icônica estabelece que orações condicionais em geral precedem a oração principal, ocorrendo em posição *pré-nuclear*, como no exemplo abaixo, extraído de Dik (1997, p. 136):

- (52) **If my brother comes**, I will give a big party.
Se meu irmão chegar, eu darei uma grande festa.

A violação do Princípio do Relator torna-se então sistemática porque entra em competição com o Princípio de ordenação icônica, e a posição inicial de condicionais passa, assim, a representar a ordem natural dessas orações. É nesse sentido que Dik interpreta a seguinte construção, alternativa de (52), com o elemento *então* introduzindo a oração principal:

¹⁴ Como Dik (1997, p. 341) nota, essa ordenação icônica das condicionais já fora apontada por Greenberg (1963), em seu 'Universal 14': "Em declarações condicionais, a oração condicional precede a conclusão como a ordem natural em todas as línguas".

- (52') **If my brother comes, then I will give a big party.**
 Se meu irmão chegar, então eu darei uma grande festa.

A interpretação que Dik propõe é a de que, em construções como (52'), o elemento *então* anaforicamente “coloca” a oração subordinada condicional dentro da oração principal e pode, por isso, ser interpretado como um novo relator, restituindo o padrão de ordenação preferido dos relatores. A impossibilidade de *então* ocorrer na oração principal quando a condicional é posposta justifica essa interpretação:

- (53) ***Then I will give a big party, if my brother comes.**
 *Então eu darei uma grande festa, se meu irmão chegar.

À luz dessas considerações, a GF prevê, para as orações condicionais, a ocorrência em quatro diferentes posições, conforme mostra o esquema abaixo, em que os colchetes marcam limite de oração:

- (54) P2, [P1.....X], P3
- | | | |
|----|---|------|
| a. | <i>Se João ficar</i> Pedro sairá. | (P1) |
| b. | <i>Se João ficar</i> , então Pedro sairá. | (P2) |
| c. | Pedro sairá <i>se João ficar</i> . | (X) |
| d. | Pedro sairá, <i>se João ficar</i> . | (P3) |

A construção em (54a) exemplifica a ocorrência da condicional em posição inicial interna à oração (P1); (54b), a posição pré-oracional (P2) da condicional, separada da oração por pausa e retomada na principal por *então*; (54c) e (54d) ilustram a condicional em posição final interna e externa à oração, respectivamente.

Em seus diferentes padrões de ordenação, a condicional pode apresentar-se com diferentes funções pragmáticas. A teoria da GF entende por esse tipo de função a especificação, por parte do falante, do *status* informacional dos constituintes em relação ao contexto comunicativo em que eles são verbalizados (Dik 1989, p. 264).



Os tipos de função pragmática também se distinguem em *intra-oracionais* e *extra-oracionais*. Operando dentro dos limites da oração, os constituintes recebem a função pragmática de Tópico ou de Foco. Externamente à oração, atribuem-se aos constituintes as funções pragmáticas de Tema e Antitema. Esses dois últimos tipos são tratados na seção 3 deste capítulo, dedicada aos constituintes extra-oracionais.

A função intra-oracional Tópico é atribuída a entidades sobre as quais se apresenta ou se solicita uma informação; a função de Foco é atribuída a partes de informação que o falante julga mais importantes e quer, portanto, tornar salientes em seu discurso. Em (55) abaixo, encontra-se uma ocorrência de condicional analisada como pertencente à P1 intra-oracional:

- (55) L2 eu também gosto assim, ao, ao ponto, um pouquinho de gordura e tal, um pouquinho bastante, às vezes, apesar de ser magro, não ser gordo, mas acho assim a falta tremenda, eu, eu, eu sinto por exemplo, em casa se, se numa semana não tem peixe, raríssimo, é muito raro isso acontece(r), mas ah, *eu reclamo, eu falo, como é, que que houve e tal?* Aí, digamos assim, no sábado, então, vem o peixe, normalmente, quinta feira, ou meio da semana, quarta feira se faz peixe, peixe ou camarão, há, há um detalhe por exemplo, cru, crustáceo né, gosto muito, aquele arroz com frutos do mar, a minha mulher é incapaz de, de, de prova(r)... (POA/D2/291/L23, p.2)

Do ponto de vista da função pragmática que apresenta, poder-se-ia dizer que, em (55), a condicional tem a função de Tópico, uma vez que ela veicula a informação (*‘a ausência de peixe durante a semana’*) da qual o falante diz algo a respeito na oração subsequente (*eu reclamo, eu falo...*). Note-se, além disso, que é exatamente sobre o elemento introduzido na condicional (*peixe*) que se discorre nas três linhas subsequentes. No entanto, não se poderia dizer que a oração condicional em (55) corresponde a uma **entidade** sobre a qual se transmite alguma informação, como seria o caso do constituinte destacado em (56):

- (56) **O homem** estava na casa.

Assim, uma vez que a atribuição de Tópico, conforme definida em Dik (1989), restringe-se a entidades, ela não se aplicaria como função pragmática desempenhada pela condicional em (55).

Uma função pragmática cuja atribuição também é prevista a constituintes em posição interna à oração, mas que, diferentemente do Tópico, inclui constituintes oracionais é a função de Organizador de Cenário (*Stager*), proposta por Hannay (1991). Recebem essa função constituintes (oracionais ou não) que funcionam de modo a criar um cenário para a localização de um EsCo. À função pragmática desempenhada pela condicional em (55) melhor se aplicaria, portanto, a de Organizador de Cenário, uma vez que, nessa ocorrência, ela cria um cenário correspondente ao quadro hipotético (*'não ter peixe durante a semana'*) no qual se situa a informação subsequente (*'eu reclamo, eu falo o que é que houve e tal...'*).

A atribuição da função pragmática de Foco, diferentemente da de Tópico, não se restringe a constituintes não-oracionais, podendo ser atribuída, portanto, a uma oração condicional. Considere, por exemplo, a forma de estruturação das informações expressas pelo falante na condicional em (57):

- (57) as:: manifestações artísticas começaram a aparecer no paleolítico superior... especificamente no período () que é o último período do paleolítico... e que vai abranger... aproximadamente de vinte mil... a doze mil antes de Cristo... então a gente já limitou bastan::te nesse período extremamente vasto de seiscentos mil anos... embora... de vinte mil a doze mil... (quer dizer) praticamente oito mil anos... ainda seja... um período MUIto maiOR do que... o que nós conhecemos... historicamente... que abrange por volta de cinco mil antes de Cristo até hoje portanto... por volta de sete mil anos... certo?... então tudo o que a gente vai dizer a respeito desse período... é baseado em pesquisas... arqueológicas... é baseado em pesquisas... etnográficas... em pesquisas... no campo da Arte... mas uma série de coisas são suposições... se nós não podemos afirmar... categoricamente que as coisas se passaram assim... a gente tem uma série de dados... levantados especialmente pela Arqueologia que a gente interpreta... de um determinada forma... mas com... iMENsos... buracos em branco... então... não é uma história ligadinha com todos os elos que a gente possa dizer olha... se desenvolveu NESte sentido... muitas vezes a gente supõe... que as coisas tenham ocorrido assim... (SP/EF-405 - L16, p. 2)

Dik (1989, p. 282) considera que, de acordo com o ponto comunicativo em que as estratégias de Foco atuam, dois tipos principais se apresentam: Foco Novo e Foco



Contrastivo. Um tipo de Foco Contrastivo é o Foco Paralelo, que envolve algum tipo de contraste entre o constituinte focalizado e alguma parte alternativa de informação, que pode se encontrar explícita ou ser pressuposta; quando o contraste é explícito, as informações estruturam-se paralelamente. O Foco do tipo Paralelo é o que parece ser atribuído à condicional em (57), que, seguindo-se essa interpretação, poderia ser parafraseada por:

- (57') *Se **por um lado** nós não podemos afirmar categoricamente que as coisas se passaram assim, **por outro lado** a gente tem uma série de dados levantados especialmente pela Arqueologia que a gente interpreta de uma determinada forma.*

Condicionais em posição intra-oracional final 'X' também ocorrem no corpus da pesquisa, como ilustrado em (58).

- (58) (...) acontece que é uma Universidade que apoiou um curso universitário que foi apoiado nos nossos nomes e que agora foi reconhecida e que agora já não precisa mais, então é muito mais fácil mandar esses professores que ganham determinado, uma, têm uma...um salário aula tal que não é preciso mandar embora e botar um monte de adjuntos esses adjuntos vão ganhar metade mas também são pessoas que não têm a menor formação é um negócio, por isso que eu estou dizendo, minha vontade...problema de trabalhar em dois ou três lugares, não é o problema de querer trabalhar, *eu por mim trabalhava na Escola de Belas Artes se o salário que me pagassem na Escola de Belas Artes me desse pra co...viver condignamente*, porque isso que eu (es)tou fazendo hoje aqui, que eu cheguei em casa, vi televisão e depois vim pra cá pra conversar ou dessa maneira ou ir prum cinema ou prum teatro, ter uma vida cultural, aprender línguas, fazer qualquer coisa, logicamente eu gostaria de fazer, mas não posso porque eu tenho que complementar o meu salário com o dinheiro dum, dum cargo à noite e que, se...conforme for eu acabo deixando...(RJ/D2/355/L20, p.4)

2.3.2. A ordem das orações temporais

As orações temporais comportam-se de modo muito semelhante às orações condicionais quanto às suas possibilidade de ordenação. Em posição interna à oração, a temporal em (59), por exemplo, assim como a condicional em (55), ocorre em P1 com a função pragmática de Organizador de Cenário:

- (59) L2: opa, melhor ainda o comer, sempre quando eu falo em comer, por exemplo, é um negócio que, que me atinge diretamente, por que em primeiro lugar, eu gosto de come(r), e mais do que isso eu gosto de prepara(r), tenho prazer de faze(r) determinados pratos, gosto, me sinto bem, talvez um *hobby*, né

L1: aliás, quando a gente vai faze(r) uma jantinha, qualque(r) coisa, o Maciel é que vai, ele e o Barte é que vão pra cozinha

L2: é, o Barte é outro também que gosta

L1: que vão, vão lá pica(r) cebola, e aquela coisa toda, e outro grupo vai faze(r) as bebida(s), as caipirinhas, os coquetéis, etecétera... (POA/D2-291-L35, p. 3)

A oração introduzida por *quando* cria o cenário dentro do qual se apresenta uma circunstância (a de 'a gente fazer uma jantinha, qualquer coisa'), com relação a qual se situa a informação subsequente: '*o Maciel é que vai, ele e o Barte é que vão para a cozinha*'.

A ocorrência em (60), abaixo, de modo semelhante à condicional em (57), tem a função de Foco Paralelo.

- (60) L1: é a BR-262...Vitória...chama até assim...Vitória-Minas

L2: é

L1: e () e é muito interessante porque cê atravessa exatamente a serra...agora é uma estrada que tem muita curva muita subida muita descida porque atravessa a serra do mar mesmo...não tem...alternativa

Doc e não tem ()

L1: não...é estrada de primeira classe e () asfaltada categoria especial

[

L2: () que tenha subida e descida não que eu não conheço quando eu não conheço...tá ótimo...mas quando a gente já conhece demais...as estrada acaba cansando () é o que acontece com

Doc: ()

L2: a Bahia-Rio pelo menos que é uma estrada cansativa

Doc: ()

L1: bom...aí tem...padrões internacionais...que:que você então afere (...)

(SA/D2/98/L42, p.4)

Nesse caso, as duas construções iniciadas por *quando* podem ser vistas como informações paralelas colocadas em contraste pelo falante por meio da conjunção *mas*. Nesse caso, focalizam-se contrastivamente duas situações (X e Y), do seguinte modo: *quando X, Z; mas quando Y, não-Z*.

O satélite introduzido por *quando* também ocorre, nos dados da pesquisa, em posição final 'X', interna à oração, tal como em (61):



- (61) (...) nós vamos ver qual é a diferença que existe entre uma taxionomia e uma classificação, eu poderia, por exemplo, dividir esta aula em os alunos homen(s) e as mulheres, eu estaria, fazendo uma classificação sem, no entanto, dizer qual é o mais importante, sem, no entanto dizer, qual dos dois é mais complexo talvez, os homens dissessem o mais importante não tem, mas mais complexas são as mulheres, bem, eu poderia, dividir a, uma coleção de livros em livros didáticos e não-didáticos, sem, no entanto, dizer que, quais seriam os mais importantes, simplesmente, eu classifiquei, mas eu, *isso não acontece quando se faz uma taxionomia* então, vamos ver, vamos ajudando, taxionomia é uma classificação... (POA/EF/278/L26, p.2)

3. Constituintes extra-oracionais

Conforme se demonstrou anteriormente, além das posições internas à estrutura da oração, a GF prevê a colocação de constituintes em posições externas à oração. Denominam-se *extra-oracionais* os constituintes que ocupam essas posições.

Para as estruturas condicionais, as posições reservadas para a colocação fora do domínio da oração são P2 (posição inicial) e P3 (posição final). Também se encontram nessas mesmas posições as orações temporais introduzidas por *quando*, conforme se demonstra nesta seção, apesar de essa estrutura não constar entre as classificações de constituintes extra-oracionais propostas pela GF.

Em Dik (1997), o penúltimo capítulo é dedicado aos constituintes extra-oracionais ('CEOs', daqui em diante). Conforme ele ressalta, até certo ponto, pode-se analisar qualquer evento discursivo em termos de uma seqüência de sentenças, sendo uma sentença constituída de uma oração independente (principal) e, possivelmente, uma ou mais orações subordinadas, ou, ainda, de uma seqüência coordenada de orações independentes. Outras expressões lingüísticas, no entanto, não representam orações completas e são mais bem analisadas como fragmentos de orações. Expressões lingüísticas desse tipo são, por exemplo, respostas como em:

- (62) A: Aonde você está indo?
B: Para a biblioteca.

A expressão *para a biblioteca* não corresponde a uma *oração*, mas somente a um termo que pode ser analisado como um fragmento da oração ‘eu estou indo para a biblioteca’. Há ainda, como Dik demonstra, uma variedade de expressões lingüísticas, produzidas especialmente no discurso oral, que não se analisam como orações nem como fragmentos de oração. São essas expressões as que a GF trata como *constituintes extra-oracionais* (CEOs).

Os CEOs definem-se como expressões lingüísticas que se associam à oração de maneira mais frouxa do que os constituintes que integram a estrutura da oração propriamente dita. Elas podem se apresentar sozinhas, preceder, seguir ou se intercalarem à oração, separando-se dela por pausas prosódicas.

Como características gerais dos CEOs, as seguintes se apresentam (Dik 1997, p. 380-81):

- (i) são especialmente comuns no discurso oral;
- (ii) caracterizam-se como expressões lingüísticas usadas no processamento discursivo, na comunicação efetiva;
- (iii) associam-se de maneira bastante frouxa à oração e, nesse sentido, não são ‘essenciais’ à estrutura interna da oração; quando são retirados, a oração ainda forma um todo completo;
- (iv) não podem ser descritos em termos de regras e princípios internos à oração; somente podem ser analisados em termos de regras e princípios pragmáticos;
- (iv) podem auxiliar o ouvinte na interpretação da oração;
- (v) interagem com a estrutura interna da oração de diversos modos e;
- (vii) podem ser “absorvidos”, ao longo de um processo diacrônico, para o interior da estrutura da oração.

A partir dessa caracterização geral, distinguem-se tipos diferentes de CEOs, de acordo com o nível de organização do discurso em que atuam e as funções pragmáticas que

desempenham. No quadro a seguir, classificam-se os tipos de CEOs distinguidos em Dik (1997, p. 379-407):¹⁵

Nível de organização e estruturação do discurso	Funções/Tipos de CEOs			
	1.1. Saudações e Despedidas	1.2. Chamamentos	1.3. Vocativos	1.4. Respostas mínimas
2. Organização do discurso	2.1. Sinalização de Fronteiras - Iniciadores - Comutadores de Tópico - Marcadores de entrada e saída - Finalizadores	2.2. Orientação - Tema - Condição - Localização, com relação a: a) tempo b) espaço c) outros EsCo circunstanciais - Marcadores de Orientação geral	2.3. Antitemas	
3. Execução do Discurso	3.1. Respostas - Respostas completas - Iniciadores de respostas	3.2. Fechos (<i>Tags</i>)		
4. Especificação de Atitudes	4.1. Expressivos			

Quadro 12: Classificação dos tipos de CEOs (Dik, 1997)

CEOs de Tempo e de Condição encontram-se no domínio da Organização Discursiva, entre os constituintes que desempenham a função pragmática de Orientação. Dik considera que, no nível da organização do discurso, atuam CEOs que correspondem às providências que o falante toma a fim de assegurar a organização de seu discurso, bem como sua recepção apropriada por parte do ouvinte. Uma dessas providências representa-se pela macro-função pragmática de Orientação, e os CEOs que desempenham essa função auxiliam o ouvinte na

¹⁵ Note-se que, na segunda coluna do quadro, as expressões numeradas correspondem à função pragmática que os constituintes desempenham em cada um dos níveis de organização do discurso. Com cada uma das funções, tipos diversos de CEOs são distinguidos e se encontram marcados por (-). Para algumas funções pragmáticas, não há tipos de CEOs, e a função é, ao mesmo tempo, o CEO que se reconhece naquele nível.

identificação das coordenadas essenciais à ‘ancoragem’ coerente do conteúdo contido na oração a que eles se associam (Dik, 1997, p. 386-7).

3.1. Constituintes extra-oracionais de Condição

As orações condicionais classificam-se como CEOs de Condição que desempenham a função pragmática de Orientação, no sentido de que, uma vez introduzidas, elas limitam a validade da informação subsequente a um mundo em que a condição é verdadeira. O reconhecimento de uma oração condicional como CEO, conforme se apresenta em Dik (1997, p. 395-6), é dependente da verificação de algumas propriedades formais, como se observa a partir do seguinte exemplo lá citado:

(63) **Se você prometer parar de chorar**, então você ganha um doce.

Considera-se que orações condicionais correspondentes a CEOs de Condição ocupam sempre a posição extra-oracional anteposta ‘P2’, devido à função pragmática de Orientação que desempenham. Seu caráter de extra-oracional determina-se pela pausa ou quebra no contorno prosódico que há entre o CEO de Condição e a segunda oração, além da presença do elemento anafórico *então*, que retoma a condicional no interior da estrutura da oração tida como principal. Conforme Dik ressalta, a ausência do elemento *então* em construções com condicionais antepostas sugere que a condicional está integrada à estrutura da oração como um satélite condicional e ocupa a posição interna P1, como em:

(64) **Se João for rico** ele pode nos ajudar.

Dik (1997, p.396) aponta, ainda, como propriedade que ratifica o caráter de CEO da condicional em (63) o fato de a segunda oração poder, em um contexto apropriado, ser usada sozinha, sem a oração condicional precedente.

Apesar de Dik (1997) apresentar essas propriedades como suficientes para a identificação de uma condicional como CEO, ele mesmo, em trabalho anterior (Dik 1990, p. 238), admite que a diferença entre a posição P1 e P2 das condicionais não é muito clara em inglês. Conforme ele demonstra, a diferença torna-se mais clara em holandês, língua em que verbos finitos se encontram necessariamente em segunda posição na oração, como se observa a partir do contraste entre (65a) e (65b):

- (65) a. Als Jan blijft gaat Piet weg.
 Se João ficar vai Pedro sair
 “Se João ficar Pedro vai sair”
 b. Als Jan blijft, dan gaat Piet weg.
 Se João ficar, então vai Pedro sair.
 “Se João ficar, então Pedro vai sair”

Uma vez que a segunda posição na oração em holandês é sempre preenchida pelo verbo finito, torna-se mais fácil do que em inglês e em português a identificação da oração condicional de (65a) em posição P1, imediatamente anterior ao verbo *gaat*, e, em (65b), em posição P2, uma vez o elemento *dan* ocupa a P1.

A distinção entre a atuação de uma condicional em português como satélite, em P1, e como CEO, em P2, é, de fato, pouco precisa, tendo-se como parâmetro apenas as propriedades formais apontadas por Dik como identificadoras de CEO condicional. Em estudo anterior (Sousa, 2000), buscou-se analisar o comportamento de CEOs condicionais no discurso oral, registro do qual, segundo Dik (1997, p. 380), os CEOs seriam característicos. Verificou-se, no entanto, que apenas 12% do total de ocorrências condicionais analisadas apresentavam todas as propriedades definidoras de um CEO de Condição (anteposição, pausa entonacional entre a condicional e a oração principal e elemento anafórico na principal). Além disso, observou-se que algumas ocorrências que não apresentavam exatamente todas essas propriedades podiam claramente ser analisadas como ocupando a posição extra-oracional P2.

Ressalte-se, ainda, que a observação de que, quando o elemento extra-oracional é subtraído, a oração a que ele se liga não é gramaticalmente afetada e continua um todo completo é bastante clara em se tratando de elementos não-oracionais (*vocativos*, expressões de *chamamento*, de *saudações*, de *despedidas*), mas torna-se uma questão complicada quando se trata de elementos oracionais como as condicionais.

Antes de tudo, convém ressaltar que se entende a classificação de condicionais como CEOs na GF não como uma definição dessas orações, mas apenas como a análise de sua atuação no nível maior do *discurso*, em vez de no nível da oração. Elas são, como demonstrado no capítulo anterior, primariamente definidas como *satélites condicionais*. Ora, uma vez que os satélites são considerados elementos opcionais, em oposição a argumentos, aparentemente qualquer oração condicional pode ser subtraída sem que a gramaticalidade da oração a que ela se associa seja comprometida, e não apenas as que atuam como CEOs de Condição. Essa “subtração”, no entanto, torna-se complicada quando se considera a possibilidade de a oração principal, sem a condicional, ainda formar um todo completo, entendendo-se por isso um todo significativo. É estranho pensar que o significado da oração principal em uma construção como (66) seria mantido, sem perdas comunicativas, independentemente da presença/ausência da oração condicional.

(66) (Se João ficar), Pedro sairá.

Essa estranheza, porém, não se apresenta, no mesmo grau, se elementos não-oracionais são subtraídos. Se for retirada a expressão correspondente a um CEO de Chamamento da frase abaixo, por exemplo, o ouvinte naturalmente poderia responder a pergunta que lhe é direcionada:

(67) Ei, você, qual o seu nome?

Pode-se considerar, assim, que, com relação ao português, além de a distinção entre a posição interna ou externa (em P1 ou P2) de condicionais antepostas não se apresentar de um modo claro, as propriedades formais dadas como características dessas estruturas enquanto CEOs, em P2, são insuficientes para o reconhecimento dessa distinção.

Um fator que mais seguramente parece evidenciar a distinção, relacionando-se mais à função desempenhada pelos CEOs do que a suas propriedades formais, é a oposição entre constituintes restritivos e não-restritivos que Dik *et al.* (1990) utilizam para o refinamento da tipologia dos satélites, conforme demonstrado anteriormente.

A oposição entre constituintes adverbiais restritivos e não-restritivos, conforme já apresentada, relaciona-se à participação ou não do constituinte adverbial na definição do referente a que ele se liga. Em outras palavras, se o constituinte atua de modo a determinar a referência do EsCo da oração, ele é restritivo, se não, é não-restritivo. Essa oposição verifica-se entre as ocorrências (a) e (b), em (68) a seguir:

- (68) a. (...) bom, eu acho por exemplo, cebola, uma coisa imprescindível, mas acho horrível o gosto puro da cebola em si, que(r) dize(r) aonde venha te(r), se acentua(r) o gosto da cebola; a mesma coisa aonde venha se acentua(r) o gosto do alho, então, essas coisas tem que se(r) muito bem dosadas; então, digamos um refogado de camarão, aonde vai a cebola, vai o alho, vai a pimenta, tu sente(s) a pimenta, o gosto da pimenta, dependendo do tipo de pimenta, se põe uma pimenta malagueta, por exemplo, eu não gosto que pode evidentemente ultrapassa(r) assim o gosto da média, esta(r) muito marcante, mas se usa(r) essa pimenta chamada pimenta da terra, então ela ao ponto, essa pimenta frita com as cebolas, é exatamente que quebra o tom de excesso de cebola e ao mesmo tempo da pimenta, e dá um aroma, então, a pimenta, aquela coisa forte da pimenta passa a ser aromático na comida, e não o aspecto picante da comida que é diferente; então, fica assim aromático, então, faz esse refogado e põe tomate...(POA/D2/291/L8, p.5)
- b. L1 bebida alcóolica...eu gosto MUIto...sabe? e domingo também eu às vezes me dou ao luxo...a gente põe assim um vidrozinho (só)...a gente toma vinho de acordo também...com o tipo de comida...se é carne...aqueles hábitos que a gente tem...se é carne é vinho tinto... se é peixe a gente usa vinho branco...(RJ/DID/328/L17, p. 19)

Em (68a), a condicional não restringe a referência do EsCo presente na principal: *o uso da pimenta chamada pimenta da terra*, especificado na condicional, não determina o fato

de ser essa a *pimenta que quebra o tom de excesso de cebola...* Obviamente, o elemento (*pimenta da terra*) sobre o qual se fala na oração subsequente apresenta-se na condicional, e é justamente nesse sentido que ela não é vista como ‘dispensável’. Seu caráter extra-oracional relaciona-se apenas ao fato de ela não atuar, no nível da oração, como um satélite que apresenta um EsCo ao qual está condicionada a ocorrência/verdade de um outro EsCo; a função de uma oração como essa é antes determinada no nível do discurso, em que ela atua de modo a criar um quadro, uma espécie de *moldura* que serve de orientação para a interpretação que o ouvinte faz da informação subsequente.

Nas duas ocorrências grifadas em (68b), por outro lado, a condicional tem caráter restritivo e atua como um satélite condicional em vez de como um CEO de Condição. Diferentemente do que ocorre na construção em (68a), o EsCo especificado na condicional, ‘o tipo de comida ser carne/ser peixe’, determina, ou condiciona o EsCo veiculado na oração principal: ‘tomar vinho tinto/tomar vinho branco’.

Com relação à construção em (68a), poder-se-ia pensar que, além do caráter não-restritivo da condicional, a presença do elemento *então* na oração subsequente caracterizaria a condicional como CEO, como Dik (1997) propõe e, assim, ao contrário do que se sugeriu anteriormente, essa propriedade serviria, sim, como indicativo da distinção entre a atuação da condicional como satélite e como CEO. Contudo, na ocorrência em (69a) abaixo, em que não há o elemento *então*, a condicional também **não** atua como um satélite, o que, acredita-se, seria o caso na paráfrase em (69b):

- (69) a. L2 (...) tive problemas de...saúde problemas de tiróide não sei quê::então o médico está aconselhando a não ter mais... então nós estamos pensando...estamos pensando não ofic/ oficialmente não está encerrado...mas de fato está porque::...o endocrinologista proibiu terminantemente que eu tenha mais filhos...inclusive...se eu tiver...ele disse que vai ser necessário...um aborto...então estamos naquele negócio eh...como fazer::...se faço operação::se o marido fa::z.... (SP/D2/360/L13, p.4)
- b. *Se eu tiver mais filhos (=ficar grávida), será necessário fazer um aborto.*

O caráter não-restritivo da condicional, o qual, como se vem interpretando, caracteriza as condicionais que se realizam como CEO de Condição, pode ser visto como fator que justifica a ocorrência, bastante comum nos dados analisados, de condicionais como a que se apresenta em (70):

- (70) Doc se fosse passar um filme para crianças que tipo de filme a senhora acha que deveria ser passado? (SP/DID/234/L15, p.10)

Não há dúvida de que a oração condicional, nesse caso, não tem caráter restritivo, no sentido de que o EsCo nela presente não ‘condiciona’ a ocorrência/verdade do EsCo especificado na outra oração. Antes, pode-se dizer que há uma “restrição” quanto ao *quadro* dentro do qual o falante espera a resposta a ser dada pelo ouvinte: tipo de filme *para crianças*. Cabe notar ainda que, em casos como (70), em que a condicional precede uma oração interrogativa, o caráter extra-oracional da condicional torna-se evidente, uma vez que ela se associa a uma oração completamente especificada, nos termos da GF, inclusive com força ilocucionária própria.

O caráter restritivo/não-restritivo do constituinte adverbial pode, em princípio, parecer muito subjetivo para servir ao analista como critério de identificação da atuação das orações como satélite ou como CEO. No entanto, a definição dada à restrição que o constituinte apresenta, em termos de sua participação ou não na definição do referente a que ele se liga, associa-se à funcionalidade do constituinte na construção da expressão linguística e tem caráter semântico-pragmático, do mesmo modo que as definições que servem, na GF, como critério para a análise da atuação dos satélites nas diferentes camadas da oração.

A utilização da natureza restritiva/não-restritiva da condicional como critério poderia, ainda, parecer conflitante com os satélites condicionais que têm a estrutura interna de uma proposição. Conforme se apresentou anteriormente, a partir da interação do caráter restritivo/não-restritivo e o tipo do satélite segundo a atuação na estrutura hierárquica da

oração, Dik *et al.* (1990) consideram que os satélites proposicionais são sempre *não-restritivos*. Assim, considerar que a atuação dos satélites condicionais como CEOs se reconhece pela função não-restritiva do satélite forçaria a considerar também que todos os satélites condicionais proposicionais são CEOs.

Demonstrou-se, entretanto, na seção anterior deste capítulo, que a diferença com relação à atuação dos satélites condicionais nas camadas da proposição e da predicação não se permite reconhecer facilmente. Propôs-se, então, que a especificação do satélite condicional nas camadas da predicação e da proposição seja determinada a partir da complexidade interna da estrutura do satélite, a qual, por sua vez, pode ser definida a partir do tempo/modo verbal que se apresenta na condicional. Reconhecidas a partir de tal interpretação, as condicionais proposicionais podem ser tanto restritivas quanto não-restritivas, como se comprova a partir das seguintes ocorrências:

- (71) L1: você geralmente viajando você...não se prende muito ao horário então normalmente você almoça horas bem mais tarde...aqui porque você tem o problema de trabalhar cê tem uma hora fixa pra almoçar...então se eu comer muito na hora do café não vou ter vontade de almoçar...mas é um hábito que eu acho que é muito saudavel...é você colocar frutas de manha no café...porque:...falando sobre como ca/ como é o café...isso me ocorreu...é assim usar frutas né? de manha no café... (RJ/DID/328/L31, p.8)
- (72) Doc: agora...hum::...se a gente pensar um pouco na estrutura da universidade...como é que os cursos ou ou como é que as unidades estão...divididas distribuídas como é que é
L1: bom...lá na faculdade de medicina...eu acredito que o ensino vai... bem... sabe... apesar das ondas ainda mais ()...mas...eu tenho a impressão que o ensino vai...bem eu ensino na cadeira de...dermatologia que eu estou fazendo agora dermatologia infantil...então dou aula na::cadeira de...dermatologia...e graças a Deus no nosso curso...os estudantes eles...elogiam muito o curso de dermatologia... L10, p. 4

A relação entre constituintes proposicionais e não-restrição pode, assim, aplicar-se bem a constituintes não-oracionais, como *talvez*, *possivelmente*, por exemplo, mas não se aplica a satélites condicionais. O fato é também comprovado por Wakker (1992) com relação às condicionais em grego. Ela demonstra que o caráter não-restritivo, proposto em Dik *et al.*

(1990, p.63), não se aplica a todas as condicionais proposicionais do grego, o que o autor exemplifica com a seguinte ocorrência:

(73) *heurísko* *dè* *hòde* *àn* *ginómena* *taûta*,
achar-1SgPresInd *e* *desse jeito* *Mod Part* *acontecer-Ptcp* *isso*

ei labois **tèn emèn skeuèn pâsan**
se levar-2SgOptAor *as-minhas-roupas-todas-Acc*

“Eu acho que isso poderia ser desse jeito **se você levasse todas as minhas roupas**”

Conforme Wakker analisa, a condicional em (73) especifica o constituinte *hòde* (‘desse jeito’), cujo significado não se pode inferir a partir do contexto precedente. A condicional é, assim, indispensável para o entendimento correto da oração principal e não pode, portanto, ser tratada como não-restritiva.

Sendo assim, como já se apontou, o critério baseado na natureza restritiva/não-restritiva da condicional não serve à distinção entre satélites condicionais de predicação e de proposição. Para isso, como se propôs, a complexidade interna do satélite, associada ao modo/tempo verbal codificado na oração é um critério mais confiante e que melhor se aplica.

Ressalte-se, por fim, que a discussão que se apresentou nesta seção, acerca da atuação das orações condicionais como CEOs, referiu-se apenas às condicionais em posição extra-oracional inicial (P2) porque essa é a posição de que Dik (1997) se utiliza para ilustrar os CEOs de Condição. No capítulo em que se apresenta a análise de fatores semântico-formais investigados nos dados, no entanto, discute-se a atuação das condicionais como CEOs também em posição intercalada (Pn) e final (P3).

3.2. Constituintes extra-oracionais de Tempo

Conforme se verifica no quadro apresentado anteriormente (quadro 12), os CEOs de Tempo classificam-se como CEOs de Localização, no interior da macrofunção pragmática de Orientação. Dik (1997) considera que os CEOs de Localização correspondem a constituintes que atuam na criação do cenário dentro do qual um evento pode ser localizado. Eles contribuem, assim, para a especificação da localização de um evento com relação a Tempo, Lugar ou com relação à ocorrência de um outro EsCo circunstancial, como exemplificado, respectivamente, em (74), (75) e (76):

(74) **No início da primavera**, João sentiu-se mal.

(75) **Em Paris**, João sentiu-se mal.

(76) **Quando Maria partiu para Nova Iorque**, João sentiu-se mal.

Os constituintes em (74) a (76), representativos de CEOs de Localização, são praticamente idênticos aos satélites definidos em Dik *et al.* (1990) como atuantes na camada da predicação, localizando o EsCo da predicação nuclear com relação às dimensões espacial, temporal e cognitiva. Ao serem caracterizados como CEOs em Dik (1997), esses constituintes são apenas exemplificados; nenhuma referência explícita é feita, como ocorre para os CEOs de Condição, a alguma propriedade, seja semântica, seja formal, potencialmente distintiva da atuação dos constituintes como satélites ou como CEOs. Com relação a propriedades características de CEOs de Localização, faz-se apenas a seguinte observação:

Note que, assim como no caso das condicionais, as especificações de Localização podem ocorrer em posição pré-oracional de Orientação, mas podem também estar integradas à estrutura da oração (Dik, 1997, p. 398).¹⁶

¹⁶ Note that, just as in the case of conditionals, Setting specifications may occur in preclausal Orientation position, but may also be integrated into the clause structure.



Uma diferença mais geral que se pode notar entre os constituintes exemplificados como CEOs em Dik (1997) e aqueles definidos como satélites em Dik *et al.* (1990) diz respeito à ordenação dos constituintes. Conforme exposto na seção 1 deste capítulo, os constituintes que se apresentam como exemplos de satélite de Localização espacial, temporal e circunstancial são todos pospostos à oração. Eles são os seguintes:

- (77) João encontrou Pedro **na plataforma**. (Localização espacial)
- (78) João encontrou Pedro **às cinco horas**. (Localização temporal)
- (79) Maria estava fumando um cigarro, **enquanto João estava lavando o carro**. (Localização circunstancial)

Uma outra diferença, essa de caráter mais específico, diz respeito à conjunção que introduz o tipo de localização relativa a um outro EsCo, isto é, a Localização circunstancial: introduzindo o exemplo de um *satélite* que especifica um EsCo que ocorre simultaneamente ao EsCo da oração principal, encontra-se a conjunção *enquanto*, e, na exemplificação de um *CEO* que desempenha essa função, a conjunção *quando* se apresenta. Acredita-se, entretanto, que essa diferença não seja relevante a ponto de representar uma distinção entre a atuação desses elementos como satélite ou como CEO. Embora *enquanto* caracterize o EsCo como “-télico” e *quando* como “+ télico”, ambas as conjunções, pelo menos em português, podem cumprir a função de Localização circunstancial.

Parece ser mais significativa a primeira diferença notada entre os exemplos, relativa à posição distinta dos constituintes com a mesma função semântica e níveis de atuação diferentes, ou seja, antepostos, no nível do discurso, caracterizando CEOs, e pospostos, como satélites atuantes no nível da oração. Se, em posição pré-oracional, especificações de Localização podem se realizar tanto como satélites quanto como CEOs, por que os constituintes que exemplificam satélites de Localização se encontram, em Dik *et al.* (1990), todos em posposição? Deve-se deduzir do contraste entre os exemplos que as orações

introduzidas por *quando* atuam somente como CEOs de Orientação quando antepostas à oração e unicamente como satélites quando em posposição? Mais uma vez, o caráter restritivo/não-restritivo do constituinte parece auxiliar no reconhecimento da distinção.

Compare, a esse respeito, as ocorrências em (80a) e (80b) abaixo:

- (80) a. L1 porque engraçado é que quando a gente viaja...a gente observa que as frutas de outros estados são totalmente diferentes...coisas até bastante desco/ desconhecidas...com nomes estranhíssimos () e os que nós temos aqui têm nomes diferentes no/ noutras regiões né?... (RJ/DID/328/L11, p.3)
- b. então, (es)tá entendido até aqui bom, agora, extrapolação vejam que quando nós estamos falando em compreensão, é a primeira ginástica mental que o indivíduo faz com a informação então, ele pode simplesmente me dizer o que foi que o conferencista disse, já não será a repetição pura e simples da, das palavras do conferencista, mas o conteúdo, a mensagem é a mesma, ele poderá interpretar, se eu pedir a interpretação, vai me dar o seu ponto de vista, vai me dar o seu ponto de vista, a sua opinião, mas ele não está criando nada, ele está fiel à comunicação...(POA/EF/278/L20, p.20)

A oração introduzida por *quando* em (80a) contém um EsCo ('a gente viaja') que localiza simultaneamente o EsCo presente na oração principal ('a gente observa que as frutas de outros estados são totalmente diferentes'). Em (80b), por outro lado, não se pode dizer que a oração encabeçada por *quando* desempenhe a mesma função, ou que o EsCo nela veiculado localize temporalmente a ocorrência do EsCo na oração subsequente (cf. o EsCo 'ser a compreensão a primeira ginástica mental que o indivíduo faz com a informação' ocorre simultaneamente ao EsCo 'estarmos falando em compreensão'). Antes, o que se pode dizer é que a oração introduzida por *quando* cria um quadro que serve de *orientação* para que o ouvinte compreenda a informação subsequente. Novamente, assim como no caso das condicionais, o elemento (*compreensão*) sobre o qual a informação é apresentada na oração subsequente se encontra justamente no *quadro* criado pela oração iniciada por *quando*, o que enfatiza o fato de o caráter não-restritivo da oração, característico de seu *status* extra-oracional, de modo algum estar associado a uma potencial irrelevância funcional.

Assim como se dá com ocorrências antepostas, a partir do caráter restritivo/não-restritivo se pode distinguir a atuação de orações introduzidas por *quando* em posposição, ora como satélites ((81a)), ora como CEO ((81b)):

- (81) a. (...) nós vamos ver Qual é a diferença que existe entre uma taxionomia e uma classificação, eu poderia, por exemplo, dividir esta aula em os alunos homen(s) e as mulheres, eu estaria, fazendo uma classificação sem, no entanto, dizer qual é o mais importante, sem, no entanto dizer, qual dos dois é mais comple talvez, os homens dissessem o mais importante não tem, mas mais complexas são as mulheres, bem, eu poderia, dividir a, uma coleção de livros em livros didáticos e não-didáticos, sem, no entanto, dizer que, quais seriam os mais importantes, simplesmente, eu classifiquei, mas eu, isso não acontece quando se faz uma taxionomia então, vamos ver, vamos ajudando... (POA/EF/278/L26, p.2)
- b. (...) então, uma mesma questão, muitas vezes, pode exigir, ah, diferentes processos mentais, dependendo da maneira como ela é apresentada então, *Bloom colocou dentro da sua taxionomia, dentro da sua categorização, o processo mental que nem chega a ser processo, que ele chama simplesmente cognição, memória, como conhecimento, quando a aluna enumera, repete, simplesmente quando o aluno armazenou uma informação e devolve aquela informação da mesma maneira como ela como foi recebida*. Bem, a partir daí, da categoria dois, já se chamam habilidades mentais... (POA/EF/278/L6, p.4)

Em (81a), conforme se observa, a oração *quando se faz uma taxionomia* tem a função de localizar temporalmente o EsCo na oração antecedente *isso* (uma classificação com hierarquia de valores) *não acontece*. Em outras palavras, o satélite introduzido por *quando* liga-se à predicação, restringindo (temporalmente) a referência do EsCo nela apresentado. Por outro lado, em (81b), como se nota, as duas ocorrências de oração com *quando* não exibem essa função; elas atuam, antes, de modo a *esclarecer*, para o ouvinte, parte da informação apresentada anteriormente ‘*o que Bloom chama cognição, memória, conhecimento*’. Assim, embora nesse último caso não se possa falar que o CEO introduzido por *quando* desempenhe propriamente a função de *Orientação*, atribuída a esses elementos em anteposição, a função de esclarecimento ao ouvinte corresponde também a uma estratégia de organização discursiva que o falante adota, tendo em vista a melhor compreensão por parte do ouvinte, e essa talvez seja a função discursiva típica desses CEOs em posposição.

Sendo assim, considera-se que, apesar de grande parte das propriedades dadas em Dik (1997) como definidoras de CEOs no nível do discurso não se revelar tão segura com relação a constituintes oracionais quanto se mostra para os não-oracionais, o reconhecimento da atuação especificamente no nível do discurso, em vez de no nível da oração, é perfeitamente plausível para as ocorrências tanto de oração introduzida por *se* quanto daquela iniciada por *quando*. Conforme se demonstrou, a oposição *restritivo/não-restritivo* permite reconhecer que, por vezes, a função desempenhada por determinada ocorrência se volta mais para a interação falante/ouvinte e, então, para aspectos de ordem pragmática, do que para a determinação de aspectos sintático-semânticos, no nível da oração. A atuação de uma oração condicional como estratégia de orientação discursiva pode ser atestada ainda em usos como no seguinte tipo de ocorrência:

- (82) Inf1: (...) a relação salário profissional de nível superior ao aluguel seria a quarta parte, relação de dois mil cruzeiros, o sujeito pagava quinhentos cruzeiros, apesar que a unidade não era cruzeiro então hoje você vê o seguinte, é, na minha profissão, um arquiteto que se forma, o salário inicial de arquiteto (es) tá em torno de quatro mil e quinhentos cruzeiros, cinco mil cruzeiros, de acordo com hora...quantidade de horas, normais ou extras etc, então você vê o seguinte: se fosse nessa relação, este arquiteto pra pagar a quarta parte de seu salário seria pra pagar mil cruzeiros, mil e duzentos cruzeiros, certo? ora, ele pra pagar um aluguel de mil cruzeiros, mil e duzentos cruzeiros, ele, pra morar, se ele quisesse, um exemplo, na Zona Sul, um apartamento de mil cruzeiros, mil e duzentos é apartamento de quê?

Inf2: aonde? não existe

Inf1: na Zona Sul

Inf2: não existe

Inf1: ah, não existe

Inf2: ué, se um apartamentozinho que eu agora (es)tava querendo alugar, desse que, ali na 314...

Inf1: esse aqui atrás?

Inf2: não, não é o meu, o outro que eu (es)tava querendo alugar pra fazer o, o atelier, ele é, é, era do...dois mil e oitocentos

Inf1: quer dizer, então já, ele já teria que sair da Zona Sul, pensar em termos de Zona Norte ou, ou talvez...

Inf2: mas não faz muita diferença não (RJ/D2/355/L28, p.2)

No diálogo acima, a função da condicional grifada é de fato a de orientar o ouvinte. Depois de introduzida parte da condicional (*se um apartamentozinho que eu agora estava querendo alugar*), os interlocutores continuam a negociar a melhor especificação do referente

(Inf1 *esse aqui atrás?* Inf2 *não, não é o meu, o outro que eu estava querendo alugar pra fazer o atelier*) e, completada a condicional pelo Inf1 (*ele era dois mil e oitocentos*), o ouvinte (Inf2) já é capaz de saber o que o falante quis dizer e, assim, adianta o que poderia ter sido representado na oração principal se a construção tivesse sido completada pelo falante.

O tratamento dado às orações temporais e condicionais pela GF, conforme apresentado até aqui, tem o domínio da oração como ponto de referência para as análises propostas. O reconhecimento de orações adverbiais como CEOs, que se discutiu nesta última seção, pode, no entanto, ser entendido no âmbito das preocupações mais recentes da GF em estender o modelo clássico de descrição, que se centra na estrutura hierárquica da oração em camadas, para o domínio do discurso, dando ênfase à associação entre a descrição de fenômenos lingüísticos e suas funções interpessoais e textuais, em vez de apenas suas funções representacionais ou referenciais. Essa reformulação da teoria e o lugar do fenômeno da articulação de orações nas discussões acerca do tema são assuntos da última seção deste capítulo.

4. A Gramática Funcional do Discurso e a combinação de orações

O último capítulo da Parte II da Gramática Funcional (Dik, 1997), posterior ao capítulo em que os CEOs são definidos, é dedicado a uma proposta de *Gramática Funcional do Discurso* (daqui em diante, GFD). Com relação ao fato de o modelo de descrição lingüística desenvolvido até ali ser essencialmente uma teoria gramatical da oração, Dik faz a seguinte ressalva:

ULN [usuários de língua natural] não falam em sentenças ou orações isoladas, mas as combinam em trechos maiores e mais complexos para os quais podemos usar o termo geral “discurso”. (Dik 1997, p. 408)¹⁷

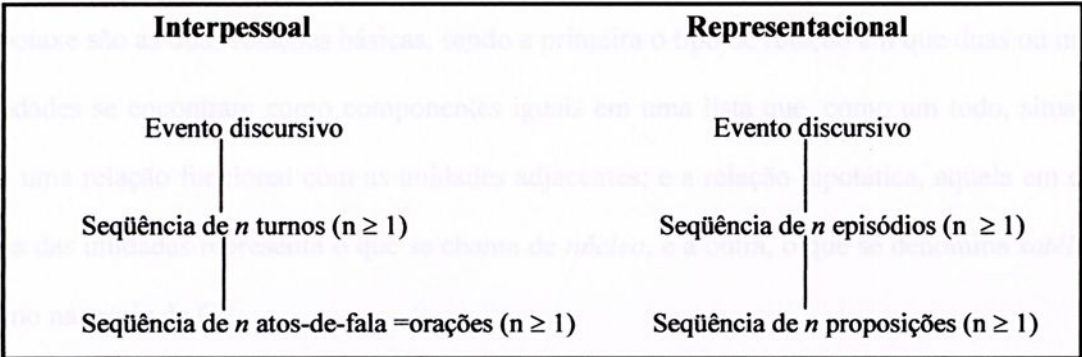
Conforme o autor admite, tendo em vista que o discurso é muito mais do que uma seqüência arbitrária de orações, ainda que se tenha uma teoria “ótima” da oração, ela será insuficiente como componente de uma teoria maior da competência comunicativa dos ULNs. Por outro lado, como Dik aponta, uma vez que as próprias orações, em suas estruturas internas, submetem-se a uma variedade de fatores discursivos, uma teoria “ótima” da oração isolada é simplesmente impossível.

A Teoria da Gramática Funcional, conforme se demonstrou anteriormente, objetiva atingir adequação pragmática e psicológica em suas análises e descrições. Por “adequação pragmática” entende-se a exigência de se incorporar às descrições lingüísticas explicação para o fato de as línguas serem usadas prioritariamente com intenções comunicativas na interação verbal. “Adequação psicológica” corresponde ao grau de compatibilidade que deve haver entre a descrição lingüística e o que se sabe sobre processos mentais envolvidos na produção e interpretação lingüísticas. Encontra-se aí a motivação para se estender o modelo da oração ao nível mais alto do discurso, isto é, para ser coerente com a obrigação de se construir uma teoria de forma mais adequada possível a aspectos pragmáticos e psicológicos das línguas naturais, “a GF deveria, com o tempo, explicar a gramática funcional do discurso” (Dik, 1997, p. 408).

Por corresponder a uma extensão *ascendente*, o modelo descritivo proposto para a construção de uma GFD é estruturalmente similar ao modelo de oração hierárquica. Reconhecem-se, assim, diferentes camadas funcionais também no nível do discurso, que tem como sua camada mais alta o *evento discursivo*. Além disso, assim como na descrição de

¹⁷ NULs do not speak in isolated sentences or clauses, but combine these into longer and more complex stretches for which we may use the general cover term “discourse”.

orações, assume-se que as camadas do discurso podem ser distinguidas nos dois níveis de expressão lingüística: o *representacional*, que diz respeito ao conteúdo da expressão, e o *interpessoal*, que corresponde à parte interacional da expressão. A proposta de estruturação hierárquica do discurso feita em Dik (1997, p. 422-427) pode ser visualizada no seguinte esquema, elaborado por Mackenzie (2000).¹⁸



Quadro 13: Proposta de Dik (1997) para a estrutura hierárquica do Evento Discursivo (extraído de Mackenzie (2000, p. 29))

A hierarquia correspondente ao nível interpessoal, conforme observa Mackenzie (*op. cit.*), estende-se, em direção *ascendente (upward)*, a partir da última camada da oração subjacente, isto é, a dos atos-de-fala. Esse nível representa diretamente, portanto, a extensão do modelo da oração. Diferentemente, a hierarquia do nível representacional tem como ponto de partida a estrutura correspondente à terceira camada da oração: a proposição. Levando-se em conta ambos os níveis, nota-se que, com poucas modificações, devidas ao fato de o discurso ser agora a unidade de análise, o modelo de oração preexistente aplica-se à proposta da GF para a abordagem do discurso.

Ao longo da apresentação de sua proposta, Dik aponta que, do mesmo modo como se pode considerar o discurso de um ponto de vista estrutural, por meio da divisão em camadas hierárquicas, pode-se também considerá-lo de um ponto de vista funcional ou relacional.

¹⁸ Para uma visão mais detalhada da GFD, conforme prevista por Dik, veja o capítulo 18 de Dik (1997). Dados os propósitos desta seção, expõem-se apenas aspectos gerais da proposta.

Conforme ele ressalta, esse ponto de vista funcional, ou relacional, tem sido desenvolvido no interior da *Teoria da Estrutura Retórica*, especialmente nos trabalhos de Mann & Thompson (1987) e de Matthiessen & Thompson (1988).

Em uma visão geral, conforme sumarizado por Dik, considera-se, na Teoria da Estrutura Retórica, que cada unidade básica do discurso (aproximadamente, cada *oração*) mantém uma certa relação funcional com a unidade anterior ou posterior a ela. Parataxe e hipotaxe são as duas relações básicas, sendo a primeira o tipo de relação em que duas ou mais unidades se encontram como componentes iguais em uma lista que, como um todo, situa-se em uma relação funcional com as unidades adjacentes; e a relação hipotática, aquela em que uma das unidades representa o que se chama de *núcleo*, e a outra, o que se denomina *satélite*, como na teoria da GF.

Ao tratarem da relação entre estrutura do discurso e o que se denomina tradicionalmente *subordinação*, Matthiessen & Thompson (1988) distinguem, primeiramente, os casos em que uma oração adverbial funciona em uma estrutura de *encaixamento* daqueles em que ela atua em uma *combinação de orações*. Conforme eles consideram, uma oração adverbial apresenta-se em uma estrutura de *encaixamento* se, por exemplo, ela funciona como um constituinte (adverbial) modificador de um outro constituinte (nominal), como em (83):

- (83) Aqueles eram *dias* quando todo poema apresentava-se com boas qualidades e exaltava-se com elogios....

Em casos desse tipo, segundo os autores, a oração adverbial “desempenha a função que uma oração relativa restritiva tipicamente desempenha” (p. 279). Conforme apontam os autores, sem que seja considerada a distinção entre encaixamento e combinação de orações, todas as chamadas orações subordinadas adverbiais têm em geral sido tratadas como casos de encaixamento, sob o argumento de que uma oração se encaixa em outra como um *advérbio* ou

um *adjunto adverbial*. Essa é também a abordagem que subjaz à definição das orações adverbiais na GF: construções encaixadas como ‘restritores de termos’ em posição de satélite.

Matthiessen & Thompson demonstram que, quando uma oração adverbial se combina com outra oração, não há como dizer que ela funciona como adjunto adverbial da oração a que se associa. Como eles argumentam, se se tentar parafrasear a oração adverbial por um sintagma preposicional que funcione como um advérbio, o resultado é uma metáfora gramatical. Os autores apresentam o seguinte exemplo, seguido da tentativa de paráfrase (p. 280):

- (84) Antes de partir de Krishnapur, o Collector tomou uma decisão estranha.
= Antes de sua partida de Krishnapur, o Collector tomou uma decisão estranha.

A paráfrase resulta em uma *nominalização* (‘partida’), e não em um nome, como seria o caso em ‘*Antes do meio dia...*’, e a nominalização é, segundo os autores, uma metáfora que apresenta um *evento* como uma *entidade*.

Como um outro argumento para a idéia de que orações adverbiais não funcionam como adjuntos adverbiais encaixados em outra oração, Matthiessen & Thompson apontam o fato de que uma oração pode se construir em uma combinação de orações. Como exemplo, eles citam o trecho em destaque no diálogo a seguir, tradução do original em inglês (p. 281):

- (85) Filho: Como você pode ver o que aconteceu há tempos antes de você nascer?
Pai: Você lê em livros?
Filho: Não, usa um microscópio para olhar para trás.
Pai: Como assim?
Filho: Bom, se você estiver em um carro ou em um campo de observação, você olha para trás e então você vê o que aconteceu antes, mas você precisa de um microscópio para ver o que aconteceu há muito tempo porque é muito longe.

Conforme os autores analisam, a parte destacada em (85) divide-se em uma disjunção de orações condicionantes (*se você estiver em um carro ou em um campo de observação*) e uma sequência coordenada condicionada (*você olha para trás e então você vê o que aconteceu*). A oração condicional não está, portanto, relacionada a uma oração simples, mas a

uma *combinação de orações*. Matthiessen & Thompson afirmam com relação a esses casos que:

Quando uma oração se combina com uma outra oração, ela parece funcionar como um advérbio, embora de fato não funcione. Mas quando uma oração se combina com uma combinação de orações, é muito claro que não há uma única oração da qual ela poderia ser um constituinte encaixado. (1988, p. 280)¹⁹

Após tais considerações de caráter introdutório, que, nos termos dos autores, ligam-se à gramática da combinação de orações, Matthiessen & Thompson passam a tratar da organização retórica do discurso. Por meio da análise de alguns fragmentos de texto, eles demonstram que a estrutura retórica relacional de um texto pode ser dada em termos das relações retóricas entre as partes que o compõem. Essa estrutura relacional demonstra, segundo eles, o tipo de relações existentes entre as partes de um texto e mostra, ainda, como cada unidade que o compõe é ligada ao restante do texto por uma rede dessas relações, formando um todo coerente.

Após caracterizar, de maneira independente, a organização retórica do discurso, Matthiessen & Thompson voltam à gramática da combinação de orações para mostrar como ela reflete o nível mais alto da organização do discurso. Esse reflexo é ilustrado por Dik (1997, p. 432) da seguinte maneira, seguindo sua divisão do discurso em camadas de nível interpessoal, que corresponderia às unidades retóricas do discurso de Matthiessen & Thompson, e de nível representacional, equivalentes à gramática da combinação de orações:

¹⁹ *When one clause combines with just one other clause, it may seem to function as an adverbial, although it does not. But when one clause combines with a combination of clauses, it is quite clear that there is no single clause it could be an embedded constituent part of.*

- (86) No nível interpessoal
- a. U_1 *motiva* U_2
 - b. U_1 *fornece informações de base para* U_2
 - c. U_1 *dá uma antítese para* U_2
 - d. U_1 *dá uma solução para* U_2

No nível representacional

- a. U_1 *explica* U_2
- b. U_1 *possibilita* U_2
- c. U_1 *especifica uma condição para* U_2
- d. U_1 *especifica um propósito para* U_2
- e. U_1 *especifica uma circunstância para* U_2
- f. U_1 *é uma concessão em relação a* U_2

Restringindo-se a um tipo de combinação de oração, a hipotaxe de realce, conforme distinguido em Halliday (1985), o propósito de Matthiessen & Thompson (1988) é o de comprovar a tese de que a combinação de oração hipotática de realce evolui como uma gramaticalização de relações retóricas no texto, do tipo Núcleo-Satélite de realce. Eles consideram que existe uma analogia fundamental entre uma combinação de oração e a organização retórica de um texto e sugerem que combinações de oração representam unidades de texto retoricamente combinadas.

Como se torna claro a partir daí, o tipo de extensão que subjaz à proposta de Matthiessen & Thompson é a do discurso para a gramática, portanto, uma extensão descendente (*top-down*).²⁰ Diferentemente, a opção de Dik é por uma projeção ascendente (*bottom-up*), da gramática para o discurso. Sobre a sugestão de Matthiessen & Thompson de a gramática da relação núcleo-satélite ser considerada caso de combinação de oração, ao invés de encaixamento, Dik assim se manifesta:

Não compartilho da idéia de que satélites oracionais, proposicionais e predicacionais não devam ser tratados como subordinados ou encaixados no nível da oração. Mas acredito ser

²⁰ O modo de projeção *top-down* é também a posição que toma Hengeveld (2000) em recente proposta de *Arquitetura da Gramática Funcional*. Tal proposta é representativa dos esforços mais recentes no círculo da Gramática Funcional que têm se voltado para a elaboração de uma Gramática Funcional do Discurso, apenas prevista em Dik (1997).

uma boa idéia assumir que relações funcionais intra-oracionais desse tipo possam ser projetadas para o nível do discurso. (Dik 1997, p. 432)²¹

O modo ascendente de projeção, no entanto, deixa sem solução a questão do escopo de orações adverbiais pertencentes a uma mesma camada, conforme demonstra Kwee (1999). O autor busca soluções na GF para a análise do que ele chama também de *fenômeno da recursividade de orações adverbiais*, que ele ilustra com a sequência de orações em (87):

- (87) O príncipe tinha perdido todas as esperanças de rever Cinderela
 Porque ela fugiu do baile correndo
 antes que ele pudesse perguntar o nome dela.

Considerando-se que, na sequência acima, tanto o satélite de Causa (introduzido por *porque*) quanto o de Tempo (introduzido por *antes*) pertencem à camada da predicação, Kwee (1999) demonstra que, pelo modelo original da oração, não há como considerar que o satélite de Causa seja o escopo do satélite de Tempo, uma vez que o modelo prevê relações de escopo apenas entre constituintes de complexidade diferente. Para o caso em questão, isso implicaria que o satélite de Tempo fosse, por exemplo, pertencente ao nível da proposição para que tivesse a predicação como seu escopo.

A solução para o caso, como Kwee ressalta, também não se encontra na GFD apresentada em Dik (1997), uma vez que ela representa uma extensão direta do modelo original da oração. A solução encontrada por Kwee está justamente na proposta de Matthiessen & Thompson (1988). Uma vez que, na proposta dos autores, não se tratam as orações adverbiais como estruturas encaixadas em outra oração, mas como combinação de orações, a possibilidade de uma oração ligar-se a uma combinação de oração é reconhecida e perfeitamente plausível para a solução da questão do escopo de orações adverbiais recursivas.

²¹ I do not go along with the idea that clausal, propositional and predication satellites should not be treated as subordinate or embedded at the clause level. But I do believe it is a good idea to assume that intraclausal functional relations of this kind can be projected onto the discourse level.

Kwee (1999) enfatiza ainda que, diferentemente da projeção ascendente das relações inter-oracionais para o nível do discurso, como propõe Dik (1997), a hipótese de Matthiessen & Thompson (1988) envolvendo projeção descendente está mais de acordo com os princípios de primazia, em se tratando da língua em uso, da pragmática sobre a semântica e dessa sobre a sintaxe e, assim, refletiria melhor a base comunicativo-funcional da GF. Nessa linha de raciocínio, Kwee apresenta a seguinte sugestão, radicalmente contra a proposta de GFD de Dik (1997):

Defendo que nenhuma proposta de teoria gramatical da GF fundamentalmente orientada para o discurso-texto pode se sustentar, a menos e até que o modo de analisar estruturas subjacentes da oração centrado na sentença seja finalmente abandonado. (Kwee, 1999, p. 26)²²

A questão das relações de escopo entre constituintes pertencentes a uma mesma camada da oração, que corresponde à recursividade de orações adverbiais tratadas por Kwee (1999), já era preocupação de Dik *et al.* (1990), que, ao final do artigo, assim se manifestam:

Muitos dos problemas concernentes ao lugar dos satélites no modelo em camadas da oração precisam ainda ser investigados. Para citar um deles, nós quase não tratamos do problema das relações entre diferentes satélites na mesma camada (e.g. as relações entre satélites Temporais e Locativos, ambos satélites de predicação). (Dik *et al.*, 1990, p.64)²³

A adoção de uma posição radical, como a assumida por Kwee (1999), de abandono total do modelo de orações em camadas, no entanto, suscita algumas questões de análise e pensamos não ser o caso. Tendo-se como domínio de análise apenas o nível do discurso, na linha de Matthiessen & Thompson (1988), como seriam analisadas as adverbiais que não

²² *No claim of a fundamentally pragmatics based, discourse-text oriented grammatical theory of FG can be warranted, I contend, unless and until the sentence-centered fashion of analysing underlying clause structures is finally abandoned.*

²³ *Many problems concerning the place of satellites in the layered model of the clause remain to be explored. For one thing, we have hardly touched the problem of the relations between different satellites at the same layer (e.g., the relations between Temporal and Local satellites, both predication satellites).*

constituem casos de combinação de orações, como as que se estruturam em posição de encaixamento e que são assim reconhecidas por esses autores (cf. (83) acima)?

Além disso, adotando-se um modo descendente de análise, como sugerem Matthiessen & Thompson (1998), das relações retóricas para a gramática das orações adverbiais, não há, em princípio, como garantir que a análise abrangerá suficientemente todos os tipos possíveis de construção adverbial, ou seja, haveria tantas relações retóricas quantas fossem as combinações de orações adverbiais possíveis em uma língua? Em se tratando de descrição lingüística, talvez seja melhor pecar por excesso do que por negligência.

Contudo, para o momento, as questões acerca da adequação de considerações relacionadas à gramática da oração adverbial serem estendidas para o nível mais alto do discurso, ou, inversamente, decisões no nível mais alto do discurso serem determinantes da estrutura gramatical, no nível mais baixo, não serão discutidas com relação às orações adverbiais abordadas no presente trabalho, mesmo porque não temos uma resposta satisfatória para as indagações levantadas, e as discussões a respeito do tema no interior da GF encontram-se, no momento, em estágios incipientes. Aqui, concordamos com Dik *et al.* (1990) que:

o modelo de oração em camadas fornece uma tipologia (...) adequada dos satélites e que (...) o modo natural com que uma variedade de distinções podem ser consideradas nessa concepção da estrutura da oração reforça a validade do próprio modelo da oração. (Dik *et al.*, 1990, p. 65)²⁴

A necessidade de se rever a caracterização de alguns satélites oracionais, conforme se discutiu em vários pontos deste capítulo, é a única ressalva que apontamos com relação ao tratamento das orações adverbiais na teoria da GF.

²⁴ (...) *the layered clause model provides for a (...) adequate typology of satellites, and (...) that the natural way in which a variety of distinctions can be captured in this conception of clause structure reinforces the validity of the clause model itself.*



Para os propósitos aqui determinados e levando-se em conta os limites deste trabalho, consideram-se tanto as orações condicionais quanto as temporais ou como *tipos de satélites*, atuantes nas diferentes camadas da estrutura da oração, ou como CEOs, quando atuantes primordialmente no domínio interpessoal, em contribuição ao estabelecimento da interação falante/ouvinte. Por essas mesmas razões, o comportamento das orações aqui analisadas não será relacionado a propriedades funcionais características de determinado tipo de discurso-texto.²⁵ Este trabalho restringe-se, portanto, ao modelo de descrição gramatical do enunciado, conforme desenvolvido na teoria da GF até a obra de Dik (1997). Nos dois capítulos seguintes, será abordada, de forma mais detalhada, a relação entre tempo e condição, e serão apresentados os resultados da análise de fatores semânticos e formais que se empreendeu aos dados, de modo que esse posicionamento se tornará mais evidente.

²⁵ Para um trabalho que, nessa linha, relaciona o comportamento das orações adverbiais em português ao tipo de discurso em que elas se apresentam, veja Decat (1993).

CAPÍTULO III – A RELAÇÃO ENTRE AS NOÇÕES DE TEMPO E CONDIÇÃO

1. Aspectos gerais da relação

A estreita relação entre as categorias semânticas de tempo e condição tem sido sugerida especialmente por estudos de base cognitiva e diacrônica.

Estudos que tratam da aquisição de sentenças condicionais (por exemplo, Bowerman, 1986; Reilly, 1986, para o inglês, e Rodrigues, 2001, para o português) têm demonstrado que elas surgem mais tardiamente na fala espontânea de crianças falantes nativas. Conforme se atesta, as temporais são empregadas mais cedo e, em muitos casos, contendo traços semânticos inerentes às condicionais, tais como a contingência entre dois eventos.

Estudos diacrônicos que buscam elucidar a fonte de condicionais demonstram, especificamente com relação aos aspectos semânticos envolvidos no processo, que os marcadores condicionais¹ derivam, em várias línguas não-relacionadas, de um conjunto restrito de domínios léxico-gramaticais. Entre esses domínios, Traugott (1985), por exemplo, elenca o grupo de palavras que são originalmente temporais, especialmente aquelas que, de algum modo, expressam duração, ou que são ambíguas entre significados durativos e pontuais como *quando* (*when*).²

Além disso, na literatura sobre condicionais, encontram-se algumas vezes citadas línguas que não apresentam distinção lexical entre palavras equivalentes a *se* e *quando*. Uma

¹ O uso do termo “marcador condicional”, ao invés de “conjunção condicional”, é, nesse caso, mais adequado tendo em vista que algumas línguas marcam a noção de condição por meio de afixos gramaticais.

² Traugott (1985, p. 290-292) apresenta cinco domínios léxico-gramaticais dos quais os marcadores da noção de *se* nas chamadas *prótases* ou *antecedentes condicionais* derivam em uma ampla variedade de línguas não-relacionadas. Além do domínio das palavras *temporais*, estão: (i) modais de possibilidade, dúvida (modalidade epistêmica) e desejo (modalidade optativa), (ii) construções de cópula, tipicamente do tipo existencial, (iii) interrogativas, especialmente complementos interrogativos de verbos como *saber*, e (iv) marcadores de tópico e demonstrativos.

delas é o alemão, na qual a conjunção condicional e a que funciona como temporal têm a mesma forma: *wenn* (Vaz Leão, 1961; Athanasiadou, 1997; Wierzbicka, 1997).

A esse respeito, no entanto, Wierzbicka (1997) defende que alegações a favor de não-distinção entre os conceitos de *se* e *quando* são resultados de uma falha em reconhecer polissemia lexical. Defendendo sua tese de que o conceito de *se* é um universal semântico³, a autora demonstra que toda língua, incluindo aquelas que apresentam uma mesma forma para a expressão de dois conceitos, dispõe de algum ambiente (*frame*) que permite uma distinção entre os conceitos, ainda que, em alguns contextos restritos, permaneça a polissemia.

Com relação ao alemão, por exemplo, Wierzbicka (1997, p. 24-25) mostra que há formas bastante inequívocas para a expressão do conceito de *quando*, que não podem ser usadas com o sentido de *se*, quais sejam, a forma *wann*, usada em questões e orações relativas, e a forma *als*, empregada em orações que expressam tempo passado. Segundo ela, tal fato já permite considerar que o alemão claramente distingue *se* de *quando*.

Além disso, a autora demonstra que o alemão também dispõe de uma palavra para *se*, nomeadamente *wenn*, e que, embora em sentenças subordinadas que se referem a eventos futuros *wenn* possa equivaler a *se* ou a *quando*, isso não significa que a palavra seja de algum modo vaga, ou que ela recubra ambos os sentidos ao mesmo tempo. Ao invés desse tipo de afirmação, segundo a autora, é mais correto considerar que *wenn* é polissêmico e significa ou *se* ou *quando*. O fato é que, associado a determinados ambientes gramaticais (como, por exemplo, em *wenn nicht* “se não”, ou em combinações com o tempo passado), conforme Wierzbicka demonstra, *wenn* só pode significar *se*, e não *se* ou *quando*, o que sustenta o caráter polissêmico, e não vago, de *wenn* do alemão.

³ Como demonstra Wierzbicka (1997), um conceito definido como um universal semântico apresenta um universal léxico correspondente, ou seja, tem um expoente lexical (uma palavra ou um morfema) identificável em todas as línguas do mundo. No conjunto de conceitos que funcionam como universais semânticos, apresentado pela autora com base em evidência tipológica, encontra-se também *quando* como um dos expoentes lexicais do conceito de *tempo* (1997, p.18).

Na mesma linha de Wierzbicka (1997), Akatsuka (1985, p. 626-627) demonstra que grande parte das condicionais do japonês pode funcionar como expressões temporais equivalentes a 'when S1, S2' do inglês, mas ressalta que a forma gramatical do conseqüente determina o que é uma condicional em japonês, ou seja, quando o conseqüente representa o relato de um evento no passado, a oração antecedente não pode ser uma condicional em japonês.

Evidentemente, ao contrário do alemão, o português distingue lexicalmente os conceitos de *se* (conectivo tipicamente introdutor das tradicionalmente denominadas *orações adverbiais condicionais*) e *quando* (típico introdutor das *orações adverbiais de tempo*). É também evidente a possibilidade, reconhecida em estudos mais recentes por Decat (1993), Braga (1995), Souza (1996) e Neves (2000), de determinadas orações introduzidas por *quando* serem lidas como condicionais, como é o caso das orações em (88) abaixo.

- (88) A colocação que a Maria Lúcia faz e ela faz muito bem, que(r) dize(r), prende-se ao fato de que os autores dizem que quando o, o aluno interpreta, ele já faz um exame, na interpretação, já há uma, uma subdivisão, já há, já há um processo, seria melhor dito, já há um processo de análise, já há um exame., já há um exame, quando ele identifica a aplicação, ele já separa o essencial do acessório, então quase que se poderia dizer que a diferença que a relação, que há uma relação entre interpretação e análise, e que a diferença entre análise e interpretação é uma diferença de grau, é uma análise com características mais científicas, mais sistemáticas...(POA/EF/278/L4 e L6, p. 7)

A verificação do significado de condicionalidade e, a partir daí, a observação de ocorrência de *amalgamento* das funções semânticas de tempo e condição nessas estruturas justifica-se, em geral, pela possibilidade de parafraseá-las por *se*-condicional, da seguinte maneira:

- (88') a. *Se o aluno interpreta, ele já faz um exame.*
b. *Se ele identifica a aplicação, ele já separa o essencial do acessório.*

Ao longo desta seção, contrastam-se várias ocorrências de orações introduzidas por *quando* e, utilizando-se a possibilidade de paráfrase por uma oração condicional, busca-se destacar propriedades que permitiriam a leitura de condicionalidade a essas orações, ao mesmo tempo em que se discute a validade da consideração de que, em alguns casos, os significados de tempo e de condição se sobrepõem.

Conforme caracterizadas anteriormente, as orações introduzidas por *quando* em português se definem, à luz da GF, como *satélite* que atua na camada da predicação. A função desse tipo de satélite, como já foi mencionado, é a de localizar o EsCo presente na predicação nuclear.

Em Dik *et al.* (1990), distinguem-se os satélites de predicação de acordo com a dimensão em que localizam o EsCo: dimensão *espacial*, *temporal* ou *cognitiva*. No interior dessas dimensões, os satélites funcionam de modo a criar, respectivamente, um *quadro espacial*, um *quadro temporal* e um *quadro relativo a outros EsCo*. Os satélites que localizam o EsCo na dimensão temporal especificam o quadro temporal desse EsCo com relação ao tempo em que o EsCo ocorreu, à sua duração e à frequência de sua ocorrência. A especificação de um quadro relativo a outros EsCo é feita, entre outros, por um satélite de Circunstância, que especifica um EsCo que ocorre simultaneamente ao EsCo referido na predicação principal.

O satélite temporal marcado por *quando* em português, conforme já se demonstrou, pode especificar tanto *o momento* da ocorrência de determinado EsCo quanto a *simultaneidade* da ocorrência de um EsCo com relação à realização de um outro EsCo, conforme ilustram, respectivamente, as construções em (89) e (90) a seguir:

(89) L1: é...tem um gosto bastante diferente daquilo que a gente tá acostumado...então realmente num:...eu gostei mais da comida dos/ do...não eu gostei de Pernambuco...quando eu cheguei em Recife...nós comemos muita comida típica...tanto em Recife quanto em Salvador...as comidas baianas eu gostei muito sabe? Eu experimentei de todas...(RJ/DID/328/L4, p. 5)

(90) a colocação que a Maria Lúcia faz e ela faz muito bem, que(r) dize(r), prende-se ao fato de que os autores dizem que quando o, o aluno interpreta, ele já faz um exame, na interpretação, já há uma, uma subdivisão, já há, já há um processo, seria melhor dito, já há um processo de análise, já há um exame... , já há um exame, quando ele identifica a aplicação, ele já separa o essencial do acessório, então quase que se poderia dizer que a diferença que a relação, que há uma relação entre interpretação e análise, e que a diferença entre análise e interpretação é uma diferença de grau, é uma análise com características mais científicas, mais sistemáticas...(POA/EF/278/L4 e L6, p. 7)

A ocorrência em (89) não admite a paráfrase com uma estrutura condicional, ao passo que a ocorrência em (90) poderia ser assim parafraseada. O satélite temporal em (89) *quando eu cheguei em Recife* localiza o EsCo *nós comemos muita comida típica* com relação a um evento (*chegar em Recife*) ocorrido no passado. Além disso, os EsCos envolvidos são apresentados como não-simultâneos, como comprovam as paráfrases em (89'):

- (89') a. *No momento em que eu cheguei em Recife, nós comemos muita comida típica.*
 b. **Ao mesmo tempo em que eu cheguei em Recife, nós comemos muita comida típica.*

Em (90), por outro lado, o satélite temporal, em suas duas ocorrências, apresenta um EsCo (*o aluno interpretar; ele identificar a aplicação*) como simultâneo ao EsCo da predicação principal (*ele (o aluno) fazer um exame; ele separar o essencial do acessório*). Além disso, o significado de *quando* aqui é o de *sempre que* ou *toda vez que*, marcando, assim, além da simultaneidade de ocorrência dos EsCo, a frequência, no sentido de habitualidade ou iteração da ocorrência do EsCo que ele introduz. Observem-se as paráfrases a seguir, que comprovam a noção de frequência veiculada pelo satélite:

- (90') a. *Sempre que/toda vez que o aluno interpreta, ele já faz um exame.*



- b. *Sempre que/toda vez que* 'o aluno' identifica a aplicação, ele já separa o essencial do acessório.

A partir daí, poder-se-ia pensar que um satélite de Circunstância, ao expressar simultaneidade entre os EsCo envolvidos, expressaria também *habitualidade/iteração* (frequência) entre eles e, ainda, que essa interpretação seria devida à forma de presente do indicativo do verbo, o que visivelmente diferencia a ocorrência em (89) daquela em (90). Além disso, poder-se-ia deduzir do contraste entre as ocorrências em (89) e (90) que, ao localizar um EsCo com referência ao tempo passado, as orações introduzidas por *quando* só serviriam à função semântica de *Tempo*, justificando-se assim a impossibilidade de leitura condicional. Observe-se, no entanto, a ocorrência em (91), abaixo:

- (91) L1: eles não fornecem merenda escolar...se bem que esse ano nós conseguimos lá pra escola uma merenda...é...mas é uma merenda assim...não é::não é bem merenda...eles chamam de desjejum...depois uma::um instituto de nutrição...ofereceu à escola...éh uma merenda...eu tenho a impressão de que inclusive aquilo é importado...não é::brasileiro não...é *um leite que eles...parece com leite americano...*

Doc: sei...

L1: *que quando chega aqui tem que ser tratado::do...lá na escola eles dissolvem aquilo e servem às meninas...é um leite de choco/...tem::tem vários tipos que são misturados com...éh...de vários sabores...tem leite chocolatado...tem com o um tipo...misturado com banana...parece que tem com morango também eu ainda não tive oportunidade de ver porque nós começamos a servir agora no mês de junho...(RJ/DID/328/L1, p. 13)*

Em (91), embora estruturalmente semelhante à ocorrência em (90), o satélite introduzido por *quando* especifica a frequência do EsCo '*ter que ser tratado*', e não a simultaneidade entre a ocorrência dos dois EsCo. Verifiquem-se as paráfrases abaixo, que justificam essa interpretação:

- (91') a. (?) Parece com leite americano que, *ao mesmo tempo* que chega aqui, tem que ser tratado.
- b. Parece com leite americano que, *toda vez que/sempre que* chega aqui, tem que ser tratado.

Note, ainda, que não se poderia falar de uma leitura de condição do satélite em (91), mantendo-se o significado original da estrutura:

(91'') ? Parece com leite americano que *se chega aqui* tem que ser tratado.

Na ocorrência em (92) abaixo, no entanto, o satélite temporal, cujo verbo apresenta-se também no tempo presente, não especifica nem a frequência nem a simultaneidade de dois EsCo, mas apenas um EsCo que marca o tempo, o momento em que determinado *ato-de-fala* ocorre (cf. **ao mesmo tempo* em que ele termina.../** toda vez que/sempre que* ele termina...):

(92) o que é costume? numa citação muito simples... tola mesmo... primeiro é preciso todo aquele usos costumes tá tá tá começar/ imagine se alguém começa por favor quer me dar... um: pastel de na de nata uma torta... o garçon estranha um pouco mas tudo bem ele só quer comer pastel de nata quantos o senhor deseja? Quando ele termina aí diz assim bem agora por favor quer me trazer a sopa? ou então começa pela conta... uma coisa tanto estranha né? (REC/EF/337/L36, p. 12)

O significado de iteração/habitualidade, resultante dos satélites em (90) e em (91), visível em especial a partir de suas paráfrases com *sempre que/toda a vez que*, é por vezes citado, juntamente com a forma verbal do tempo presente, como um fator indicativo da leitura de condição associada ao significado de tempo em uma estrutura introduzida por *quando* (Souza, 1996; Neves, 2000). Conforme se observa, no entanto, poder-se-ia falar de uma leitura de condição para os satélites em (90), mas dificilmente para aqueles em (91), e de modo algum para o satélite em (92), conforme se observa a partir de sua paráfrase abaixo:

(92') *se ele termina*, aí diz assim bem agora por favor....

Além disso, mesmo no caso em que a paráfrase por uma oração condicional é possível para uma oração introduzida por *quando*, como nas ocorrências em (90), não se pode falar que a conjunção *quando* apresenta um sentido ambíguo entre tempo e condição. A paráfrase com as ocorrências em (90), como já se mostrou acima, resulta em:

- (90') a. *Se o aluno interpreta, ele já faz um exame*
 b. *Se ele identifica a aplicação, ele já separa o essencial do acessório.*

Com a substituição de *quando* por *se*, a *simultaneidade* que se verifica na ocorrência original introduzida por *quando* é imediatamente substituída por um significado de *contingência*, de *eventualidade* de ocorrência, inerente ao significado da conjunção *se*.

A partir da análise das ocorrências de (89) a (92), já se pode notar que, em português, a possibilidade de leitura de *condição* para uma oração introduzida por *quando*, por um lado, não é determinada pela noção de habitualidade, e essa, por sua vez, não se liga categoricamente à forma de presente do indicativo no verbo da oração. Por outro lado, pode-se considerar que os satélites introduzidos por *quando*, em português, funcionam especificamente de modo a marcar o *momento* de ocorrência de um EsCo, seja com referência a um tempo simultâneo (como um *satélite de Circunstância*) ou a um tempo não-simultâneo (como *satélite de Tempo*).

Ressalte-se, assim, que, apesar de existente, a possibilidade de leitura de *condição* em orações temporais não se deve ao significado de *quando*. O fato de os significados das orações que a conjunção introduz se ligarem sempre à função de especificar a localização temporal de um evento leva a crer que não se sobrepõe a esses significados o significado de *condição*, o que justifica a própria distinção lexical entre *se* e *quando* em português, diferentemente do alemão, por exemplo.

Uma análise um pouco mais refinada dos significados de tempo e condição, associada à expressão de modalidade em orações temporais e condicionais, mostra-se como mais um argumento em favor dessa idéia. É o que se apresenta na seção seguinte.

2. Tempo, Condição e expressão de modalidade

A associação da modalidade à oração pode ser entendida, conforme demonstra Givón (1995), como uma concha que envolve a oração, mas não interfere em seu núcleo. O núcleo da oração corresponde ao seu esquema proposicional, composto pelos (i) papéis dos participantes, (ii) papéis gramaticais, (iii) pelo tipo de predicação, (iii) pela transitividade e (iv) pelos itens lexicais reais que preenchem os vários *slots* no esquema. Todos esses elementos pertencentes ao esquema proposicional permanecem inalterados pela modalidade que envolve a oração.

O que a modalidade assinala, como ressalta Givón, é a *atitude do falante* mediante a informação veiculada na oração. Vista de um modo geral, essa atitude compreende os dois seguintes tipos (Givón, 1995, p. 112):

- (i) **Atitudes epistêmicas:** verdade, convicção, probabilidade, certeza, evidência;
- (ii) **Atitudes avaliativas:** desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação.

Givón (1995) aponta que a tradição lógica tratou a modalidade como propriedade de proposições desvinculadas de seu contexto, e a preocupação central dessa tradição era apenas com os aspectos epistêmicos da modalidade. Mais recentemente, a definição de modalidade tem sido formulada em termos cognitivos e/ou comunicativos. Os novos significados de modalidade epistêmica resultantes dessa abordagem podem ser vistos a partir do seguinte quadro comparativo (Givón, 1995, p. 114):



(93) Modalidades epistêmicas:

<u>Tradição lógica</u>	<u>Equivalente comunicativa</u>
a. verdade necessária	pressuposição
b. verdade factual	afirmação realis
c. verdade possível	afirmação irrealis
d. não-verdade	afirmação-NEG

Diferentemente da tradição lógica, a interpretação pragmático-comunicativa de modalidades epistêmicas fundamenta-se em estados epistêmicos e metas comunicativas do falante e do ouvinte na interação comunicativa. Encontra-se no quadro abaixo a redefinição comunicativa de modalidade epistêmica, proposta por Givón (1995, p. 114).

Pressuposição: A proposição é **assumida** como verdadeira, por definição, por acordo prévio, por convenção genérica culturalmente partilhada, por ser óbvio a todos presentes na situação de fala ou por ter sido expressa pelo falante e deixada inalterada pelo ouvinte.

Afirmação realis: A proposição é **fortemente afirmada** como verdadeira; mas a contestação do ouvinte é julgada apropriada, embora o falante tenha evidência ou outras bases para defender sua convicção.

Afirmação irrealis: A proposição é **debilmente afirmada** como possível, provável ou incerta, e o falante não está pronto a manter a afirmação com evidência ou outras bases fortes. A contestação do ouvinte é, assim, esperada ou mesmo solicitada.

Afirmação-NEG: A proposição é **fortemente afirmada como falsa**, mais comumente em contradição com as convicções explícitas ou assumidas do ouvinte; a contestação do ouvinte é antecipada, e o falante tem evidência ou outras bases para confirmar sua convicção.

Quadro 14: Redefinição comunicativa de modalidade epistêmica

No capítulo em que faz tais considerações acerca da modalidade, Givón trata dos principais ambientes gramaticais em que o modo subjuntivo se gramaticaliza. Ele demonstra

que, em várias línguas, esses ambientes gramaticais são previsíveis e formam um subconjunto do *irrealis*.

Givón (idem, p. 115) considera que um mau legado do tratamento dado pela lógica à modalidade é a definição do contraste entre *realis* e *irrealis* como um contraste entre eventos “reais” e “irreais”, respectivamente. Segundo ele, quando *realis* e *irrealis* são definidos cognitiva e comunicativamente, o foco da diferença entre eles muda de dois modos:

- (i) **Cognitivamente:** de questões de verdade lógica para questões de **certeza subjetiva**.
- (ii) **Comunicativamente:** de significado (semântico) orientado para o falante para significado interativo (pragmático) **socialmente negociado**, envolvendo tanto o falante quanto o ouvinte.

Entre os principais contextos gramaticais em que o subjuntivo *irrealis* pode se realizar, Givón coloca as orações adverbiais. Ele demonstra que diversos tipos de orações adverbiais recaem sob o escopo do *irrealis*, sendo que as mais proeminentes entre elas são as orações temporais introduzidas por *quando*, as orações condicionais introduzidas por *se* e as orações contrafactuais.

Givón (1995, p. 134-5) demonstra que, sempre que um subjuntivo gramaticalizado aparece em orações adverbiais, ele indica *certeza baixa*, com relação ao sub-modo epistêmico de modalidade. No entanto, segundo ele, incluindo as orações adverbiais introduzidas por *quando*, o espaço modal epistêmico das orações adverbiais que recaem sob o escopo do *irrealis* se apresenta como um *continuum* de certeza epistêmica do seguinte modo:

* O exemplo que se apresenta no texto tem origem nos trabalhos de Givón (1975, p. 133). Ressalta-se que embora a ideia apresentada por Givón baseie-se em estruturas adverbiais do inglês, ele possui haver, em português, alguma margem de discordância.

* A consideração de que este tipo de construção modalizada expressa “certeza baixa” apresenta-se um tanto limitada. É evidente se demonstrar, empiricamente, a ocorrência de eventos expressos nessa construção e pragmaticamente inferido pela contexto sendo falso. Assim, a ideia do falante relacionada com essas construções parece ser a de certeza negativa, ou seja, de certeza horizontal.

(94) Escala de certeza epistêmica para orações adverbiais *irrealis*⁴
certeza mais alta

-
- a. 'quando' *irrealis*:
Quando ela vier, consideraremos isso.
b. 'se' *irrealis*:
Se ela vier, consideraremos isso
c. 'se' Subjuntivo
Se ela viesse, consideraríamos isso
d. 'se' contrafactual
Se ela tivesse vindo, nós teríamos considerado isso⁵.
-

certeza baixíssima

Conforme se pode observar no *continuum*, *quando* e *se* cumprem diferentes estratégias comunicativas na expressão de informação *irrealis*. Entende-se, assim, que, com o emprego do subjuntivo em uma estrutura introduzida por *quando*, a intenção do falante é a de expressar ao ouvinte certeza mais alta de ocorrência de um EsCo do que seria o caso com o uso do subjuntivo em uma estrutura iniciada por *se*.

A expressão de atitude do falante, concernente à sua certeza/incerteza com relação à possibilidade de realização de um evento, é fator distintivo de expressões condicionais e temporais em japonês e também em Swahili, conforme atestam, respectivamente, Akatsuka (1985) e Saloné (1983). Nessas duas línguas, a atitude do falante acerca da probabilidade de ocorrência de um evento permite a distinção entre os vários marcadores condicionais e, dentre eles, aqueles que expressam temporalidade ao invés de condicionalidade. Assim, conforme evidenciam os autores, sempre que a expressão envolve certeza do falante, o significado do marcador formal é de temporalidade e, inversamente, se não há certeza de ocorrência por parte do falante, o significado é de condicionalidade. Esse mesmo contraste se verifica entre

⁴ Os exemplos que se apresentam na escala foram traduzidos de Givón (1995, p. 135). Ressalta-se que, embora a escala apresentada por Givón baseia-se em construções adverbiais do inglês, não parece haver, em princípio, nenhuma restrição em estendê-la ao português.

⁵ A consideração de que esse tipo de construção condicional expressa 'certeza baixíssima' apresenta-se um tanto incômoda. Conforme se demonstrou anteriormente, a ocorrência dos eventos expressos nessas construções é pragmaticamente inferida pelo ouvinte como *falsa*. Assim, a atitude do falante veiculada nessas construções parece ser a de *certeza negativa*, em vez de certeza baixíssima.

as orações introduzidas por *se* e por *quando*, conforme se observa nas ocorrências (95) e (96) a seguir:

(95) L1 a gente nunca pode precisar o tempo...de ah ahh:: () com as crianças...necessitando da gente ... não pode precisar mesmo...com certeza então eu tenho impressão de que quando o menor...já::estiver assim...pela quarta série terceira quarta série...ele já estará mais...independente e::...e os maiores poderão fazer às vezes de::...assim de::preceptores dos menores e me aliviarão...nessa parte... e eu terei disponível não que eu deseje::liberdade::de deseje eh eh estar assim sem obrigações para com as crianças...mas é que daí eu terei tempo disponível para fazer coisas extras (SP/D2/360/L22, p. 4)

(96) ...um outro dado que a gente tem que lembrar (é o seguinte): muita gente ainda pode pensar que uma das (inaudível) existentes no Japão seja a da sua ausência de recursos de insumos claro, se acabar o fornecimento de insumos ao Japão, ele vai ter que se esforçar muito(.) ele vai conseguir mas vai ter que se esforçar muito pra voltar a ser o que era, mas não é esse o único tipo de dependência (vejam), toda economia desenvolvida...daria mais ou menos o óbvio: ela tem como objetivo produzir e no caso de economias capitalistas, produzir criando excedente(s) criando lucro(s)...(RJ/EF/379/L34, p. 7)

Na ocorrência introduzida por *quando* em (95), o EsCo futuro veiculado na oração subordinada ('o menor estar na terceira ou quarta série') é tido como certo pelo falante; o que ele expressa como incerto, ou seja, o que o falante *tem a impressão* de que ocorrerá, é o fato de a independência do filho menor se realizar *na época* em que ele estiver na terceira ou quarta série. Em (96), diferentemente, o EsCo expresso na oração introduzida por *se* ('acabar o fornecimento de insumos ao Japão'), também no futuro do subjuntivo, é apresentado como *incerto* pelo falante, e é no contexto de tal *incerteza* que se veicula o EsCo subsequente ('ele vai ter que se esforçar muito').

Esses comportamentos de *se* e *quando* levam a crer que a escolha de cada uma dessas conjunções é determinada pelo grau de *certeza/incerteza* do falante acerca da realização de EsCo futuros: *quando* sempre implica a expressão de maior certeza de realização do EsCo, ao passo que *se* expressa incerteza de realização. A contribuição dos sentidos de *se* e *quando* para a expressão de probabilidades de realização dos eventos justifica, assim, a

impossibilidade de ocorrência de *se*, ao invés de *quando*, em contextos como o seguinte, em que o predicado (*morrer*) tem significado indubitável.⁶

- (97) L1: não não não é não é uma casa grande né...apenas com com um jardim com planta com passarinho com tudo Quanto é bicho que pode existir...compreendeu? e a: a: a cem metros do rio Capibaribe que é o meu rio sagrado...tanto que quando eu morrer quero ser cremado e as cinzas jogadas no Capibaribe (REC/D2/05/L3, p. 3)

A distinção entre *se* e *quando* em termos do grau de probabilidade de ocorrência que codificam aplica-se não só à especificação de EsCo futuros. Considerando a similaridade existente entre o significado de estruturas temporais introduzidas por *quando* e condicionais marcadas por *se*, Reilly (1986) ressalta que uma diferença significativa entre o complexo temporal e o complexo condicional como um todo se encontra no sentido básico de *se* e *quando*. Segundo o autor, *quando* implica certeza, ou pelo menos a expectativa positiva do falante acerca da ocorrência do evento expresso na oração ligada à temporal, enquanto *se* assinala a suposição do falante acerca do evento expresso na oração principal.

Torna-se plausível, portanto, considerar que a expressão de modalidade *irrealis* em estruturas introduzidas por *quando* se deve ao tempo/modo verbal que nela se apresenta, já que se se considerar o significado de *se* e de *quando* com relação às definições comunicativas de modalidade epistêmica, pode-se dizer que *quando* é típico de *afirmação realis*, enquanto *se*, visto de modo geral, tipicamente expressa *afirmação irrealis*. Esses significados modais de *quando* e *se* verificam-se nas diferentes realizações de estruturas com *se* e com *quando*, mesmo quando elas atuam na especificação de EsCo futuros. Considere, a esse respeito, os exemplos dados por Givón com relação à escala de certeza epistêmica das orações adverbiais:

- (98) a. Quando ela vier, consideraremos isso.
b. Se ela vier, consideraremos isso.

⁶ Obviamente, em outros contextos, tal como na expressão do desejo de um soldado que está indo para uma guerra, o mesmo predicado pode se apresentar em uma estrutura condicional: *Se eu morrer, quero ser enterrado na minha cidade natal*.

Note-se que somente em (98b), devido ao significado de incerteza, ou de suposição, associado a *se*, a ocorrência do EsCo na oração principal pode ser vista como *hipotética*; em (98a), por outro lado a ocorrência do EsCo expresso na principal não pode ser entendida em termos de suposição ou hipótese de ocorrência, mas apenas em termos de *eventualidade*, uma vez que, pelo significado de *quando*, a ocorrência do EsCo é expressa como certa pelo falante. A caracterização da construção introduzida por *quando* como *irrealis* liga-se, portanto, ‘a forma de futuro do subjuntivo em que o verbo se apresenta, o que se justifica pelo fato de que a ocorrência de eventos futuros não pode ser afirmada, mas apenas prevista pelo falante.

De qualquer forma, pode-se considerar que o grau distinto de certeza epistêmica que cada uma das duas conjunções permite ao falante expressa a distinção lexical entre *se* e *quando*, dado que essas duas conjunções cumprem diferentes estratégias comunicativas em português.

Com relação às orações condicionais, a redefinição da modalidade epistêmica em termos comunicativos permite que sejam revistos os diferentes significados possíveis de serem expressos por elas. A partir daí, essa redefinição torna-se auxiliar no esclarecimento da proximidade de sentido verificada entre as condicionais e determinadas estruturas introduzidas por *quando*, como se busca mostrar na seção seguinte deste capítulo.

3. Tempo vs. condicionalidade, hipoteticidade e irrealidade

Em vários estudos que tratam das estruturas condicionais em português, reconhece-se o fato de haver não apenas um, mas vários tipos de condicionais. Geraldi (1978), por exemplo, identifica sete diferentes matizes semânticos possíveis de serem expressos pela estrutura *se p, q* do português.⁷ A variedade de sentidos possíveis de serem veiculados por *se*

⁷ Os sete diferentes matizes semânticos de *se p, q*, destacados pelo autor são: (1) *se-implicativo*, (2) *se-inversivo*, (3) *se-opositivo*, (4) *se-concessivo*, (5) *se-restritivo*, (6) *se-habitual* e (7) *se-dialógico* (Geraldi, 1978, p. 28-35).

p , q reflete-se na dificuldade de definição do que seja uma construção condicional em português, ou mesmo de como nomeá-la.

Vaz Leão (1961, p. 19) chama a atenção para o fato de que os termos (e também os conceitos de) *condição* e *hipótese* muitas vezes são empregados como sinônimos. Conforme afirma a autora:

Os próprios filósofos confundem, às vezes, os termos proposição hipotética e proposição condicional, reunindo sob um desses nomes todas as proposições em que ou uma afirmação ou uma negação está subordinada a alguma condição ou hipótese. (Vaz Leão, 1961, p. 19)

Algumas vezes, reconhece-se a distinção entre os conceitos de *hipótese* e *condição*.

Vaz Leão apresenta as seguintes considerações de Le Bidois & Le Bidois (1938), como exemplo desse reconhecimento:

Não se confunde a suposição (fundamento necessário da hipótese), que consiste em admitir como realizado qualquer coisa de que se faz o ponto de partida de um raciocínio, de que se tira uma consequência (ou uma conclusão lógica), com a condição, que é apenas uma circunstância sem a qual a consequência não se realizará (ou sem a qual a conclusão lógica não será possível). (Le Bidois & Le Bidois, 1938, *apud* Vaz Leão, 1961, p. 20)⁸

Em geral, no entanto, essa distinção não é mantida e se tratam *períodos hipotéticos* e *períodos/orações condicionais* indistintamente. Mesmo Vaz Leão, após fazer tais considerações, afirma: “não sejamos, pois, mais realistas que o rei. Ao falarmos, aqui, do período hipotético, não faremos nenhuma diferença entre hipótese e condição” (Vaz Leão, 1961, p. 20).

A única distinção que se mantém em grande parte dos trabalhos descritivos das condicionais diz respeito aos três tipos de construção *se p, q*, fundamentados na lógica modal:

⁸ *On ne confondra pas la supposition (fondement nécessaire de l'hypothèse), et qui consiste à admettre comme réalisé quelque chose dont on fait le point de départ d'un raisonnement, d'où l'on tire une conséquence (ou une conclusion logique), avec la condition qui n'est qu'une circonstance sans laquelle la conséquence ne se produirait pas (ou sans quoi la conclusion logique ne serait pas valable).*

real, *potencial* e *irreal*. Com base na correlação que se apresenta entre os padrões verbais da prótase (oração condicional) e apódose (principal), Câmara Jr. (1988) demonstra que a ocorrência de presente do indicativo na prótase e na apódose resulta em uma construção *real* ou *factual*; se na prótase ocorre futuro do subjuntivo e na apódose, futuro do presente, a construção é do tipo *potencial*; e, caso ocorra imperfeito do subjuntivo na prótase, e futuro do pretérito na apódose, o resultado é uma construção do tipo *irreal*. A conceituação tradicional dos tipos de construção condicional pode também ser revista à luz da modalidade epistêmica definida comunicativamente.

Givón (1995, p. 116) aponta que as seguintes correlações entre tempo-aspecto verbal e modalidade são altamente previsíveis entre as línguas:

(99) Correlações entre tempo-aspecto e modalidade

- a. **Passado/Perfectivo** $\Rightarrow$ *realis* (ou pressuposição)
- b. **Perfeito** $\Rightarrow$ *realis* (ou pressuposição)
- c. **Presente progressivo** $\Rightarrow$ *realis*
- d. **Futuro** $\Rightarrow$ *irrealis*
- e. **Habitual** $\Rightarrow$ *irrealis* ou *realis*

Obviamente, essa correlação baseia-se no fato de que, com os tempos e aspectos do *realis*, os eventos são conhecidos pelo falante, que pode assim apresentá-los com maior *certeza* de ocorrência/não-ocorrência. Com tempos do *irrealis*, por outro lado, os eventos são apenas previstos pelo falante, não podendo ser afirmada sua realização/não-realização.

De fato, pode-se reconhecer, nesse sentido, diferenças quanto à expressão de atitudes do falante, e, assim, quanto à modalidade epistêmica veiculada nas orações condicionais. Contrastem-se, a esse respeito, as três ocorrências em (100) a seguir.

- (100) a. O que está acontecendo é o Seguinte, é que o meu a...há um decréscimo em cada prestação, quer dizer, eu pago, agora não lembro assim de cor, mas é um determinado número, mas não sei quanto de UPCs, vírgula zero, zero não sei o quê então, no outro mês *se esse zero zero é seis, passa a ser cinco*, depois esse zero zero na outra passa a ser quatro e assim por diante nos três primeiros, não, nos primeiros meses daquele trimestre como a UPC não sofre correção, então eu ...eu pago uma determinada quantia, que foi a primeira que eu paguei, foi onze mil setecentos e, e, e qualquer coisa com o ordenado do outro emprego... (RJ/D2/355/L16, p. 6)
- b. Inf2: (...) dessa relação salário, é, aluguel, por exemplo, é completamente diferente, por exemplo, em Curitiba eu (es)tive agora o fim-de-semana em Curitiba, (por)que *eu se puder ainda acabo ca ...pedindo transferência pra Universidade Federal do Paraná...*
Inf1: (vo)cê gostou assim, é? (RJ/D2/355/L8, p. 3)
- c. ...então ele me dizia que ele ganhava é, é, pra pagar um aluguel relativo à quarta parte do salário dele, ele era formado em odontologia, quer dizer, ele deve ter sido formado em odontologia, nós estamos em 1977, ele deve ter sido formado em odontologia por volta de 1917, 18, que ele se formou então nessa época, vamos dizer, na década de XX...a relação salário profissional de nível superior ao aluguel seria a Quarta parte, relação de dois mil cruzeiros, o sujeito pagava quinhentos cruzeiros, apesar que a unidade não era cruzeiro então hoje você vê o seguinte, é, na minha profissão, um arquiteto que se forma, o salário inicial de arquiteto (es) tá em torno de quatro mil e quinhentos cruzeiros, cinco mil cruzeiros, de acordo com hora...quantidade de horas, normais ou extras etc, então você vê o seguinte, *se fosse nessa relação, este arquiteto pra pagar a quarta parte de seu salário seria pra pagar mil cruzeiros, mil e duzentos cruzeiros, certo?* (RJ/D2-355/L19, p.2)

Na ocorrência em (100a), como se observa, não há a mesma atitude do falante que é expressa nas ocorrências em (100b) e (100c). Com o verbo das orações no tempo presente, a inter-relação da ocorrência dos EsCo na condicional e na principal é afirmada, e não colocada sob hipótese. Assim, enquanto as condicionais em (100b) e (100c) especificam uma hipótese (então uma afirmação *irrealis*) sob a qual o EsCo da oração principal ocorrerá/ocorreria, em (100a) a ocorrência dos EsCo envolvido é afirmada (*afirmação realis*) para o ouvinte, e o que o falante expressa, por meio do uso de *se* é, em especial, a dependência, ou implicação existente entre a ocorrência dos dois EsCo, em vez de sua incerteza sobre a realização de um dos EsCo.

Evidentemente, nos três casos, a realização do EsCo da oração principal fica suspensa, devido ao próprio significado da conjunção *se*, mas, ainda assim, pode-se dizer que a



ocorrência do EsCo da oração principal em (100b) e (100c) é dependente da verdade do EsCo da oração condicional, a qual o falante supõe, mas com a qual não se compromete. Em (100a), por outro lado, a ocorrência de *o zero passar a ser cinco* é dependente da ocorrência/verificação de *esse zero ser seis*, porém, independente da *avaliação* do falante acerca da probabilidade dessa ocorrência.

Essa interpretação vai ao encontro da classificação de condicionais proposta por Athanasiadou & Dirven (1997), segundo a expressão de atitudes do falante mediante a probabilidade de ocorrência de um evento.

Os autores propõem o reconhecimento de pelo menos três tipos de condicionais: (i) *condicionais de curso de eventos*, em que há uma co-ocorrência entre dois eventos, um dependente do outro; (ii) *condicionais hipotéticas*, em que também há uma relação entre dois eventos do tipo *antecedente-conseqüente*, mas, diferentemente do que ocorre no tipo (i), o conseqüente, nesse caso, é de algum modo previsto seguir da satisfação da condição expressa no antecedente; e (iii) *condicionais pragmáticas*, em que a dependência entre os eventos relacionados é mais indireta e cuja função é expressar um sinal meta-pragmático do falante. Uma distinção entre os tipos (i) e (ii), conforme ressaltam os autores, diz respeito à escala de probabilidade e, assim, à expressão de atitudes do falante mediante a probabilidade de ocorrência de um evento, que só se aplica às *condicionais hipotéticas*; as condicionais de curso de eventos, segundo eles, estão fora de qualquer avaliação de probabilidade por parte do falante, uma vez que “o que é expresso nesse tipo de condicional é uma ocorrência real, repetida de dois eventos, que se relacionam como um curso natural de eventos” (Athanasiadou & Dirven, 1997, p. 60).

Assim, poder-se-ia dizer que ao expressar modalidade *irrealis*, a condicional tipicamente especifica uma *hipótese* de cuja verdade/verificação depende a ocorrência do EsCo codificado na oração principal, e que, ao veicular modalidade *realis*, a condicional

especifica uma *condição* em dependência se coloca a realização do EsCo na oração principal. A essas correlações entre a oração condicional e a principal estaria associada, como se pode notar, a atuação dos satélites condicionais nas camadas da estrutura da oração, conforme discutida no capítulo anterior. No primeiro caso, o satélite condicional se ligaria à camada da proposição, em que o que está em jogo é a relação interpessoal falante/ouvinte, marcada, nesse caso, pela expressão de incerteza do falante e, assim, por seu descomprometimento, frente ao ouvinte, com a verdade categórica do que é expresso. No segundo caso, por outro lado, a atuação do satélite condicional seria mais bem reconhecida na camada da predicação, em que ele apenas especificaria uma relação de dependência entre os EsCo.

Essa última função da condicional, a de assinalar *dependência* de ocorrência entre os EsCos envolvidos na construção, aproxima, semanticamente, as orações iniciadas por *se* de algumas introduzidas por *quando*.

Conforme se enfatizou anteriormente, a possibilidade de leitura condicional em determinadas construções com orações introduzidas por *quando* não se deve à conjunção propriamente dita. Se assim fosse, ter-se-ia que apelar para a existência de dois itens lexicais distintos: um *quando* com significado puramente temporal, e outro significando *tempo-condição*, ou, mais radicalmente, *condição*. Decat (1993) aponta a esse respeito que uma análise como essa não se justifica tendo em vista a sobrecarga desnecessária do léxico de uma língua. Para a autora, a possibilidade de leitura de condição em estruturas introduzidas por *quando* “só vem corroborar a postulação de que a relação adverbial é dada pela proposição relacional [no sentido de Matthiessen & Thompson] que emerge entre as cláusulas” (p.147-150).

A condicionalidade que emerge da construção parece mesmo se dever à *relação* existente entre os EsCo apresentados. Considere-se a ocorrência em (101) abaixo, em que, como já fora demonstrado, a paráfrase com uma construção condicional é permitida.



- (101) a colocação que a Maria Lúcia faz e ela faz muito bem, que(r) dize(r), prende-se ao fato de que os autores dizem que Quando o, o aluno interpreta, ele já faz um exame, na interpretação, já há uma, uma subdivisão, já há, já há um processo, seria melhor dito, já há um processo de análise, já há um exame., já há um exame, quando ele identifica a aplicação, ele já separa o essencial do acessório, então quase que se poderia dizer que a diferença que a relação, que há uma relação entre interpretação e análise, e que a diferença entre análise e interpretação é uma diferença de grau, é uma análise com características mais científicas, mais sistemáticas...(POA/EF/278/L4 e L6, p. 7)

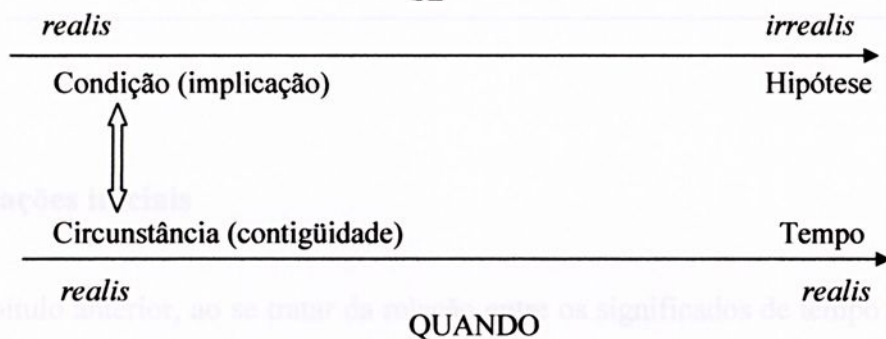
Em ambas as ocorrências, os EsCo da oração subordinada e da principal são apresentados como conceitualmente contíguos e, pode-se argumentar, é essa contigüidade que faz com que os EsCos sejam vistos como dependentes em termos de sua realização. Dito de outro modo, a contigüidade entre os eventos pode conduzir à mesma noção de *dependência* entre os eventos que está na base de uma condicional que especifica uma condição em *dependência* da qual o EsCo subsequente se realiza, como na ocorrência em (100a). Outro argumento em favor da proximidade entre as estruturas nesse sentido é que ambas atuam na camada da predicação, uma especificando uma *Condição*, e outra, uma *Circunstância* para a realização de um EsCo.

Mediante tais correlações, apresentam-se condições mais favoráveis para a análise da possibilidade de leitura condicional que se encontra em determinadas estruturas introduzidas por *quando*. Pode-se agora considerar que a proximidade entre as duas estruturas se dá, semanticamente, em termos da noção de *dependência* de ocorrência entre os eventos envolvidos, relação que não é marcada pela expressão de modalidade epistêmica *irrealis* do falante, no sentido de Givón (1995).

Desse modo, pode-se considerar que, vistas em um *continuum* paralelo, a conjunção *quando* corresponde à contraparte de *se* no domínio do *realis*, a primeira indicando *implicação* entre os eventos, e a segunda, simultaneidade de ocorrência e, assim, eventos em *contigüidade*. Esquemáticamente, a relação entre as duas conjunções, sob tal interpretação, pode ser representada da seguinte maneira:



SE



O esquema acima capta, assim, a posição que aqui se assume, e em favor da qual se argumentou neste capítulo, a respeito das alegações de que a conjunção *quando* possa ser vista como ambígua, que recubra, em determinadas construções, as funções semânticas de tempo e de condição. No uso da língua, *quando* e *se* têm domínios semântico e pragmático apropriados, como se observa pelo contraste das extremas direitas de cada uma das escalas. Entretanto, em termos conceituais, *se* e *quando* se aproximam na escala em razão da proximidade existente, no domínio semântico do *realis*, entre a função de Condição, que acarreta o sentido de implicação, característica da conjunção *se*, e a função de *Circunstância*, que acarreta a noção de contigüidade entre os eventos, típica de *quando*.

No próximo capítulo, apresentam-se as análises dos dados. Encontram-se ali a descrição e análise dos fatores sintático-semânticos investigados, com relação ao modo como se comportam nas estruturas com *se* e naquelas com *quando*. Ressaltam-se também, nas últimas seções do capítulo, os fatores que se mostram relevantes para a caracterização das duas funções com que podem se apresentar as orações iniciadas por *quando* em português: a função de Tempo e a de Circunstância.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DADOS

1. Considerações iniciais

No capítulo anterior, ao se tratar da relação entre os significados de tempo e de condição, demonstrou-se que, mesmo naquelas línguas em que apenas uma única forma se encontra disponível para a codificação de ambas as noções, identificam-se contextos gramaticais em que essa forma só pode significar tempo ou só condição. Com relação ao português, argumentou-se em favor da distinção entre *se* e *quando* com base nos diferentes significados modais expressos nas orações iniciadas por essas duas conjunções, conforme a proposta de Givón (1995).

Com o intuito de investigar se em português também há contextos discursivos que favorecem a codificação de estruturas iniciadas por *se* ou por *quando*, e quais são eles, analisam-se, paralelamente às orações introduzidas por *quando*, as condicionais iniciadas por *se*. Assim, os resultados que se apresentam a seguir dizem respeito ao comportamento dos fatores investigados tanto nas estruturas introduzidas por *se* quanto naquelas que se iniciam por *quando* e são expostos comparativamente.

As ocorrências introduzidas por *se*, coletadas no *cópus*, foram analisadas de acordo com os seguintes fatores:

1. Posição da oração subordinada com relação à núcleo;
2. Atuação da oração condicional como *satélite* ou como *CEO*;
3. Correlação modo-temporal entre a subordinada e a oração núcleo;
4. Aspecto do verbo que se apresenta na oração condicional;
5. Tipo de EsCo codificado na oração condicional;
6. Correlação entre os sujeitos da condicional e da oração núcleo;

1. As ocorrências introduzidas por *quando*, por sua vez, foram analisadas segundo os fatores a seguir:

1. Função semântica do satélite (*Tempo* ou *Circunstância*);
2. Posição da subordinada com relação à núcleo;
3. Atuação da oração como *satélite* ou como *CEO*;
4. Correlação modo-temporal entre a subordinada e a oração núcleo;
5. Aspecto do verbo que se apresenta na oração temporal;
6. Tipo de EsCo codificado na oração temporal;
7. Correlação entre os sujeitos da temporal e da oração núcleo.

Após codificadas, as ocorrências foram submetidas a alguns programas do pacote VARBRUL, a fim de fundamentar estatisticamente a análise das ocorrências. Cabe ressaltar que, nesta pesquisa, o recurso à análise quantitativa não se alinha à aplicação ortodoxa da *Teoria da Variação Lingüística*. Entretanto, nesse tipo de pesquisa, esse recurso permite: (i) o controle de um grande número de dados; e (ii) a garantia da análise de todas as ocorrências, sob a ótica dos mesmos fatores. Assim, não há aqui um compromisso maior com o conceito estrito de regra variável, em função da definição do próprio objeto de estudo em questão.¹ A esse respeito, afirma Naro (1992) que:

A metodologia da Teoria da Variação constitui uma ferramenta poderosa e segura que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis de manifestações lingüísticas. As suas limitações são as do próprio lingüista, a quem cabe a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar os dados empíricos corretamente, e, sobretudo, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua. O progresso da ciência lingüística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas.

¹ A definição clássica de fenômenos em variação estabelece que "variantes lingüísticas são as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variáveis lingüísticas" (Tarallo 1990, p. 08).

1. Posição da oração

Conforme se demonstrou no segundo capítulo deste trabalho, na Teoria da GF são previstas quatro diferentes posições para a ocorrência de satélites condicionais, que são as seguintes (Dik 1990, p. 237-8):

- (102) P2, [P1.....X], P3
- a. *Se João ficar* Pedro sairá.

(P1)
- b. *Se João ficar*, então Pedro sairá.

(P2)
- c. Pedro sairá *se João ficar*.

(X)
- d. Pedro sairá, *se João ficar*.

(P3)

Assim, prevê-se que, no interior da estrutura da oração, a prótase condicional pode ser colocada em posição inicial (P1) ou em posição final da oração (X). Fora da estrutura da oração, a condicional pode ocupar a posição pré-oracional (P2) ou pós-oracional (P3), sendo que, nesses casos, ela é tipicamente separada da oração por uma pausa entonacional, o que, na representação em (102), está simbolizado pela vírgula. Também as orações temporais podem se apresentar nas quatro posições representadas em (102), apesar de sua ordenação, até onde se sabe, não ser explicitamente tratada na GF, conforme também já se apontou no segundo capítulo.

Os resultados referentes à posição das orações iniciadas por *se* (orações-se) e daquelas iniciadas por *quando* (orações-quando), nos dados da pesquisa, assim se apresentam:

Gráfico 1: Posição das orações iniciadas por 'se' com relação à oração núcleo

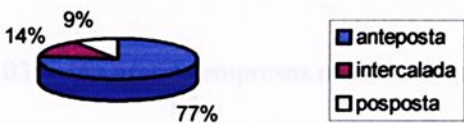
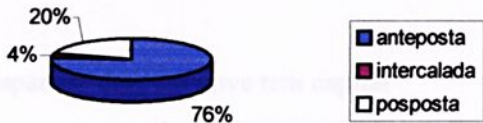


Gráfico 2: Posição das orações iniciadas por 'quando' com relação à oração núcleo



Ainda no segundo capítulo, demonstrou-se que a distinção, em termos formais, entre as posições P1 e P2 das orações não é clara em português e que os elementos formais propostos em Dik (1997) para a distinção não permitem determinar, seguramente, a diferença de posição em todos os casos. Propôs-se, então, como critério distintivo, a observação do caráter restritivo/não-restritivo do satélite com relação à oração núcleo que ele especifica. Desse modo, dado o caráter restritivo do satélite, assim entendido por seu funcionamento ligado à especificação do referente da oração núcleo, poder-se-ia dizer que ele atuaria internamente à estrutura da oração, em forma de uma estrutura encaixada na posição de satélite (Dik 1997) e, então, no caso das orações antepostas, em posição P1. Por outro lado, tendo em vista o caráter não-restritivo do satélite, associado à sua função tipicamente discursiva, ter-se-ia reconhecida a atuação dos satélites oracionais em posição extra-oracional anteposta (P2) ou posposta (P3). Seguindo esse critério, a condicional anteposta, grifada em (105) abaixo, é analisada como ocupando a posição P2:

- (105) eu dei o seguinte exemplo, em uma aula anterior: se quem tivesse perdido a guerra não fosse o Japão, já reconhecidamente...uma...potência antes da guerra, que conseguia às custas...de gente demais - território de menos e capi e capital conseguido...quer dizer(.) conseguido e não é...canalizado como foi a experiência americana(.), se o Japão conseguiu tudo isso e chegou à Segunda Grande Guerra com a economia que ele chegou...né?, a imagem que eu fazia era a seguinte: se o Japão fosse uma Birmânia, por exemplo que é um dos países atrasados, as economias industriais que ganharam a Segunda Grande Guerra não teriam ajudado o Japão, quer dizer de outra maneira, se o Japão fosse a Birmânia, né?, as economias industriais européias e americana e a socialista União Soviética **QUERIAM MAIS É QUE A BIRMÂNIA MORRESSE**, mas eles sabiam que não era a Birmânia que era o Japão, que já tinha conseguido fazer em 1905 - lutar com a RÚSSIA - e já tinha chegado à Malásia, tá?, já tinha chegado à Índia, então realmente era um inimigo forte então em termos aí econômicos, tá? (RJ/EF/379, L26, p.4)

A comparação entre as três ocorrências de condicionais, no trecho em (105), permite esclarecer melhor a análise que se faz da ocorrência grifada como atuante em P2. A primeira condicional que ocorre no trecho, qual seja²

- (105a) eu dei o seguinte exemplo, em uma aula anterior: se quem tivesse perdido a guerra não fosse o Japão, já reconhecidamente...uma...potência antes da guerra, que conseguia às custas...de gente demais - território de menos e capi e capital conseguido...quer dizer(,) conseguido e não é...canalizado como foi a experiência americana(,) *se o Japão conseguiu tudo isso e chegou à Segunda Grande Guerra coma economia que ele chegou...né?*

ilustra bem a função discursiva de Orientação para o ouvinte que essas estruturas podem desempenhar, já que, nessa ocorrência, se a Orientação dada pelo falante na forma da condicional funciona, o ouvinte é capaz de completar por si mesmo a informação, subentendendo o que seria o conteúdo da oração núcleo que, assim, não é expressa pelo falante.

Na segunda construção condicional que ocorre em (105), a oração introduzida por *se* apresenta o que estamos chamando de *caráter restritivo* do satélite. Observe (105b):

- (105b) a imagem que eu fazia era a seguinte: *se o Japão fosse uma Birmânia, por exemplo que é um dos países atrasados, as economias industriais que ganharam a Segunda Grande Guerra não teriam ajudado o Japão...*

Para esse caso, pode-se notar que a informação veiculada na oração núcleo, isto é, a de que *as economias que ganharam a Segunda Grande Guerra não teriam ajudado o Japão*, é válida somente no caso de o *Japão ser uma Birmânia*, e o satélite, então, especifica uma *condição* para a realização do EsCo da predicação. Compare, no entanto, a esse respeito, a última ocorrência, repetida em (105c).

² Note-se que a primeira ocorrência no trecho 'se quem tivesse perdido a guerra não fosse o Japão, já reconhecidamente...' não se completa, parece ter sido abandonada pela informante e, por isso, não está sendo analisada.

- (105c) quer dizer de outra maneira, se o Japão fosse a Birmânia, né?, *as economias industriais européias e americana e a socialista União Soviética QUERIAM MAIS É QUE A BIRMÂNIA MORRESSE*, mas eles sabiam que não era a Birmânia que era o Japão, que já tinha conseguido fazer em 1905 - lutar com a RÚSSIA - e já tinha chegado à Malásia, tá?, já tinha chegado à Índia, então realmente era um inimigo forte então em termos aí econômicos, tá?

Diferentemente de (105b), com relação a (105c), não se pode dizer que a informação expressa na oração núcleo, de que *as economias industriais européias e americana e a socialista União Soviética queriam mais é que a Birmânia morresse*, seja válida somente no caso de *o Japão ser a Birmânia*. O satélite condicional, nesse caso, não especifica, portanto, uma condição para a realização de um EsCo, mas cria um quadro que serve de *Orientação* para o ouvinte, no qual se assenta a informação subsequente. O satélite corresponde, portanto, ao tipo não-restritivo, que se posiciona em P2.

O caráter não-restritivo caracteriza também a oração introduzida por *quando* em (106) abaixo, a qual, por isso, também é analisada como ocupando a posição extra-oracional P2.

- (106) realmente é gozado como a gente não comia fruta...a banana é uma banana tão grande que não dá pra você comer uma inteira...o que a gente chama de banana aqui a banana deles lá é uma coisa imensa...aqui no Rio tinha uma espécie de banana parecida parece --se eu não me engano-- é a banana-figo que eles chamam aqui no Rio...((barulho)) mas lá ainda é MUITO maior que a banana-figo...então frutas no no::n/ ahn quando nós estivemos em João Pessoa...uma fruta também muito comum lá é a::...aquela fruta-de-conde que aqui no Rio é caríssima lá...vende assim com preço baratíssimo...é muito comum você né::a fruta-de-conde...fu/ aqui por exemplo a gente come banana a gente acha a banana mais comum...laranja né? lá é fruta-de-conde... (RJ/DID/328/L29, p. 3)

Conforme se observa, a oração em (106) não atua como um satélite que especifica temporalmente o EsCo da predicação. Esse funcionamento do satélite se verificaria se a construção fosse do tipo em (106a).

- (106) a. *Quando nós estivemos em João Pessoa, comemos muita fruta-de-conde.*

Nesse caso, pode-se dizer que o satélite introduzido por *quando* especifica o tempo (*quando nós estivemos em João Pessoa*) em que determinado EsCo ocorreu (*comemos muita fruta-de-conde*); ele tem, assim, caráter restritivo, e sua posição é interna à estrutura da oração, em P1.

Na ocorrência em (106), diferentemente, a função do satélite *quando nós estivemos em João Pessoa* é *localizar* o ouvinte, orientando-o para que compreenda bem a informação subsequente (*uma fruta muito comum lá é aquela fruta-de-conde...*). A função dos satélites antepostos que ocupam a posição extra-oracional P2 pode, assim, ser definida mais em termos pragmático-discursivos do que sintático-semânticos, o que seria o caso para os satélites que ocupam a posição P1, interna à oração.

Além dos casos ilustrados em (105) e (106), consideram-se, nesta pesquisa, satélites que atuam como constituintes extra-oracionais em P2 aqueles que se apresentam antepostos a uma oração interrogativa. A atuação desses constituintes em P2, desempenhando a função de Orientação Discursiva, ao invés de em P1, torna-se mais clara do que nos casos considerados anteriormente, visto que a oração subsequente já se encontra completamente especificada, inclusive com força ilocucionária própria, cabendo ao satélite, portanto, a função de Orientação ao ouvinte para o que lhe será perguntado na oração interrogativa. Essa função, diante de uma oração interrogativa, pode ser desempenhada tanto pelos satélites introduzidos por *se* quanto por aqueles que se iniciam por *quando*, como se observa, respectivamente, em (107) e (108).



(107) Doc: *se fosse passar um filme para crianças que tipo de filme a senhora acha que deveria ser passado?*

Inf: um::tipo de filme como 'O Mágico de Oz' que todo mundo achou Maravilhoso parece que está voltando agora...ah::...que::...qual outro filme que...que o público infantil achou e gostou...aquele filme dos cachorrinhos como é o nome?...dos dois cachorrinhos...NOssa a criançada adorou aquele filme...eu tenho uma memória...sei lá eu acho que filme desenhos animados...é que a criançada assiste tanto desenho na televisão né? (SP/DID/234/L15, p. 10)

(108) L1: (...) agora esse ano nós comemos muito churrasco na Argentina...né? churrasco da Argentina...Dizem que se equipara é... ao/ ao do Rio Grande do Sul...é realmente é parecido é parecido se bem que o do/...Ro Grande do Sul são um pouco mais minguados...né? os churrascos da...de Buenos Aires...mas era cada bife que você não agüentava comer...agora...é engraçado que você saindo do Brasil...a gente sente uma falta muito grande dessa parte de verduras...eu falo muito em verduras porque justamente é a base da minha alimentação entende?...então a salada pro::...pro pessoal de Buenos Aires a salada se resume a alface e tomate...aqui não cê pede uma salada vem outros legumes né?

[
Doc: *quando geralmente quando eles servem churrasco eles não servem além das...do alface do tomate...eles não servem alguma coisa picadinha assim?*

L1: é::sempre cebola...é...eles não não

[
Doc: também?

L1: é...eles usam muito só isso es/ sa/ sa/ salada que eles usam com churrasco...é mais...cebola e agora eles...usam também batata frita...que é diferente da nossa batata frita...(RJ/DID-328 – L28, p. 6)

Conforme se pode verificar no esquema dado em (102), entre as posições previstas por Dik (1990) para a ocorrência de orações condicionais não se encontra a posição *intercalada* ou *parentética* em que elas podem se apresentar. Diferentemente do que consta em Dik (1990), em Wakker (1992, p. 369), o esquema de ordenação das condicionais é o seguinte:

(109) P2, [P1 ..., (P_n), ...X], P3

Wakker inclui na representação das possibilidades de ordenação das condicionais a posição (P_n), sendo que 'n' indica que a posição exata da oração nesse molde pode variar. Dada a notação entre vírgulas que se faz para essa posição, entende-se que as condicionais em (P_n)

funcionam como constituintes extra-oracionais. Os exemplos dados por Wakker (1992, p. 370) de condicionais em (P_n) são os seguintes:

- (110) a. Você deve levar, **se chover**, uma sombrinha.
b. Tem, **se chover**, uma sombrinha no meu armário.

Assim como nos exemplos acima, dados por Wakker, em nossos dados as orações condicionais que se encontram em posição intercalada se caracterizam todas como não-restritivas e, assim, representam constituintes extra-oracionais, conforme se observa em (111) e (112) abaixo:

- (111) L1 bom estas assembléias... habitualmente elas trata dos assuntos... que dizem diretamente... / que diz respeito... de assuntos que dizem respeito... aos: associados... como por exemplo... a questao do: aumento ou do piso salarial... sabemos que a inflação... reduz o poder... aquisitivo do nosso povo... então anualmente o governo... estabelece... os chamados... reajustes... salariais o governo por exemplo paga aos seus funcionários normalmente um reajuste salarial... no mês de março... onde ele estabelece critérios... onde *ele estabelece índices salariais... baseados em cálculos que são feitos... se não me engano pela fundação Getúlio Vargas...* que é um órgão... que po / que é um órgão técnico... que: normalmente ou habitualmente fornece subsídios... a todas as entidades... que a ela que a ela recorrem ou que a ela recorre... a fim de poder com isto levar adiante suas reivindicações... junto à justiça do trabalho... (REC/DID/131/L35, p. 4)
- (112) Infl: desde criança fui criada nesse ambiente de negócio de apartamento, de compra e venda, troca, e casa, e terrenos e tal, então eu realmente não tenho curso, não fui preparado para isso, mas a gente foi adquirindo uma vivência da coisa, né? *e eu acho que o dinheiro todo que eu pudesse, se eu ganhasse assim na loteria e tal eu nunca jogaria em mercado de capitais*, nada disso, eu sempre ficaria em imóveis, mesmo porque agora eu tenho uma terceira condição importante que é a questão de família, de filhas e tal...(RJ/D2/355/L12, p. 7)

Como se pode constatar pelos resultados que se apresentam nos gráficos expostos anteriormente, das 87 orações introduzidas por *se* coletadas no corpus, 12 delas (14%) encontram-se em posição intercalada, ao passo que apenas quatro (4%) das 109 orações introduzidas por *quando* ocupam essa posição.

Além do baixo percentual de ocorrência na posição intercalada, quando comparadas às orações introduzidas por *se*, nenhuma das quatro orações iniciadas por *quando* que ocorrem nessa posição parecem ter caráter não-restritivo e funcionarem, assim, como constituintes extra-oracionais. As quatro ocorrências de oração com *quando* em posição intercalada que aparecem no corpus são as seguintes:

(113) a. ... voltando ao assunto... que quando um empregado sai de uma firma... ele deve procurar o seu sindicato... buscando exatamente... no departamento jurídico ou na consultoria jurídica... aqueles elementos... que ele não dispõe evidentemente... inclusive por não dispor de conhecimento...a fim de que possa... ver: todos os seus problemas resolvidos... de uma forma equânime justa... equilibrada... e inclusive ver: os seus... pontos de vista as suas opiniões o que ele pensa afinal de contas daquela sua demissão... chegar: até o seu juiz... chegar até a Justiça do Trabalho que é realmente o órgão... capacitado para emitir... um parecer final... sobre aquela... questão... *normalmente os sindi os sindicalizados quando procuram os advogados eles vêm eles vão tratar desse questão... às vezes... também... eles vão... tratar de uma questão... relacionada por exemplo com o problema de separação conjugal: nós sabemos por exemplo que o Brasil... recentemente adotou... o divórcio...*(REC/DID/131/L16, p. 7)

b. Doc:: e nessa área de merenda escolar...você tocou nisso né?...você tem alguma noção assim de que ()

[

L1: olha eu não...não...não tenho não tenho realmente porque trabalhando em escola de segundo grau...sabe?...eles não fornecem merenda escolar...se bem que esse ano nós conseguimos lá pra escola uma merenda...é...mas é uma merenda assim...não é::não é bem merenda...eles chamam de desjejum...depois uma::um instituto de nutrição...ofereceu à escola...éh uma merenda...eu tenho a impressão de que inclusive aquilo é importado...não é::brasileiro não...é um leite que eles...*parece com leite americano...*

Doc sei...

L1 *que quando chega aqui tem que ser trata::do...*lá na escola eles dissolvem aquilo e servem às meninas...é um leite de choco/...tem::tem vários tipos que são misturados com...éh...de vários sabores... (RJ/DID/328/L1, p. 13)

- c. L1: é...isso realmente::tá aumentando e::::é um::é um recurso se tem pra você poder comer justamente pro o tipo de vida que se us/...que tem aqui no Ri::o...né?...normalmente...o pessoal que tem mais...tem quase sempre mais de um emprego...e não tem oportunidade de...sentar...pra fazer uma refeição::...cal::ma né? tranqüila...a lanchonete serve pra quebrar o galho né? como a gente costuma dizer...e::também porque é mais barato né? mais em conta...você tem realmente um::grande número desse tipo de...de::de...de restaurante...né? não é bem restaurante é lanchonete mesmo...serve as refeições ligeiro...mas eu evito ((rindo)) também sabe? eu evito (comer) porque eu sei que eu num...num me sinto muito bem né?

[

Doc: num vale a pena...

L1: que a gente::quando não tem...tem tempo éh...pode comer sanduíche né? a gente come sanduíche...RJ/DID/328/L1, p. 17)

- d. L1: hoje não sei como é que eles fazem se::...não acho que não existe mais o estudante passa automaticamente...passando nas matérias...que estuda passa automaticamente para o outro ano...ahn?

Doc: pro curso imediato

L1: pro curso imediato

Doc: agora::...o estudante quando não é bom estudante () usa de certos meios prá se safar e sair bem... quais são esses meios escuros de que o estudante se serve

L1: bom aí é difícil eu lhe dizer porque::... (SA/DID/231/L11, p. 11)

Como se nota, nenhuma das ocorrências acima tem caráter não-restritivo, como é o caso da oração com *quando* anteposta, apresentada anteriormente em (106). O menor índice de ocorrência de orações introduzidas por *quando* em posição intercalada, quando comparadas a orações iniciadas por *se*, associado ao caráter sempre restritivo das orações com *quando* nessa posição e, assim, a sua função intra-oracional, como satélite ao invés de como constituinte extra-oracional, comprovam a proposta da GF de que, na estrutura da oração em camadas, os satélites temporais atuam quase que exclusivamente nas camadas pertencentes ao nível representacional, ao passo que satélites condicionais podem tanto atuar nas camadas mais baixas, pertencentes ao domínio representacional, quanto nas mais altas, pertencentes ao nível interpessoal.

No que diz respeito à posposição das orações, os resultados mostram que as orações introduzidas por *quando* se realizam mais em posição posposta à oração núcleo do que as orações iniciadas por *se*. Das 109 ocorrências de estruturas iniciadas por *quando*, 22 (20%) são pospostas,

ao passo que, das 87 condicionais introduzidas por *se*, apenas oito (9%) se apresentam nessa posição.

Com relação às condicionais, esse comportamento pode ser explicado pelo caráter icônico dessas orações, que, por refletirem em sua estruturação o significado de que *condição precede consequência/realização*, apresentam-se muito mais em posição anteposta do que posposta. Com relação às orações temporais, sua função como “âncora temporal” para a realização de um evento pode explicar a preferência pela anteposição das orações introduzidas por *quando*, mas não as restringe a essa posição, visto que elas podem desempenhar essa mesma função quando são pospostas à oração núcleo.

Conforme demonstrado anteriormente, assim como ocorre com as orações que se colocam em anteposição, as orações pospostas, de acordo com a GF, podem se apresentar em posição interna à oração (X), ou fora da estrutura da oração, figurando como constituinte extra-oracional (P3). Para a distinção entre o posicionamento das orações em X ou em P3, aplica-se também o caráter restritivo/não-restritivo do satélite. As ocorrências em (114) e (115), abaixo, são ilustrativas do comportamento dos satélites em posição posposta interna à oração (X):

(114) Doc: a senhora acha que houve alguma evolução ou:...sei lá ou que tenha regredido o cinema atualmente em comparação ao cinema dos anos anteriores e no que se/ e no que seria notada essa diferença?

Inf: eu noto que antigamente ti/ tinham filmes mais assim:...com maior conteúdo mais e éh::os filmes eram mais...ah::...o pessoal...não sei hoje em dia não aparece tanto filme como antigamente eu me lembro de vários filmes não lembro os nomes...éh::eram filmes...que tocavam mais as pessoas hoje em dia os filmes são mais vazios sei lá...eu acho não sei por isso é que eu deixo de ir ao cinema porque *eu vou s/ realmente se eu sei que o filme é bom viu?* ((risos))...para assistir filme

Doc: e que não seja () ((risos))

Inf: () ((risos))...ela gostou (SP/DID/234/L8, p. 9)

- (115) toda a aplicação já supõe uma interpretação que para nós, se a gente analisa objetivamente é que vê que vai se constituir numa análise, ela tem que interpretar, no caso, uma situação para poder fazer uma extrapolação, para aplicar, depois, volta à análise mas então aqui, mais em profundidade, tanto assim que os próprios exemplos dados por Bloom na bibliografia específica muitas vezes eles se repetem, eles, os exemplos são mais ou menos os mesmos, tanto na quando se fala na subcategoria interpretação, quando se fala na análise e *ele é bem claro quando diz que há uma diferença apenas de grau*, um é mais profundo do que o outro então, eu volto de novo à pergunta, puxa, mas e quando é que eu vou saber que eu estou usando a análise ou interpretação, não faz mal o professor, pode fica(r) confuso, contanto que o aluno faça a interpretação (POA/EF/278/L29, p. 7)

Como se pode notar, tanto o satélite introduzido por *se*, em (114), quanto o introduzido por *quando*, em (115), são restritivos. Em (114), o satélite especifica uma condição ('o filme ser bom') para a realização do EsCo apresentado na oração núcleo ('eu vou (ao cinema)') e, em (115), o satélite especifica o tempo de ocorrência ('no momento em que diz que há uma diferença apenas de grau') do EsCo da oração núcleo ('ele é claro'). Diferentemente dos satélites em (114) e (115), em (116) e (117), abaixo, os satélites apresentam-se como não-restritivos e, assim, como constituintes extra-oracionais em posição P3.

- (116) L1 eu acho que se sair antes das seis horas da manha sai melhor
 L2 porque o problema que acontece () é que eu não vou chegar em Belo Horizonte no mesmo dia...vou ter que dormir ou em Conquista ou dormir na divisa...ou em Teófilo Otoni se o tempo der...eu acho
 [

 L1 não...dá demais em Teófilo Otoni
 L2 () mas é horrível...o trecho que você faz de viagem...de Conquista...prá Teófilo Otoni () (vozes) não aguento mais fazer aquele/ aquela viagem só o que eu penso é isso...é...esse trecho aí o resto não é distraído agradável (SSA/D2/98/L19, p. 2)
- (117) *Bloom colocou dentro da sua taxionomia, dentro da sua categorização, o processo mental que nem chega a ser processo, que ele chama simplesmente cognição, memória, como conhecimento, quando a aluna enumera, repete, simplesmente quando o aluno armazenou uma informação e devolve aquela informação da mesma maneira como ela, como foi recebida.* (POA/EF/278/L6, p. 4)

A oração condicional em (116) funciona mais como uma ressalva (*se o tempo der*) que o falante faz com relação ao que afirmou anteriormente (*vou ter que dormir em Teófilo Otoni*) do que como uma condição para a realização de um EsCo. Também em (117), o satélite introduzido por *quando* não especifica o tempo de ocorrência de um EsCo, como é o caso do satélite em (115). Ele parece, antes, servir a uma estratégia de esclarecimento, uma vez que seu conteúdo equivale a um comentário adicional, que auxilia o ouvinte na compreensão da informação que o antecede, isto é, sobre o que *Bloom* chama *conhecimento*.

Mediante os resultados percentuais referentes à posição das orações investigadas, e levando-se em conta as considerações feitas nesta seção, pode-se dizer que a posição em que as orações ocorrem, especialmente no tocante à anteposição e à posição intercalada à oração núcleo, é um aspecto que diferencia as orações introduzidas por *se* das orações iniciadas por *quando*. Conforme se demonstrou, a anteposição predomina para ambos os tipos de oração, mas a posposição é preferencialmente ocupada pelas orações introduzidas por *quando*, e a posição intercalada, pelas orações iniciadas por *se*.

Para as orações condicionais, a preferência pela anteposição pode se explicar pela iconicidade que se verifica nas construções condicionais. Para as orações temporais, por outro lado, o predomínio na anteposição se explicaria pela função discursiva dessas orações de criar “quadros” que servem como referência para o conteúdo expresso na oração núcleo, função que, ao contrário das condicionais, as orações introduzidas por *quando* desempenham também quando são pospostas à oração núcleo.

O fato de, nos dados da pesquisa, a posição intercalada ser ocupada com relativa frequência por uma oração condicional, e muito raramente por uma oração temporal, pode também estar associado, conforme se apontou, às funções semântico-discursivas desempenhadas



tipicamente por cada uma das orações, isto é, funções de nível interpessoal, em se tratando das condicionais, e de nível representacional, no que diz respeito às orações temporais.

2. Funcionamento das orações como CEOs e como satélites

Conforme demonstrado na seção anterior, tanto as orações introduzidas por *se* quanto as iniciadas por *quando* podem se apresentar em posição interna à oração, em anteposição (P1) ou posposição (X), ou em posição fora da oração, anteposta (P2), intercalada (Pn), ou posposta (P3) à oração núcleo. Muito do comportamento das orações em cada uma dessas posições já foi comentado na seção anterior, bem como no segundo capítulo deste trabalho.

Os resultados que se apresentam nesta seção referem-se à tabulação que se efetuou do comportamento das orações como satélites ou como constituintes extra-oracionais com a posição em que as orações aparecem nos dados. Primeiramente, apresentam-se, nos gráficos a seguir, os percentuais de ocorrência das orações como satélite e como CEO.

Gráfico 3: Orações-se como satélite e como CEO

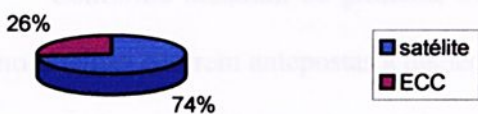
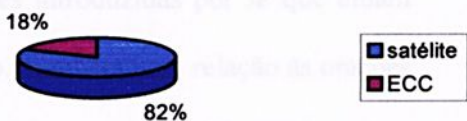


Gráfico 4: Orações-quando como satélite e como CEO



Com relação a ambos os tipos de oração, predomina a atuação no nível da oração, como satélites, sendo que as introduzidas por *quando* apresentam percentual ainda maior de ocorrência como satélite do que as iniciadas por *se*. Das 87 ocorrências de oração introduzida por *se*, 64 (74%) atuam como satélite, e das 109 iniciadas por *quando*, 89 (82%) encontram-se com essa função. Atuando como CEO, no entanto, as condicionais aparecem com um maior percentual de ocorrências do que as temporais: 26% (23 ocorrências) contra 18% (20) das orações iniciadas por *quando*. Tal fato, novamente, confirma a maior aptidão das estruturas introduzidas por *se* para desempenhar funções de nível interpessoal, em vez de representacional, incluindo aí o nível do discurso.

Tabulados os percentuais de atuação das orações como satélites e as posições em que elas se apresentam, obtêm-se os seguintes resultados:

Gráfico 5: Orações-se como satélite vs. posição

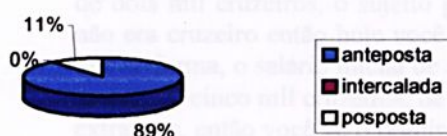
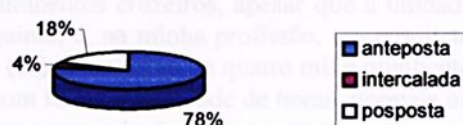


Gráfico 6: Orações- quando como satélite vs. posição



Conforme mostram os gráficos, 89% das 64 orações introduzidas por *se* que atuam como satélites ocorrem antepostas à núcleo, em P1, portanto. Também com relação às orações com *quando* que atuam como satélites predomina a posição anteposta P1, porém, com percentual mais baixo de ocorrência em comparação às orações introduzidas por *se* (78%).

Com relação aos satélites em posição intercalada, nota-se, de acordo com os percentuais no gráfico, que apenas as orações introduzidas por *quando* ocupam essa posição. Como já foi demonstrado anteriormente, todas as ocorrências iniciadas por *quando* em posição intercalada

são restritivas, o que, como se vem interpretando, caracteriza o funcionamento da estrutura internamente à oração, como satélite. Vê-se, agora, que, das 64 ocorrências de satélites introduzidos por *se*, nenhuma ocorre em posição intercalada. Pode ser útil apresentar novamente a ocorrência dos dois tipos de oração em posição intercalada para que sejam comparados quanto ao seu caráter restritivo/não-restritivo:

- (118) Doc: e nessa área de merenda escolar...você tocou nisso né?...você tem alguma noção assim de que ()

[
L1: olha eu não...não...não tenho não tenho realmente porque trabalhando em escola de segundo grau...sabe?...eles não fornecem merenda escolar...se bem que esse ano nós conseguimos lá pra escola uma merenda...é...mas é uma merenda assim...não é::não é bem merenda...eles chamam de desjejum...depois uma::um instituto de nutrição...ofereceu à escola...éh uma merenda...eu tenho a impressão de que inclusive aquilo é importado...não é::brasileiro não...é um leite que eles...*parece com leite americano*...

Doc: sei...

L1: *que quando chega aqui tem que ser trata::do...lá na escola eles dissolvem aquilo e servem às meninas...é um leite de choco/...tem::tem vários tipos que são misturados com...éh...de vários sabores...* (RJ/DID/328/L1, p. 13)

- (119) a relação salário profissional de nível superior ao aluguel seria a quarta parte, relação de dois mil cruzeiros, o sujeito pagava quinhentos cruzeiros, apesar que a unidade não era cruzeiro então hoje você vê o seguinte, é, na minha profissão, um arquiteto que se forma, o salário inicial de arquiteto (es) tá em torno de quatro mil e quinhento cruzeiros, cinco mil cruzeiros, de acordo com hora...quantidade de horas, normais ou extras etc, então você vê o seguinte: se fosse nessa relação, este arquiteto pra pagar a quarta parte de seu salário seria pra pagar mil cruzeiros, mil e duzentos cruzeiros, certo? ora, ele pra pagar um aluguel de mil cruzeiros, mil e duzentos cruzeiros, *ele, pra morar, se ele quisesse, um exemplo, na Zona Sul*, um apartamento de mil cruzeiros, mil e duzentos é apartamento de quê?

Inf2 aonde? não existe

Inf1 na Zona Sul (RJ/D2/355/L22, p. 2)

Quanto aos satélites em posição posposta, os resultados apontam para o favorecimento das orações iniciadas por *quando*. Das 89 ocorrências de orações introduzidas por *quando* que funcionam como satélite, 16 (18%) são pospostas, ao passo que apenas 7 (11%), das 64 ocorrências de satélite iniciados por *se*, encontram-se nessa posição. As ocorrências em (120) e (121), a seguir, ilustram uma oração iniciada por *se* e por *quando* como satélite em posposição.

- (120) a segunda resposta vocês têm de uma maneira... um pouco rápida porque já leram... *eu volto somente se alguém tiver alguma pergunta...*((intervenção de locutor acidental)) segundo... segundo... uhum questão... exa:to... na olhe eu entendo... uhum não eu entendo é o seguinte... também se diz num é? para complementar isso que você: acaba de dizer... a lei é feita para o homem... (REC/EF/337/L14, p. 3)
- (121) o importante é que o processo se realize, o nome, o rótulo, que ele leva, não, não importa muito depois da aplicação já ficou bem claro, *o aluno aplica quando ele usa princípios teóricos e situações práticas*, é o caso dos sinais de trânsito, é o caso dos advogados aí, com códigos, com leis - não adianta saber a lei, eu quero sabe(r) aplica(r) na hora...(POA/EF/278/L35, p. 7)

Tabulando-se, agora, a distribuição percentual referente à atuação das estruturas introduzidas por *se* e das iniciadas por *quando* como constituintes extra-oracionais e as posições em que elas ocorrem, os resultados são os que se apresentam nos gráficos abaixo:

Gráfico 7: Orações-se como CEO vs. posição

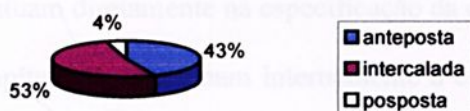
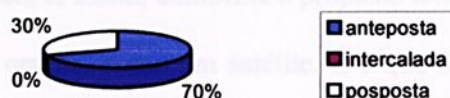


Gráfico 8: Orações-quando como CEO vs. posição



Como se observa, embora o número de células para esse fator seja reduzido (12, no total), pode-se falar em uma *preferência* para as orações introduzidas por *se* em posição intercalada ocorrerem como CEO, em vez de como satélite. Das 23 estruturas iniciadas por *se* (que representam 26% do total de 87 ocorrências) que funcionam como CEO, 12 (53%) encontram-se intercaladas à oração núcleo e, como já demonstrado anteriormente, nenhuma dessas orações, em nossos dados, aparecem como *satélite* em posição intercalada. Por outro lado, como se nota pelos percentuais no gráfico 8, nenhuma das 20 ocorrências iniciadas por *quando* (que representam 18% do total de 109 ocorrências) que funcionam como CEOs se encontra em posição intercalada.

Em anteposição e posposição, por outro lado, as orações com *quando* exibem percentual maior de atuação como CEO do que as iniciadas por *se*. Do total de 20 ocorrências

de orações introduzidas por *quando* como CEO, 14 (70%) são antepostas à oração núcleo e 6 (30%) são pospostas. Para as orações com *se*, 10 (43%) ocorrências como CEOs aparecem em anteposição e apenas 1 (4%) ocorre posposta. A única ocorrência em questão, já apresentada anteriormente, é a seguinte:

- (122) L1 eu acho que se sair antes das seis horas da manha sai melhor
 L2 porque o problema que acontece () é que eu não vou chegar em Belo Horizonte no mesmo dia...vou Ter que dormir ou em Conquista ou dormir na divisa...ou em Teófilo Otoni se o tempo der...eu acho
 []
 L1 não...dá demais em Teófilo Otoni
 L2 () mas é horrível...o trecho que você faz de viagem...de Conquista...prá Teófilo Otoni () (vozes) não aguento mais fazer aquele/ aquela viagem só o que eu penso é isso...é...esse trecho aí o resto não é distraído agradável (SSA/D2/98/L19, p. 2)

Todas as outras sete ocorrências de condicionais pospostas têm caráter restritivo, ou seja, atuam diretamente na especificação da oração núcleo, e, assim, conforme a proposta feita no Capítulo II, funcionam internamente à estrutura da oração, como um satélite. É o que se pode verificar a partir das ocorrências em (120), em (114), na seção anterior, e também em (123), abaixo.

- (123) L2 ...que a alternativa que a gente dá para ele é se não quiser ir à escola então vai trabalhar...mas trabalhar o dia inteiro...que é como o pai
 L1 coitado cinco anos
 []
 L2 é
 L1 e já...colocado assim nessa alternativa não?
 []
 L2 porque::já pensou que que eu vou dizer para ele se ele não for eu não sei realmente eu chego na eu fico::indecisa...porque acho muito cedo para impor mas também se ele aprender a que dizendo que não quer ir não vai...eu estou criando um precedente muito sério...(SP/D2/360/L23, p. 11)

Uma vez que a atuação das orações em posição extra-oracional P2, P_n e P3 também já foi discutida na seção anterior, torna-se relevante ressaltar, aqui, apenas o fato de que a essas diferentes posições extra-oracionais se relacionam estratégias discursivas distintas a que servem os satélites, prova de que sua função em posições externas se define com relação ao

evento discursivo, e não com relação à estrutura da oração propriamente dita. Assim, aos CEOs antepostos liga-se a função de *Orientação* para o ouvinte, tanto no que diz respeito às orações com *se* quanto às com *quando*, como se torna evidente em ocorrências que antecedem uma pergunta, como em (124) e (125).

- (124) Doc agora...hum::...se a gente pensar um pouco na estrutura da universidade...como é que os cursos ou ou como é que as unidades estão...divididas distribuídas como é que é

L1 bom...lá na faculdade de medicina...eu acredito que o ensino vai... bem... sabe... apesar das ondas ainda mais ()...mas...eu tenho a impressão que o ensino vai...bem eu ensino na cadeira de...dermatologia que eu estou fazendo agora dermatologia infantil...então dou aula na::cadeira de...dermatologia...e graças a Deus no nosso curso...os estudantes eles...elogiam muito o curso de dermatologia... (SSA/DID/231/L10, p. 4)

- (125) Doc agora vamos voltar/ sair da/ da escola e vamos voltar ao professor ahn? qual é o...é o papel de um professor ou a::ROTINA de um professor de uma escola qual é o papel digamos...éh filosófico do professor que é que um professor faz...() uhn?...qual é a obrigação diária de um professor

[

L1 bom a obrigação...primária dele é dar aula né?

Doc sim...mas *quando ele não vai à aula ele também pode fazer o quê?*

L1 na faculdade de medicina o professor...é diferente de outra faculdade...por que...aliás na faculdade de filosofia tem es/...pesquisas que o professor faz né? Fora do convívio com o estudante...na faculdade de medicina...o professor...dá aula...só aula teórica ou só aula prática...faz visitas...enfermaria...com os estudantes que é o meio do estudante...aprender...discutindo caso...nas reuniões...reuniões clínicas que nós fazemos...e fora i::sso...é o papo normal que a gente bate no corredor com o estudante que é muito proveitoso pro estudante né?...às vezes mais até do que...a aula...mas a obrigação principal é::...dar aula né? (SSA/DID/231/L53, p. 8)

Conforme já foi apontado, somente as estruturas com *se* ocorrem como CEOs em posição intercalada. A esses casos associa-se sempre uma função de ressalva, que pode servir como uma relativização que o falante faz de modo a se tornar menos categórico em suas declarações, como mostram as ocorrências em (126) e (127):

- (126) Inf2: mas, mas Luís Augusto, o que acontece é o seguinte, é que o, esse problema de salário...

Inf1: relação salário/aluguel...

Inf2: ...dessa relação salário, é, aluguel, por exemplo, é completamente diferente, por exemplo, em Curitiba eu (es)tive agora o fim-de-semana em Curitiba, (por)que eu se puder ainda acabo ca ...pedindo transferência pra Universidade Federal do Paraná...

Inf1: (vo)cê gostou assim, é?

Inf2: eu gosto demais de lá e gostaria de morar, então eu (es)tive vendo preço de aluguel apartamentos que aqui você vai pagar oito mil cruzeiros, você lá paga três, paga dois e quinhentos e o salário de professor universitário lá é o mesmo que aqui então os quinze que você ganha aqui corresponde lá a trinta mil...

(RJ/D2/355/L8, p. 3)

- (127) no Amazonas...o Amazonas é impressionante o número de frutas e frutas assim tudo dura tipo assim cajamanga...eles têm muita coisa assim éh tipo de cajá mesmo né? Realmente é gozado como a gente não comia fruta...a banana é uma banana tão grande que não dá pra você comer uma inteira...o que a gente chama de banana aqui a banana deles lá é uma coisa imensa...aqui no Rio tinha uma espécie de banana parecida parece - *se eu não me engano* - é a banana-figo que eles chamam aqui no Rio...((barulho)) mas lá ainda é MUITO maior que a banana-figo... (RJ/DID/328/L27, p. 3)

CEOs condicionais que, em posição intercalada, funcionam como uma ressalva feita pelo falante, podem funcionar ainda no interior de um CEO de Orientação representado por uma oração temporal, como se observa em (128).

- (128) Doc escuta Dona I. passando assim mais agora para o campo de filme...eu queria saber qual o tipo de::o que mais chama atenção da senhora no que diz respeito a cinema? não é? eu sei que a senhora já::a senhora já disse que não gosta de drama gosta de comédia

Inf comédia

[

Doc porque de drama já chega a vida tá? ((risos)) então:...agora *eu gostaria de saber que tipo de filme além da comédia quando a senhora quer assistir alguma coisa mais séria se É que a senhora às vezes gosta de assistir alguma coisa com mais conteUdo mais séria que nao seja comédia e tal eu gostaria de saber que tipo de filme a senhora mais aprecia...tá? e::o que mais...chama a atenção da senhora para ir ao cinema quando a senhora vai que a senhora disse que vai pouc/ vai poucas vezes ao cinema*

[

Inf é

Doc né?...

Inf é

Doc então eu gostaria de saber quando a senhora vai ao cinema...o que que precisa conter o cinema para leVAR a senhora até ele?

Inf eu saber que o filme é bom porque::...por exemplo nós temos tido filmes bons...(SP/DID/234/L2, p. 8)

Note-se que, em (128), a oração *quando a senhora quer assistir alguma coisa mais séria* serve de quadro que contém a orientação com relação à qual o ouvinte deve entender a pergunta feita pelo falante, e a oração com *se* intercalada (*se é que a senhora às vezes gosta de assistir alguma coisa com mais conteúdo, mais séria que não seja a comédia e tal*) funciona como uma ressalva que representa um limite dentro do qual a orientação deve ser entendida pelo ouvinte. Mediante ocorrências desse tipo, torna-se evidente que a oração com *quando* e com *se* cumprem funções discursivas distintas, sendo inconsistente, portanto, conforme defendemos, considerar que uma delas sobreponha funções típicas da outra.

Aos CEOs em posposição, associa-se a função de Esclarecimento, que pode ser representada por uma exemplificação que o falante faz acerca de uma informação que ele quer transmitir ao ouvinte, conforme ocorrência já apresentada anteriormente e aqui repetida em (129).

- (129) *Bloom colocou dentro da sua taxionomia, dentro da sua categorização, o processo mental que nem chega a ser processo, que ele chama simplesmente cognição, memória, como conhecimento, quando a aluna enumera, repete, simplesmente quando o aluno armazenou uma informação e devolve aquela informação da mesma maneira como ela, como foi recebida.* (POA/EF/278/L6, p. 4)

Alternativamente, a função de Esclarecimento pode também ser representada por uma informação ulterior que o falante julga ser necessário acrescentar à sua declaração, a fim de torná-la clara ao ouvinte, como ocorre em (130).

- (130) Inf eu...quase não vou ao cinema teatro...às vezes eu vou...mais a teatro do que a cinema...filme eu gosto mais de comédia...não gosto muito de filme...muito triste não é comigo não ((risos))...eu tenho ido a teatro...tem um grupinho que nós...éh::um grupo assim::da minha idade que vai sempre ao teatro ((risos)) são é uma assistente social MAS ela é formidável sabe?
 Doc ahn
 Inf éh irmã dela e e um professor da faculdade aí de São::São Caetano do Sul...éh::ele dá aula::...no Serviço Social...e ele::nos convida de quase todo domingo a gente vai...eu tenho ido::bastante...prefiro ir a teatro do que a cinema...quando o filme não é bom né? (SP/DID/234/L10, p. 2)

Os resultados apresentados nesta seção apontam para os seguintes comportamentos que valem ser ressaltados:

- a) O funcionamento das estruturas como *satélites* predomina tanto com relação às orações iniciadas por *se* quanto para as introduzidas por *quando*;
- b) Como CEOs, predominam as condicionais, iniciadas por *se*, e não as temporais, introduzidas por *quando*;
- c) A *posposição* da oração com relação à núcleo é, em termos percentuais, sempre maior com relação às orações iniciadas por *quando* do que com relação às introduzidas por *se*, sejam elas satélites sejam CEOs; e
- d) Em posição intercalada, as orações com *se* funcionam sempre como CEOs, ao passo que as orações que se iniciam por *quando* são sempre satélites nessa posição.

3. Correlação tempo-modo verbal nas construções

Conforme demonstrado no terceiro capítulo deste trabalho, de acordo com a correlação verbal que se apresenta entre a oração condicional (prótase) e sua oração núcleo (apódose), as construções condicionais são tradicionalmente distinguidas em três tipos: *real*, resultante da ocorrência de presente do indicativo na prótase e apódose; *potencial*, se na prótase ocorre futuro do subjuntivo e na apódose, futuro do presente; e *irreal*, se o verbo na prótase se apresenta no imperfeito do subjuntivo, e o verbo na apódose, no futuro do pretérito (Câmara Jr. 1988).

A partir da definição comunicativa de modalidade epistêmica, como também demonstrado anteriormente, as seguintes correlações entre tempo/aspecto e modalidade se apresentam (Givón, 1995):



(131) Correlações entre tempo-aspecto e modalidade

- a. **Passado/Perfectivo** $\Rightarrow$ realis (ou pressuposição)
- b. **Perfeito** $\Rightarrow$ realis (ou pressuposição)
- c. **Presente progressivo** $\Rightarrow$ realis
- d. **Futuro** $\Rightarrow$ irrealis
- e. **Habitual** $\Rightarrow$ irrealis ou realis

No terceiro capítulo, buscou-se demonstrar que aos diferentes tipos de construção condicional se relacionam diferentes atitudes do falante, em termos de sua certeza/incerteza de ocorrência do EsCo expresso na construção. A partir daí, mostrou-se a distinção de atitudes do falante que se observa entre as três ocorrências de construções condicionais expostas a seguir:

- (132) o que está acontecendo é o seguinte, é que o meu a...há um decréscimo em cada prestação, quer dizer, eu pago, agora não lembro assim de cor, mas é um determinado número, mas não sei quanto de UPCs, vírgula zero, zero não sei o quê então, no outro mês se esse zero zero é seis, passa a ser cinco, depois esse zero zero na outra passa a ser quatro e assim por diante nos três primeiros, não, nos primeiros meses daquele trimestre como a UPC não sofre correção, então eu ...eu pago uma determinada quantia, que foi a primeira que eu paguei, foi onze mil setecentos e, e, e qualquer coisa com o ordenado do outro emprego... (RJ/D2/355/L16, p. 6)
- (133) Inf2 (...) dessa relação salário, é, aluguel, por exemplo, é completamente diferente, por exemplo, em Curitiba eu (es)tive agora o fim-de-semana em Curitiba, (por)que eu se puder ainda acabo ca ...pedindo transferência pra Universidade Federal do Paraná...
Inf1 (vo)cê gostou assim, é? (RJ/D2/355/L8, p. 3)
- (134) ...então ele me dizia que ele ganhava é, é, pra pagar um aluguel relativo à quarta parte do salário dele, ele era formado em odontologia, quer dizer, ele deve ter sido formado em odontologia, nós estamos em 1977, ele deve Ter sido formado em odontologia por volta de 1917, 18, que ele se formou então nessa época, vamos dizer, na década de XX...a relação salário profissional de nível superior ao aluguel seria a quarta parte, relação de dois mil cruzeiros, o sujeito pagava quinhentos cruzeiros, apesar que a unidade não era cruzeiro então hoje você vê o seguinte, é, na minha profissão, um arquiteto que se forma, o salário inicial de arquiteto (es) tá em torno de quatro mil e quinhentos cruzeiros, cinco mil cruzeiros, de acordo com hora...quantidade de horas, normais ou extras etc, então você vê o seguinte, se fosse nessa relação, este arquiteto pra pagar a Quarta parte de seu salário seria pra pagar mil cruzeiros, mil e duzentos cruzeiros, certo? (RJ/D2/355/L19, p.2)

Conforme se analisou anteriormente, pode-se dizer que há, na condicional em (133) e em (134), expressão de modalidade *irrealis* e que, em ambos os casos, a ocorrência do EsCo da oração principal é dependente da *verdade* do EsCo da oração condicional, a qual o falante supõe mas com a qual não se compromete frente ao ouvinte. Em (132), por outro lado, com o verbo das orações no tempo presente, a inter-relação da ocorrência dos EsCo da condicional e da principal é afirmada, e não colocada sob hipótese, como é o caso em (133) e (134). Em (132), a ocorrência de *o zero passar a ser cinco* é dependente da ocorrência/verificação de *esse zero ser seis*, porém independente da *avaliação* do falante acerca da probabilidade dessa ocorrência.

Evidentemente, a realização de EsCo das construções condicionais, devido ao próprio significado de *se*, sempre permanece suspensa, ou seja, não se pode afirmar que essa realização de fato se dará, e a informação veiculada em tais construções pode sempre ser vista como *irrealis*. No entanto, levando-se em conta a inter-relação dos EsCo, codificados com verbos que expressam modalidade *irrealis* ou *realis*, pode-se considerar que, com verbos do *irrealis*, a *verdade* dos EsCo mais tipicamente é posta sob consideração pelo falante, e a condicional marca uma *hipótese* de ocorrência dos EsCo, como é o caso em (133) e (134). Com tempos do *realis*, por outro lado, o *modo de ocorrência* é, mais tipicamente, colocado sob consideração pelo falante, e a condicional marca, desse modo, *dependência/implicação* de ocorrência dos EsCo.

Os resultados que se apresentam nesta seção dizem respeito à correlação modo-temporal codificada pelas construções com *quando* e com *se*. Possivelmente em razão de o registro no qual as ocorrências foram coletadas ser o registro oral, um amplo número de correlações modo-temporais se apresentou para os dois tipos de construção. Os resultados percentuais que se apresentam nos gráficos a seguir se referem às correlações mais frequentes. As abreviações na legenda do gráfico correspondem às seguintes correlações:



	ORAÇÃO SUBORDINADA	ORAÇÃO NÚCLEO
PI – PI	= presente do indicativo	presente do indicativo
FS – PI	= futuro do subjuntivo	presente do indicativo
PpI – PI	= pretérito perfeito do indicativo	presente do indicativo
PiS – FpI	= pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do pretérito do indicativo
FS – FI	= futuro do subjuntivo	futuro do indicativo
PiS – PiI	= pretérito imperfeito do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo
PI – FI	= presente do indicativo	futuro do indicativo
PpI – PpI	= pretérito perfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo
PiI – PiI	= pretérito imperfeito do indicativo	pretérito imperfeito do indicativo
PpI – PiI	= pretérito perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do indicativo

Gráfico 9: Correlação modo-temporal nas construções-se

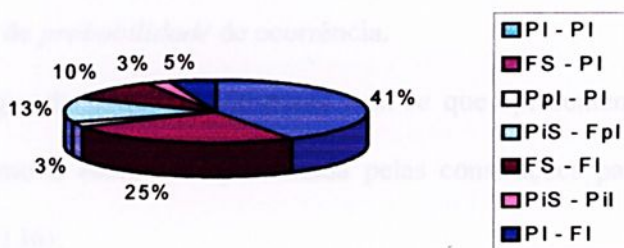
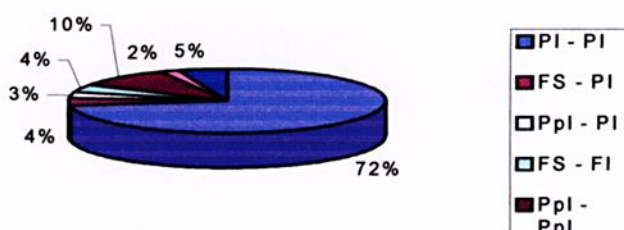


Gráfico 10: Correlação modo-temporal nas construções-quando



Como se observa a partir dos valores percentuais, tanto em construções com orações iniciadas por *se* quanto naquelas com orações que se introduzem por *quando* predomina a correlação verbal com presente do indicativo. No que diz respeito às condicionais, 33 (41%) das 79 ocorrências com *se*, cujas correlações verbais estão sendo consideradas, apresentam os verbos da prótase e da apódose no presente do indicativo. A duas ocorrências em (135) ilustram essa correlação em construções com oração introduzida por *se*:

- (135) L1 bebida alcóolica...eu gosto MUIto...sabe? e domingo também eu às vezes me dou ao luxo...a gente põe assim um vidrozinho (só)...a gente toma vinho de acordo também...com o tipo de comida...se é carne...aqueles hábitos que a gente tem...se é carne é vinho tinto...se é peixe a gente usa vinho branco...
Doc branco...
[
L1 mas a gente toma... (RJ/DID/328/L17, p. 19)

Assim como na ocorrência em (132), nos dois casos acima, a condicional marca a dependência de ocorrência entre os EsCo: a realização/verificação do EsCo 'usar vinho tinto/vinho branco' é apresentado como dependente da realização/verificação do EsCo 'ser carne/ser peixe'. Condicionais com verbos do *realis*, conforme se apontou, tendem a marcar uma relação de *implicação* ou *condicionamento* entre os EsCo, mais tipicamente do que uma relação de *hipótese*, de *probabilidade* de ocorrência.

Entretanto, grande parte das estruturas com *se* que apresentam correlação presente-presente e, assim, modo *realis*, é representada pelas construções parentéticas '*se não me engano*', como em (136):

- (136) L1 ...o tal pato no tucupi eu achei muito ruim ((rindo)) sabe...((risos)) eu não gostei realmente...achei ruim demais...num sei se é porque não é do/ que eles acham aquilo maravilhoso né? mas pro meu gosto...

[
Doc como é? cê sabe como é?...

L1 é o pato é assim...ele vem o pato cozido feito uma espécie de canja...só que o caldo é justamente é uma água misturada com uma farinha *eu acho que é...é ta/ ta-ca-cá se não me engano o nome da farinha que eles usam...*é uma farinha tirada de uma folha de árvore uma coisa assim que eles depois fazem uma farinha...eu realmente não me detive mui/

[
Doc não é o tacacá não...é uma outra erva...

L1 é uma...eles põem uma erva põem uma farinha misturada com água e servem como se fosse uma sopa e o pato cozido ali dentro...realmente eu num:: eu num:: gostei não sabe? (RJ/DID/328/L27, p. 4)

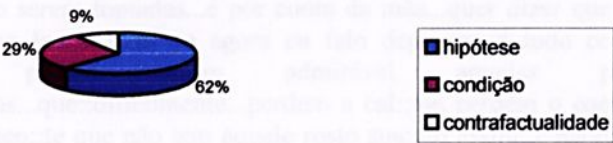
Como se nota, a condicional '*se não me engano*', em (136), não marca uma relação de dependência de ocorrência entre os EsCo, como ocorre em (135), por exemplo. A condicional em (136) assemelha-se muito mais à condicional em (133), que expressa uma relação de *probabilidade*, de *hipótese* de ocorrência dos EsCo. Por estar em jogo a *verdade* de ocorrência, ao invés do *modo* de ocorrência, a condicional com o sentido de *hipótese* permite ao falante descomprometer-se com a verdade de sua informação. No caso de (136), a condicional marca a probabilidade ('o falante não estar enganado') de sua informação '*tacacá é o nome da farinha*' ser uma informação verdadeira. Além disso, ela tanto permite ao falante descomprometer-se com a verdade da informação que o ouvinte sente-se autorizado a contestar essa verdade e enuncia: *não é tacacá não, é uma outra erva*.

Acredita-se, no entanto, que, nos casos de *se não me engano*, a expressão de hipótese ou incerteza do falante (e assim modalidade *irrealis*), com tempo verbal no presente (portanto, *realis*), não invalida o argumento de que, com verbos no tempo do presente do indicativo, a condicional mais tipicamente expressa *implicação/condicionamento* de ocorrência dos EsCo envolvidos do que *hipótese/probabilidade*. Pode-se entender a expressão *se não me engano* como uma forma que se cristalizou na língua, que seria oriunda da forma alternativa *se eu não estiver enganado*, com verbo do *irrealis*. Além disso, *se não me engano*, bastante corrente

nos dados, é, aparentemente, a única forma em que a condicional aparece marcando uma relação de *hipótese* com verbo no *presente do indicativo*.

Esse fato se comprova ao se observar o tipo de relação mais frequentemente marcada pelos dados de orações com *se*. Uma vez que, como visto acima, nas construções com *se* predomina a correlação verbal com presente do indicativo, a relação de *dependência/condicionamento* de ocorrência dos EsCo deveria predominar sobre a relação de *hipótese/probabilidade* marcada por essas estruturas. No entanto, não é o que ocorre, conforme se verifica pelos resultados percentuais no gráfico abaixo.

Gráfico 11: Tipo de relação entre os EsCo marcado pela condicional



Assim, mesmo considerando-se separadamente as construções *contrafactuais* (como (133)), que também veiculam modalidade *irrealis*, a relação de hipótese apresenta percentual bastante superior (62%) ao da relação de *condicionamento* ou *dependência* de ocorrência entre os EsCo (29%).

Os resultados no gráfico apontam, ainda, o fato de que, em nossos dados, as condicionais marcam com maior frequência relação de hipótese, de probabilidade de ocorrência entre EsCo, uma relação em que o que está em jogo é a verdade de ocorrência e que, assim, permite o descomprometimento do falante mediante a informação que ele expressa ao ouvinte.

A relação de hipótese marcada pela condicional é tipicamente expressa com o verbo da prótase no futuro do subjuntivo, esteja o verbo da apódose no presente do indicativo, ou no futuro do indicativo. A correlação ‘futuro do subjuntivo–presente do indicativo’ é a que

apresenta o segundo maior percentual de ocorrência (25%) para as construções iniciadas por *se* e pode ser ilustrada pelas construções a seguir.

(137) ..então é éh...eu acho que alimentação também é uma coisa é uma questão de hábito...eu acho que brasileiro...não tem assim bons hábitos à mesa...principalmente nesses lugares que a gente visita mais pra cima...eu não sei se é pela dificuldade que eles têm...e eles procuram colocar na alimentação...aquilo que pra eles é mais barato que eles têm mais em abundância na região né? então não há realmente um equilíbrio...as comidas por exemplo baianas...dão você acabava de de almoçar você::naquele dia você não tinha vontade de comer mais nada...se você comer uma comida típica baiana...realmente é...tão encrementada tão cheia de óleo tão cheia de coisas assim...ele eu acho que é de carboidratos né? que eles chamam...então eu acho realmente *você fica...satisfeita pro resto do dia*...é...muito pesada...e é engraçado como isso influi...na sua atividade durante o dia...entende?...eu acho que pra ele...eu talvez eu eu não sei...de repente passando assim...como é...viajantes apenas...pra::pra passear...você não tem...ahn...por hábito é::sentir::é durante o dia...durante todos os dias como a pessoa...vive né? (RJ/DID/328/L27, p. 9)

(138) L2 não só de administração da casa...como de compras...tudo...de toda/ todas as medidas a serem tomadas...é por conta da mãe...quer dizer que então é::...fi/ acaba sendo uma loucura...e/ eu agora eu falo depressa...é tudo correndo...não é mais aquela pessoa assim admirável aquelas pessoas cal::mas tranqüi::las...que::difícilmente...perdem a cal::ma perdem o contro::le...falam falam pausadamen::te que não tem aquele rosto sua::do assim::e agora não eu estou estou sempre correndo estou sempre falando tudo depressa porque não dá tempo...

L1 é...se impôs

L2 se a gente for parar...

L1 essa atitude sua...

L2 é...((risos)) exatamente se a gente for parar para fazer as coisas calmamente não dá...pura e simplesmente não dá...então a gente corre depressa vai para o carro troca de roupa correndo faz isso faz (não sei que tá tá)(SP/D2/360/L16, p. 5)

A correlação ‘futuro do subjuntivo–futuro do indicativo’ apresenta-se em 10% das construções iniciadas por *se*, e a relação marcada entre os EsCo é também a de hipótese, como se pode notar em (139) e (140) a seguir.

- (139) ele quer ser MESmo pelo gosto dele ele gostaria de ser jogador de futebol ((risos))
 não é? Então...ele:::torce...pelo Palmeiras e é o::...o::xodó dele é o...o verde e branco
 L2 ele joga?
 L1 ele joga
 L2 ah
 L1 ele gostaria de::jogar no::
 L2 no dente de leite
 L1 no dente de leite...mas o horário para mim era ruim...mas NO Palmeiras ele me fez inscrevê-lo
 [
 L2 então cortou uma vocação ((risos))
 L1 não eu não cortei...ele joga futebol de salão...então eu expliquei direitinho que se realmente for bom vocação eu:::não impedirei de seguir...mas só para não dizer que a gente
 L2 como cerceou...
 [
 L1 tolheu cerceou aquela::aquela ambição dele...(SP/D2/360/L20, p. 36)
- (140) então, (es)tá entendido até aqui bom, agora, extrapolação vejam que quando nós estamos falando em compreensão, é a primeira ginástica mental que o indivíduo faz com a informação então, ele pode simplesmente me dizer o que foi que o conferencista disse, já não será a repetição pura e simples da, das palavras do conferencista, mas o conteúdo, a mensagem é a mesma, ele poderá interpretar, se eu pedir a interpretação, vai me dar o seu ponto de vista, vai me dar o seu ponto de vista, a sua opinião, mas ele não está criando nada, ele está fiel à comunicação e à extrapolação, o que é extrapolação?... é seguido, hein? (POA/EF/278/L24, p. 5)

Para as construções com oração iniciada por *quando*, no entanto, a correlação com verbos no tempo futuro apresenta baixo percentual de ocorrência. Com futuro do subjuntivo no verbo da oração com *quando* e futuro do indicativo na oração núcleo, apresentam-se apenas 4% das ocorrências. A ocorrência em (141) ilustra essa correlação.

- (141) então, vamos exemplificar dentro da compreensão, o homem pode realizar um processo de translação na trans(lação), então vejam aqui, aqui, *quando estiver trabalhando com compreensão ele vai atuar sobre uma comunicação*, aqui, ele recebeu uma comunicação, e a, e a utiliza da mesma maneira, sem modificar, ele repete, memorização pura e simples, mas aqui, ele vai atuar sobre uma comunicação podendo ser essa sua atuação de três diferentes maneiras, tu fez (fizeste) alguma pergunta, André?... (POA/EF/278/L32, p. 4)

Também ocorre, em 4% das construções com oração introduzida por *quando*, a correlação futuro do subjuntivo na oração subordinada e presente do indicativo na oração núcleo, como ilustra (142).



- (142) ...ele poderá interpretar, se eu pedir a interpretação, vai me dar o seu ponto de vista, vai me dar o seu ponto de vista, a sua opinião, mas ele não está criando nada, ele está fiel à comunicação e à extrapolação, o que é extrapolação? (...) é seguido, hein? é uma transferência a partir de quê? certo exato exato então, quando o indivíduo, ou quando o aluno for capaz, capaz de inferir a partir daquela comunicação, ele está já com o nível de extrapolação nós podemos dar um outro exemplo ainda, eu posso representar, graficamente, o resultado dessa turma em diferentes disciplinas, (es)tá?...(POA/EF/278/L27, p. 5)

Conforme se observa, mesmo que também ocorram com verbos no futuro *irrealis*, as orações iniciadas por *quando* não marcam hipoteticidade entre a ocorrência dos EsCo, como marca a oração introduzida por *se*. A relação marcada pelas orações com *quando*, nesses casos, continua sendo de temporalidade. No caso de (142), a oração marca a ocorrência de um EsCo ('o aluno ser capaz de inferir a partir daquela comunicação') como representativa do momento de ocorrência do outro EsCo ('o aluno estar com o nível de extrapolação'). Quanto ao fato de esse momento de ocorrência ser o futuro, o que se poderia dizer é apenas que há uma relação de eventualidade de ocorrência entre os EsCo, a qual se deve ao tempo futuro, codificador de modalidade *irrealis*, presente na oração com *quando*, e não à oração propriamente dita.

As orações com *quando* do tipo em (141) e (142), desse modo, não estariam aptas a expressar atitude de *incerteza* do falante, que o permite, inclusive, descomprometer-se, frente ao ouvinte, com a verdade da informação. Essa inaptidão da oração com *quando* deve-se, sobretudo, ao significado de *quando* que, comparado a *se*, expressa sempre a atitude de *certeza* do falante, conforme foi demonstrado no terceiro capítulo deste trabalho.

A correlação verbal predominante nas construções com oração iniciada por *quando* é 'presente do indicativo—presente do indicativo', a qual tipicamente ocorre nos casos em que a função semântica da oração com *quando* é a de *Circunstância*, como se pode observar em (143) a seguir.

- (143) ...a colocação que a Maria Lúcia faz e ela faz muito bem, que(r) dize(r), prende-se ao fato de que os autores dizem que quando o, o aluno interpreta, ele já faz um exame, na interpretação, já há uma, uma subdivisão, já há, já há um processo, seria melhor dito, já há um processo de análise, já há um exame já há, já há um processo, seria melhor dito, já há um processo de análise...(POA/EF/278/L4, p. 7)

Conforme se demonstrou no Capítulo II deste trabalho, ao desempenhar a função semântica de Circunstância, o satélite introduzido por *quando* especifica um EsCo que ocorre simultaneamente a um outro EsCo. No caso de (143), como se vê, o EsCo da oração núcleo (*ele já faz um exame*) é apresentado como simultâneo ao EsCo da oração com *quando* (o aluno interpreta).

Em (144) e (145), abaixo, encontram-se mais dois exemplos da oração introduzida por *quando* com função semântica de Circunstância, em construções que apresentam a correlação verbal 'presente do indicativo-presente do indicativo'.

- (144) L1 sabe? eu gosto muito de maçã eu como pêra também eu como... --toda fruta-- morango melancia...essas frutas assim que são mais conhecidas aqui no Rio...

[

Doc

sei...

L1 porque engraçado é que quando a gente viaja...a gente observa que as frutas de outros estados são totalmente diferentes...coisas até bastante desco/ desconhecidas...com nomes estranhíssimos () e os que nós temos aqui têm nomes diferentes no/ noutras regiões né? como por exemplo no NORte...eles têm assim uma variedade de frutas assim iMENsa...(RJ/DID/328/L11, p. 3)

- (145) eu volto de novo à pergunta, puxa, mas e quando é que eu vou saber que eu estou usando a análise ou interpretação, não faz mal o professor, pode fica(r) confuso, contanto que o aluno faça a interpretação, não tem importância que a gente chama de análise ou chama de interpretação o importante é que o processo se realize, o nome, o rótulo, que ele leva, não, não importa muito depois da aplicação já ficou bem claro, o aluno aplica quando ele usa princípios teóricos e situações práticas, é o caso dos sinais de trânsito, é o caso dos advogados aí, com códigos, com leis.. (POA/EF/278/L35, p. 7)

Construções que apresentam a correlação temporal 'presente do indicativo-presente do indicativo', tais como (143) a (145) acima, correspondem ao único tipo de construção em que as orações com *quando* aparecem com verbo no presente do indicativo. As orações com

se, por outro lado, além dessa correlação, podem se apresentar com verbo no presente do indicativo quando o verbo de sua oração núcleo aparece no futuro do indicativo. Isso ocorre, no entanto, em apenas 5% dos dados de oração com *se* e pode ser ilustrado pela ocorrência em (146).

- (146) ...então vocês sabem na palpação feita na glândula mamária...não notando nódulos que aparecem e desaparecem...a mama está:...vamos dizer assim...sadia...perfeita...entretanto... entretanto *se há persistência em qualquer dos pontos da glândula mamária...o nódulo...esse nódulo terá que ser...examinado...terá que ser retirado...terá que ser mandado para a...para anatopatologista...para* eh::eh:/ para então...ele dizer...se há malignidade ou não nesse nódulo...planos constitutivos...então nós vamos encontrar/ ver...em planos constitutivos...quais são os elementos que constituem a glândula mamária...(SA/EF/49/L 15, p. 4)

Diferenças mais significativas entre as orações com *se* e com *quando* se observam no tocante a correlações verbais que envolvem tempos do pretérito. Em construções com a correlação ‘pretérito perfeito do indicativo–presente do indicativo’, orações com *quando* e com *se* ocorrem com o mesmo percentual (3%) e são, aparentemente, bastante atípicas, conforme se verifica em (147) e (148).

- (147) bem, a partir daí, da categoria dois, já se chamam habilidades mentais...outros dirão processos mentais superiores e a expressão habilidades mentais cabe muito bem, porque é a maneira como o homem utiliza a informação, (es)tá claro até aqui? primeira coisa, o primeiro ponto, o homem simplesmente adquire a informação, *se ele armazenou aquilo e devolve da mesma maneira como ele a recebeu, ele não fez nenhum trabalho, ele não manipulou aquela informação então aí é cognição, memória, evocação, é conhecimento* mas pode ocorrer, e ocorre naturalmente, que o professor solicite diferentes processos mentais de seus alunos, então, ele vai desejar que o aluno não fique apenas no nível de memorização... (POA/EF/278/L11, p. 4)

- (148) ...para que a gente vá aplicar uma teoria vá aplicar até mesmo, para que a gente vá aplicar sinais de trânsito por exemplo, eu posso saber todos os sinais de trânsito de cor, (es)tá, eu memorizei o meu processo, se vocês me trouxerem o livrinho aquele eu respondo todos eles e (es)tou no nível de conhecimento; bem, mas é preciso que eu aplique, que eu utilize os sinais de trânsito na hora certa, ou que eu tenha a habilidade de passar mais rápido pelo guardinha, porque senão, eu (es)tou multada na primeira esquina então, quando é que eu sei que eu com, com, que eu compreendi? quando eu apliquei os sinais de trânsito na hora exata, quando eu passei um ano inteiro sem receber nenhuma multa, então, de fato, ela tem condições, ela aplica as leis, não basta conhecer sinais de trânsito, mas é a verdade, é que eu preciso, aí, de uma maneira mais rápida interpretar a situação para poder aplicar então toda a aplicação já supõe uma interpretação...(POA/EF/278/L20, p. 7)

Nas demais correlações das construções condicionais, porém, a oração introduzida por *se* aparece apenas no pretérito imperfeito do subjuntivo. A correlação ‘pretérito imperfeito do subjuntivo–futuro do pretérito do indicativo’ apresenta-se em 13% das ocorrências e é representativa das construções condicionais tradicionalmente denominadas *irreais*, que expressam contrafactualidade, conforme ilustra (149).

- (149) eu dei o seguinte exemplo, em uma aula anterior: se quem tivesse perdido a guerra não fosse o Japão, já reconhecidamente...uma...potência antes da guerra, que conseguia às custas...de gente demais - território de menos e capi e capital conseguido...quer dizer(,) conseguido e não é...canalizado como foi a experiência americana(,) se o Japão conseguiu tudo isso e chegou à Segunda Grande Guerra com a economia que ele chegou...né?, a imagem que eu fazia era a seguinte: se o Japão fosse uma Birmânia, por exemplo que é um dos países atrasados, as economias industriais que ganharam a Segunda Grande Guerra não teriam ajudado o Japão, quer dizer de outra maneira, se o Japão fosse a Birmânia, né?, as economias industriais européias e americana e a socialista União Soviética QUERIAM MAIS É QUE A BIRMÂNIA MORRESSE, mas eles sabiam que não era a Birmânia que era o Japão ... (RJ/EF/379/L26, p.4)

O pretérito imperfeito do subjuntivo ocorre, ainda, no verbo da oração com *se* em construções que apresentam a correlação ‘pretérito imperfeito do subjuntivo–pretérito imperfeito do indicativo’, que representam apenas 3% do total de ocorrências e pode ser ilustrada por (150).

- (150) ...as parcelas eram iguais em tudo, no momento que ficou pronto eu tive que pagar vinte e três mil cruzeiros, no fim somou mais um percentual de taxa de condomínio, mais não sei quê do gramado, mais não sei quê do mobiliário da entrada, mais não sei quê da iluminação e no fim eu paguei mesmo pra conseguir entrar no apartamento quase cem mil cruzeiros se eu não tivesse cem mil cruzeiros não entrava então pra receber as chaves do apartamento e aí começa, porque precisa pagar mais isso, porque tem mais aquilo, tem como botar uma grade porque eles entregam o prédio mas sempre falta alguma coisa e essas coisa vai entrando no dinheiro da gente... (RJ/D2/355/L7, p. 5)

As orações introduzidas por *quando*, por outro lado, não apresentam verbo no pretérito do subjuntivo, apenas no pretérito do indicativo. A correlação 'pretérito perfeito do indicativo—pretérito perfeito do indicativo' encontra-se em 10% das construções com oração iniciada por *quando* e não se apresenta em nenhuma construção com oração introduzida por *se*. As ocorrências em (151) e em (152) ilustram a correlação 'pretérito perfeito do indicativo—pretérito perfeito do indicativo' nas construções com *quando*.

- (151) Inf2 é, por exemplo, o que acontece, o que está acontecendo é o seguinte, é que quando eu comprei o apartamento me disseram: as prestações, após a entrega das chaves, serão de três mil e seiscentos cruzeiros sabe quanto é que está saindo o meu financiamento mensal?... (RJ/D2/355/L35, p. 5)
- (152) L1 é uma...eles põem uma erva põem uma farinha misturada com água e servem como se fosse uma sopa e o pato cozido ali dentro...realmente eu num:: eu num:: gostei não sabe?
Doc tem um gosto diferente...
L1 é...tem um gosto bastante diferente daquilo que a gente tá acostumado...então realmente num::...eu gostei mais da comida dos/ do...não eu gostei de Pernambuco...quando eu cheguei em Recife...nós comemos muita comida típica...tanto em Recife quanto em Salvador...as comidas baianas eu gostei muito sabe? eu experimentei de todas...então havia restaurantes que eles serviam assim um pouquinho de cada coisa... (RJ/DID/328/L4, p. 5)

A forma de pretérito perfeito do indicativo no verbo da oração com *quando* correlaciona-se, ainda, à forma de pretérito imperfeito do indicativo no verbo da oração núcleo. Essa correlação aparece em apenas 2% das ocorrências e pode ser ilustrada por (153) e (154).

- (153) L1 houve uma tentativa de se limitar a carga por roda quer dizer de evitar que carros muito pesados com cargas muito pesadas...trafeguem...acima quer dizer acima do peso para o que ela foi construída...então sucede que você vendo as estatísticas de tráfego de distribuição de carga e de peso por roda etcetera...cê vê que as estradas brasileiras estão sendo muito solicitadas...a tal ponto que não poderão resistir TECnicamente

[

L2 então não tem jeito não tem jeito prá passar tem que passar ()

L1 então sim...vai acabar mesmo...é o caso da Belém-Brasília...nós fizemos um:trecho da Belém-Brasília e:eles fizeram...eles fazem as projeções de tráfego...o tráfego hoje é tanto...em mil novecentos e oitenta aí faz uma curva com projeção em função de fatores econômicos isso e aquilo...no fim...quando nós saímos de lá que fizemos as estatísticas de tráfego...a estrada já (es)tava suportando um tráfego de mil novecentos e oitenta...quer dizer já tava dentro de sua vida útil... (SA/D2/98/L51, p. 5)

- (154) L1 bom...é a minha menina por experiência própria a minha menina tem três anos agora ela foi a escola com um ano e quatro meses...eu a coloquei na maternal com um ano e quatro meses e Acho que a es/ a criança deve ir o mais cedo possível a escola (né)?...e...uma coisa que eu não me arrependi foi ter botado ela com um ano e quatro meses... quando eu matriculei quando ela cursou começou a cursar em março ela tinha um ano e seis meses...ainda levava mamadeira para escola levava o leite levava...essas coisas MAS ela se desenvolveu MUito a escola é MUito boa...uma escola particular...geralmente maternal só em es/ em colégio particular cê não vê em colégio público (com) maternal...(SA/DID/231/L4, p. 3)

A construção com o imperfeito do indicativo tanto no verbo da oração com *quando*

quanto no verbo da oração núcleo representa apenas 2% dos dados. A ocorrência em (155)

ilustra essa forma de construção com oração introduzida por *quando*.

- (155) L1 então...isso::...assim::...ela se realiza um pouquinho como artista...no piano...não é? agora::o Luís...o de seis anos
L2 ahn ahn
L1 ele::...desde pequenino ele é ((vozes ininteligíveis)) desde pequeno o Luís gosta...da história do homem...então...quando ele não sabia ler ele lia mui/ ele via as figuras da pré-história e gostava muito...então ele fazia com que nós lêssemos...os livros éh::coleções:: uma e outra que a gente tem...éh::sobre a formação do mundo...sobre a a::a fo/ a a evolução do homem e tudo mais mas por gosto dele ele se interessava muito por aquela figura assim...ah::disforme do homem pré-histórico dos animais pré-históricos e tudo mais então ele sempre gostou...(SP/D2/360/L15, p. 39)

Os resultados que se apresentaram quanto à correlação tempo/modo verbal nas construções revelam que:

- (i) Quanto à correlação modo-temporal envolvendo a codificação do *presente do indicativo* na oração com *se* ou com *quando*, para ambos os tipos de construção, predomina a correlação ‘presente do indicativo-presente do indicativo’. Essa correlação representa o único caso em que o presente do indicativo é codificado no verbo das orações com *quando*, restrição que não se aplica às orações com *se*, que podem também ocorrer com verbo na forma do presente do indicativo quando em correlação com o futuro do indicativo no verbo da oração núcleo;
- (ii) Com relação a formas verbais de tempos do pretérito, somente verbos das orações com *se* codificam o *pretérito imperfeito do subjuntivo*, caso em que, tanto em correlação com o *futuro do pretérito do indicativo*, quanto em associação com o *pretérito imperfeito do indicativo*, a oração condicional expressa contrafactualidade. Os verbos das orações com *quando* codificam apenas *pretérito (perfeito ou imperfeito) do indicativo* e, esteja o verbo da oração núcleo no pretérito perfeito ou imperfeito do indicativo, esteja no presente do indicativo, a oração introduzida por *quando* especifica o momento de ocorrência do EsCo na oração núcleo. A correlação ‘pretérito perfeito do indicativo–pretérito perfeito do indicativo’ aparece apenas em construções com oração iniciada por *quando*;
- (iii) Formas de tempo futuro apresentam-se em 35% dos verbos de oração introduzida por *se* e em apenas 8% dos verbos de oração iniciadas por *quando*. A forma do *futuro do subjuntivo*, tanto nas orações com *se* quanto naquelas com *quando*, pode se associar à forma de *presente do indicativo* ou de *futuro do subjuntivo* no verbo da oração núcleo. Entretanto, apenas quando presente no verbo das orações com *se*, a forma de futuro do subjuntivo se relaciona à expressão de hipótese de ocorrência de um EsCo, que ainda permite ao falante descomprometer-se, frente ao ouvinte, com a verdade dessa ocorrência. Nos verbos das orações com *quando*, o futuro do subjuntivo liga-se somente à expressão da referência temporal do EsCo presente na oração núcleo. Esse comportamento das formas verbais de futuro nas duas orações ratifica a consideração de que as orações com *se*, diferentemente das com *quando*, funcionam em contextos lingüísticos nos quais está em foco a inter-relação falante, ouvinte e informação comunicada.

4. Aspecto

Conforme aponta Dik (1989, p.186), ao se considerar o modo como o termo “aspecto” é empregado na literatura, nota-se que ele pode recobrir uma ampla variedade de distinções semânticas que, em geral, não têm uma base comum claramente explícita. Como demonstra o autor, pelo menos as seguintes sub-áreas são tratadas sob o rótulo mais geral de *aspectualidade*:

- (a) O tipo de “Aktionsart” (ou Modo da Ação);
- (b) *Perfectividade/Imperfectividade*: as distinções aspectuais nessa sub-área baseiam-se na questão de se o EsCo é apresentado de um ponto de vista *externo*, como completo, um todo indivisível (Aspecto Perfectivo), ou de um ponto de vista *interno*, como incompleto ou em progresso (Imperfectivo);
- (c) Distinções de *Aspectualidade fasal (phasal)*: são empregadas para descrever o que pode ser dito, em algum ponto de referência na dimensão temporal, com relação à ocorrência de um EsCo. Distinguem-se, aqui, valores tais como *Prospectivo*, *Ingressivo*, *Progressivo* e *Perfeito*;
- (d) Distinções de *Aspectualidade quantificacional*: expressam diferentes formas de quantificação sobre conjuntos de ocorrências de EsCo. Aqui se encontram valores tais como *Iterativo*, *Habitual* e *Freqüentativo*.

Dik (1989) opta por restringir o uso do termo *aspecto* a distinções que são codificadas gramaticalmente. Assim, a sub-área dos *Aktionsart* não é considerada por Dik como um tipo de distinção aspectual, uma vez que o modo de ação se relaciona ao tipo de EsCo designado pelo esquema de predicado e não é, assim, uma distinção codificada gramaticalmente. A tipologia dos EsCo é tratada separadamente em Dik (1989) e será abordada na próxima seção deste capítulo.

Para se considerar a distinção entre *perfectivo/imperfectivo*, várias denominações são empregadas na literatura, como demonstra Dik (1989, p. 187):

(156)	Perfectivo	Imperfectivo
	o EsCo é apresentado como:	
	<i>completo</i>	<i>não-completo</i>
	<i>limitado</i>	<i>não-limitado</i>
	<i>fechado</i>	<i>aberto</i>
	<i>indivisível</i>	<i>divisível</i>
	<i>de um ponto de vista externo</i>	<i>de um ponto de vista interno</i>

Para a caracterização da oposição *Perfectivo/Imperfectivo*, empregam-se algumas metáforas. Segundo Dik (1989), as mais interessantes entre elas são as seguintes, formuladas por Isačenko (1962) e Comrie (1976):

Isačenko (1962): Compare o EsCo a uma parada. No Imperfectivo, a parada é apresentada como se fosse do ponto de vista de uma pessoa marchando nela. Estamos no meio da parada, incapazes de ver o início, o fim, e o comprimento inteiro da parada. No perfectivo, por outro lado, a parada é apresentada como se fosse do ponto de vista de um espectador que, de algum ponto elevado, pode ver a extensão inteira da parada.

Comrie (1976: 3-4, 18): O Perfectivo apresenta o EsCo como um todo não-analisável, com início, meio, e fim embutidos nele. O Imperfectivo olha para o EsCo de um ponto de vista interno, e crucialmente envolve a estrutura interna do EsCo. O Perfectivo apresenta o EsCo como uma “bolha”, um objeto tridimensional que, desconsiderando-se sua complexidade interna, é agora considerado como uma unidade única com limites claramente circunscritos.

Ressalta-se, de antemão, que todas as ocorrências de orações introduzidas por *se*, analisadas nesta pesquisa, apresentam o verbo no aspecto *imperfectivo*, isto é, o EsCo codificado nessas orações apresenta-se como ‘não-completo’. Esse resultado está de acordo com o fato, apontado anteriormente, de que, devido ao próprio significado da conjunção *se*, a ocorrência dos EsCo envolvidos nas construções condicionais não é ‘afirmada’, mas

permanece sempre suspensa, estejam os verbos das orações no tempo presente, como em (157):

- (157) ...o mesmo acontece para o sexo feminino...se na mulher se retira os ovários...retirando portanto a fonte pro/ da/ eh:: eh::/ elaboradora de hormônio...feminino...o:: as glândulas mamárias...elas se atrofiam...elas se atrofiam porque não existe aqueles elementos...ou seja aqueles hormônios responsáveis pelo seu desenvolvimento... (SSA/EF/49/L35, p. 3)

estejam no tempo futuro:

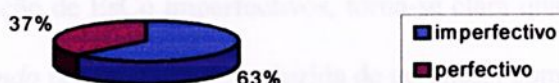
- (158) L1 você geralmente viajando você...não se prende muito ao horário então normalmente você almoça horas bem mais tarde...aqui porque você tem o problema de trabalhar cê tem uma hora fixa pra almoçar...então se eu comer muito na hora do café não vou ter vontade de almoçar...mas é um hábito que eu acho que é muito saudável...é você colocar frutas de manhã no café... (RJ/DID/328/L31, p. 8)

ou no pretérito, como em:

- (159) Doc. a senhora está com horário?
L1 eu estou...vocês teriam muito mais teriam necessidade de mais tempo?...é?...
Doc. uhn::...dez minutos
L1 dez minutos? sim...porque eu tenho crianças várias para pegar na escola...sabe? eu tenho que ir até em casa buscar o carro senão não cabe...((risos)) num táxi (...)
L2 onde é que elas estão?...
L1 no Fernão Dias em Pinheiros
Doc. eu posso buscá-las para a senhora
L1 depois voltaríamos aqui?
Doc. é...
L2 se ficássemos mais dez minutos já levaria direto (tudo direto)
L1 ah está bom...então está bom.. . (SP/D2/360/L15, p. 44)

Com relação às orações iniciadas por *quando*, os seguintes resultados se apresentam quanto o aspecto perfectivo/imperfectivo dos verbos nessas orações:

Gráfico 12 : Aspecto perfectivo/imperfectivo nas orações-quando



A partir desses resultados, pode-se dizer que, nas orações iniciadas por *quando*, predomina a codificação de Esco *imperfectivos*, representando 63% das ocorrências. A codificação desse tipo de Esco pode se dar por meio de verbos na forma de presente do indicativo, como em (160):

- (160) e vejam que eu sempre que eu (es)tou falando eu me refiro aos autores, porque nós estamos seguindo uma posição, existem outras, outras taxionomias que carac, que colocam em níveis completamente diferentes e há uma, a taxionomia que foi elaborada, que se encontra nesta revista da SEC, que muitos de vocês já trabalharam, manusearam, coloca, dá outros níveis completamente diferentes, mas são comportamentos que o aluno desenvolve também dentro de sala de aula, ele coloca como última a aplicação mas isso aí seria, seria ocasião para um outro estudo mas a, a colocação que a Maria Lúcia faz e ela faz muito bem, que(r) dize(r), prende-se ao fato de que os autores dizem que *quando o, o aluno interpreta, ele já faz um exame*, na interpretação, já há uma, uma subdivisão, já há, já há um processo, seria melhor dito, já há um processo de análise, já há um exame...(POA/EF/278/L4, p. 7)

ou na forma de futuro do subjuntivo, como em:

- (161) então, vamos exemplificar dentro da compreensão, o homem pode realizar um processo de translação na trans(lação), então vejam aqui, aqui, *quando estiver trabalhando com compreensão ele vai atuar sobre uma comunicação*, aqui, ele recebeu uma comunicação, e a, e a utiliza da mesma maneira, sem modificar, ele repete, memorização pura e simples, mas aqui, ele vai atuar sobre uma comunicação podendo ser essa sua atuação de três diferentes maneiras, tu fez (fizeste) alguma pergunta, André? bem, por exemplo na translação, o próprio nome já diz, pode ser uma tradução, o homem atua, o indivíduo ou aluno atua sobre a comunicação, o repre, ele permanece fiel a essa comunicação, mas utilizando as suas palavras, sem alterar o sentido.... (POA/EF/278/L32, p. 4)

A partir das ocorrências em (160) e em (161), observa-se que, ao codificar EsCo imperfectivo, a oração introduzida por *quando* funciona como um satélite de Circunstância,

ou seja, tanto em (160) quanto em (161), a ocorrência dos EsCo é apresentada como simultânea. A função de Circunstância desempenhada pela oração iniciada por *quando*, associada à codificação de EsCo imperfectivos, torna-se clara quando se parafraseia a oração introduzida por *quando* por uma oração reduzida de gerúndio, como se verifica em:

(160') *quando o aluno interpreta, ele já faz um exame*

=o aluno interpretando, ele já faz um exame

(161') *quando estiver trabalhando com compreensão, ele vai atuar sobre uma comunicação*

=estando trabalhando com compreensão, ele vai atuar sobre uma comunicação

Ao codificar EsCo *perfectivos*, por outro lado, a oração com *quando* tem a função semântica de Tempo, como se observa em:

(162) Inf ... a resposta de João no início era correta... quando ele diferenciou sociologia jurídica sociologia do direito... e quando também... eu disse que alguns sociologismos... não é? ou os dogmá quer dizer... dogmáticos? os dogmáticos mais radicais... não eu tenho que fazer isso... sabe por quê? ô ô Arnaldo porque existem mesmo alguns que são muito fechados... e que chegam a dizer que não há acordo... que não há de jeito nenhum complementariedade...(REC/EF/337/L6, p. 11)

(163) ...então havia restaurantes que eles serviam assim um pouquinho de cada coisa...então nós comemos muito xinxim de galinha...bobó de camarão...acarajé eu adorei o tal da acarajé porque quando me serviram aqui uma vez eu vi e não gostei...sabe? mas vi feito por uma baiana de lá indicaram...ah::...vai na fulana que a fulana serve muito bem o acarajé...nós fomos eu gostei muito eu gosto muito de coisa misturada ... (RJ/DID/328/L8, p. 5)

A oração introduzida por *quando*, nesses casos, não marca ocorrência simultânea dos EsCo envolvidos, como faz nas construções em (160) e (161). Sua função, em (162) e (163), é apresentar um EsCo que serve de âncora temporal (*quando João diferenciou sociologia jurídica/quando me serviram acarajé aqui*) para a ocorrência do EsCo codificado na oração núcleo (*a resposta era correta/eu vi e não gostei*).

Os resultados referentes à manifestação de aspecto perfectivo/imperfectivo no verbo das orações com *quando* e com *se* ligam-se especialmente à função semântica dessas orações e podem ser explicados do seguinte modo:

- (i) A ocorrência exclusiva de aspecto imperfectivo nas construções iniciadas por *se* deve-se ao fato de que EsCo condicionados, ou cuja realização é colocada sob hipótese, apresentam-se sempre como EsCo *incompletos* e, assim, com aspecto imperfectivo;
- (ii) A ocorrência tanto de aspecto perfectivo quanto imperfectivo nos verbos das orações introduzidas por *quando*, por sua vez, relaciona-se ao fato de que essas orações, ao desempenharem a função semântica de *Tempo*, codificam EsCo *completos*, que se apresentam, portanto, com aspecto perfectivo; quando desempenham a função semântica de *Circunstância*, codificam EsCo *incompletos* e, desse modo, *imperfectivos*. A codificação de EsCo imperfectivos pelas orações iniciadas por *quando* com a função semântica de *Circunstância* pode, inclusive, ser apontada também como um fator que aproxima a oração iniciada por *quando* da oração introduzida por *se*.

5. Tipo de Estado-de-coisas

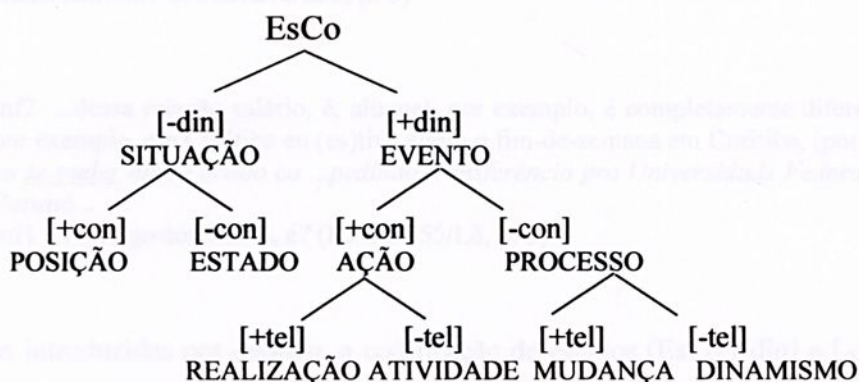
Na teoria da GF, emprega-se o termo “estado-de-coisas” no sentido amplo de “concepção de algo que pode ser o caso em algum mundo”. Como define Dik (1989, p.90), um estado-de-coisas corresponde a uma entidade conceitual, e não a algo que se localiza em uma realidade extra-mental.

A GF distingue vários tipos de EsCo, a partir dos seguintes parâmetros semânticos (Dik, *idem*, p. 191):

- a) $\pm$ Dinâmico [$\pm$ din]: um EsCo [-din] é do tipo que não envolve nenhuma mudança; no qual as entidades envolvidas se apresentam como sendo ou permanecendo as mesmas em todos os pontos do intervalo de tempo durante o qual o EsCo ocorre. EsCo [+din], ao contrário, necessariamente envolvem algum tipo de mudança, algum tipo de dinamismo interno;

- b) $\pm$ Télico [$\pm$ tel]: esse parâmetro diz respeito a se o EsCo se apresenta como completamente *alcançado*, se atinge ou não um *ponto terminal* natural;
- c) $\pm$ Momentâneo [$\pm$ mom]: no interior da categoria de Eventos [$\pm$ tel], distinguem-se eventos [$\pm$ momentâneos] (ou *pontuais*) e eventos [$\pm$ -momentâneos]. Eventos [$\pm$ momentos] apresentam-se como não tendo nenhuma duração, sendo que seu início coincide com seu ponto terminal. Eventos [$\pm$ -momentâneos], por outro lado, têm uma certa extensão no tempo e apresentam um ponto inicial e um ponto terminal distintos.
- d) $\pm$ Controle [$\pm$ con]: o parâmetro [$\pm$ con] relaciona-se à capacidade da entidade que se apresenta como primeiro argumento do EsCo em determinar ou não a ocorrência do EsCo. Se a entidade determina a ocorrência, aplica-se ao EsCo o traço [$\pm$ con], e a entidade é caracterizada como o *controlador* do EsCo; se não, o EsCo caracteriza-se como [$\pm$ -con].
- e) $\pm$ Experiência [$\pm$ exp]: o parâmetro [$\pm$ exp] aplica-se a um EsCo de modo a caracterizá-lo como envolvendo, ou não, um ser animado que o percebe, sente, quer, concebe, ou, de algum modo, o *experimenta*.

A partir da correlação entre presença [$\pm$] e ausência [$\pm$] desses traços semânticos, chega-se a uma *tipologia de EsCo*, conforme mostra o seguinte esquema (Dik 1989, 98):



Os resultados referentes ao tipo de EsCo codificado nas orações com *se* e com *quando* encontram-se nos gráficos a seguir.

Gráfico 13: Tipo de EsCo codificado pelas orações-se

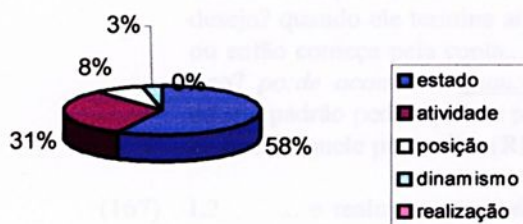
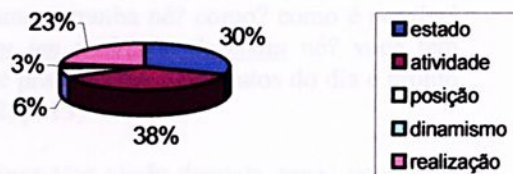


Gráfico 14: Tipo de EsCo codificado pelas orações-quando



Esses resultados mostram que, nas orações com *se*, predomina a ocorrência de EsCo do tipo *estado*, que apresenta os traços [-din] e [-con], representando 58% do total de dados.

Exemplos da codificação de estados pelas orações introduzidas por *se* são os seguintes:

- (164) supondo que eu tenha dito quais são, as características da, da, do processo da avaliação, que eu tenha dado aqui em aula expositiva, daqui a pouco eu pergunto identifique no texto, a, a seguir as características da avaliação; se essas características estão explícitas da mesma maneira como eu as coloquei isso é conhecimento...(POA/EF/278/L35, p. 3)

- (165) Inf2 ...dessa relação salário, é, aluguel, por exemplo, é completamente diferente, por exemplo, em Curitiba eu (es)tive agora o fim-de-semana em Curitiba, (por)que eu se puder ainda acabo ca ...pedindo transferência pra Universidade Federal do Paraná...

Inf1 (vo)cê gostou assim, é? (RJ/D2/355/L8, p. 3)

Nas orações introduzidas por *quando*, a codificação de estados (EsCo [-din] e [-con]) dá-se com menor frequência (30%). As ocorrências em (166) e em (167), abaixo, são ilustrativas desse tipo de EsCo nas orações com *quando*.

- (166) ... onde está aí imbutido o fenômeno jurídico onde vocês diriam?... no fato da pessoa... se sentir obrida:ga a pagar a conta... aí estão direito... obrigação e deveres... vocês distinguiram? o que é costume? numa citação muito simples... tola mesmo... primeiro é preciso todo aquele usos costumes tá tá tá começar/ imagine se alguém começa por favor quer me dar... um: pastel de na de nata uma torta... o garçon estranha um pouco mas tudo bem ele só quer comer pastel de nata quantos o senhor deseja? quando ele termina aí diz assim bem agora por favor quer me trazer a sopa? ou então começa pela conta... uma coisa tanto estranha né? como? como é possível isso? *po:de acontecer quan:do... você tem um padrão... de menu* né? você tem aquele padrão pede aquilo e pronto... aquele prato do dia... ou pratos do dia e pronto eu quero aquele prato ali... (REC/EF/337/L2, p. 13)
- (167) L2 ... e realmente os melhores cantadores têm vindo daquela zona...você quer ver um meio de comunicação que já já já tá se extinguindo pelo menos aqui no Brasil quase extinto não têm nada que presta?...o circo...o circo é uma beleza né?...especialmente o circo péssimo...esse é ótimo
L1 não circo só é bom quando é muito ruim ou muito bom...o circo médio é que é um desastre ((riu)) (REC/D2/05/L1, p. 9)

As orações que se iniciam por *quando* codificam com maior frequência EsCo do tipo *atividade* ([+din], [+con] e [-tel]), em 38% das ocorrências. A construção em (168) é uma ocorrência desse tipo.

- (168) também quanto ao processo e quase que sem maior discriminação, se realiza a análise e a síntese, o homem decompõe para depois compor um todo novo, então esse, essa síntese se caracteriza pela reorganização de um todo novo, a partir pode ser, de situações já conhecidas então, *quando nós fazemos, por exemplo, uma pesquisa, quando nós fazemos uma consulta bibliográfica, a rigor*, eu tenho que dizer que é a rigor, porque normalmente a gente tira exatamente o pedaço do livro que depois (ininteligível) e depois, exatamente aquele outro que tem, que há, em que há uma concordância então, *a gente tira retalhos*, mas a, o objetivo da pesquisa bibliográfica, da consulta bibliográfica, seria a análise de uma série de fontes para depois se apresentar um todo novo reformulado...(POA/EF/278/L12, p. 8)

Nas orações com *se*, o EsCo do tipo *atividade* ([+din], [+con] e [-tel]) ocorre com a segunda maior frequência, perfazendo 31% dos dados. A codificação desse tipo de EsCo nas orações introduzidas por *se* se vê, por exemplo, em:

- (169) eu concordo plenamente que, para que a gente vá aplicar uma lei, para que a gente vá aplicar uma teoria vá aplicar até mesmo, para que a gente vá aplicar sinais de trânsito por exemplo, eu posso saber todos os sinais de trânsito de cor, (es)tá, eu memorizei o meu processo, *se vocês me trouxerem o livrinho aquele eu respondo todos eles e (es)tou no nível de conhecimento*; bem, mas é preciso que eu aplique, que eu utilize os sinais de trânsito na hora certa, ou que eu tenha a habilidade de passar maio rápido pelo guardinha, porque senão, eu (es)tou multada na primeira esquina ... (POA/EF/278/L16, p. 7)

O EsCo do tipo *posição*, que se caracteriza pelos traços [-din], [+con], é pouco codificado tanto pelas orações iniciadas por *se* (em 8% das ocorrências) quanto pelas introduzidas por *quando* (6% do total). As construções em (170) e (171) exemplificam a ocorrência de EsCo desse tipo nessas duas formas oracionais.

(170) ... vejam que quando nós estamos falando em compreensão, é a primeira ginástica mental que o indivíduo faz com a informação então, ele pode simplesmente me dizer o que foi que o conferencista disse, já não será a repetição pura e simples da, das palavras do conferencista, mas o conteúdo, a mensagem é a mesma, ele poderá interpretar, se eu pedir a interpretação, vai me dar o seu ponto de vista, vai me dar o seu ponto de vista, a sua opinião, mas ele não está criando nada, ele está fiel à comunicação e à extrapolação ... (POA/EF/278/L24, p. 5)

(171) ... chamamos de habilidades mentais há autores que dizem que isso é uma verdadeira ginástica mental da maneira como o homem utiliza a informação, ela vai se consi, vai se constituir numa categoria um pouco mais complexa primeiro, mais complexa do que o conhecimento, e mais simples que as posteriores então, nós temos a compreensão...é a segunda categoria então, o homem faz, está utilizando um processo mental, já de compreensão, quando ele utiliza a informação através de uma interpretação, através de uma tradução, ... (POA/EF/278/L21, p. 4)

A ocorrência de EsCo do tipo *dinamismo* ([+din], [-con] e [-tel]) dá-se com a mesma frequência (3%) nas orações com *quando* e com *se* e pode ser ilustrada pelas duas construções em (172) e (173) a seguir.

(172) Inf1 é, não, não chega a ser latifúndio, mas, quer dizer, é, desde criança fui criada nesse ambiente de negócio de apartamento, de compra e venda, troca, e casa, e terrenos e tal, então eu realmente não tenho curso, não fui preparado para isso, mas a gente foi adquirindo uma vivência da coisa, né? e eu acho que o dinheiro todo que eu pudesse, se eu ganhasse assim na loteria e tal eu nunca jogaria em mercado de capitais, nada disso, eu sempre ficaria em imóveis, mesmo porque agora eu tenho uma terceira condição importante que é a questão de família, de filhas e tal ... (RJ/D2/355/L12, p. 7)

- (173) ...o problema de de de morar em uma grande cidade é outra coisa muito relativa eu por exemplo moro numa grande cidade moro dentro de Recife mas:...moro dentro dum jardim...porque eu comprei três lotes de terreno...fiz a casa só pelo meio tem planta por todo lado

[
L2 é uma mansão

L1 não não não é não é uma casa grande né...apenas com com um jardim com planta com passarinho com tudo quanto é bicho que pode existir...compreendeu? e a: a: a cem metros do rio Capibaribe que é o meu rio sagrado...tanto que quando eu morrer quero ser cremado e as cinzas jogadas no Capibaribe...(REC/D2/05/L3, p. 3)

Os resultados mostram, por fim, que EsCo do tipo *realização* (*Accomplishment*), com os traços [+din], [+con] e [+tel], ocorrem apenas nas orações que se iniciam por *quando*, perfazendo 23% do total de dados. A ocorrência em (174), abaixo, é um exemplo.

- (174) L1 ...nós não ficamos muito tempo em Curitiba nós...fomos () viemos...quando nós voltamos da Argentina nós fizemos pernoite só em Curitiba e viemos...entende?...mas que eu me lembre nós passamos uma noite nós fomos a um restaurante lá:...numa região de mas é uma região muito típica italiana... (RJ/DID/328/L13, p. 7)

O fato de o EsCo do tipo *realização* não ocorrer nas orações com *se* aparentemente se deve ao traço [+ tel] desse EsCo. Tendo em vista que o traço semântico [+tel] aplica-se a EsCo que atingem um *ponto terminal*, esse traço só pode se relacionar a EsCo completos, codificados com aspecto perfectivo e, conforme se demonstrou na seção anterior deste capítulo, nas orações com *se*, encontram-se apenas eventos cujos pontos iniciais e finais de ocorrência não podem ser delimitados, isto é, eventos não-completos e, assim, *imperfectivos*.

Os resultados que se apresentam nesta seção estão intimamente relacionados aos expostos na seção anterior, referentes ao aspecto perfectivo/imperfectivo dos eventos codificados nas orações. Dentre eles, os mais importantes a serem ressaltados são:

- (i) a realização exclusiva, nas orações com *se*, de EsCo que não apresentam o traço [+tel], o que se relaciona à ocorrência apenas de eventos *imperfectivos* nessas orações; e
- (ii) a ocorrência, nas orações com *quando*, tanto de EsCo [-tel] quanto [+tel], a qual, possivelmente, está associada ao funcionamento dessas orações como satélites de Circunstância, codificando eventos *imperfectivos*, e como satélites de Tempo, veiculando eventos *perfectivos*.

6. Correlação entre os sujeitos das orações

Com a análise desse último fator, pretende-se verificar se a correlação entre os sujeitos da oração subordinada e da oração núcleo se apresentam, ou não, de um mesmo modo nas construções com oração introduzida por *se* e naquelas com oração iniciada por *quando*.

A caracterização dos sujeitos que se faz aqui diz respeito à sua conceituação, e não à sua forma de expressão. O que verificamos, em outras palavras, é se o sujeito *de quem se fala* na oração subordinada é, ou não, o mesmo a que se refere o conteúdo da oração núcleo. As ocorrências em (175) e (176), abaixo, ilustram construções que, nesse sentido, apresentam sujeitos idênticos.

- (175) ...dois alunos podem me responder o que é ser livre, agora um pode ter ficado no nível de conhecimento porque repetiu aquilo que o professor disse e outro pode ter criado uma resposta nova, própria, original que será, então, talvez, dependendo do todo, uma situação de síntese *a identificação, se tiver assim, um caráter já de uma pequena, um pequeno exame, então já está com um nível mais, mais complexo* supondo que eu tenha dito quais são, as características da. da, do processo da avaliação... (POA/EF/278/L32, p. 3)
- (176) L1 porque engraçado é que *quando a gente viaja...a gente observa que as frutas de outros estados são totalmente diferentes...coisas até bastante desco/ desconhecidas...com nomes estranhíssimos () e os que nós temos aqui têm nomes diferentes no/ noutras regiões né?... (RJ/DID/328/L11, p. 3)*

Como se pode observar, na ocorrência em (175), tanto o conteúdo da oração condicional (*se tiver um caráter já de um pequeno exame*) quanto o conteúdo expresso na oração núcleo (*já está com um nível mais complexo*) referem-se à mesma entidade (*a identificação*), e há, portanto, nessa construção, correlação entre *sujeitos idênticos*. Do mesmo modo, em (176), a *viagem*, referida na oração com *quando*, e a *observação de que as frutas de outros estados são diferentes*, expresso na oração núcleo, são conteúdos que se apresentam como realizações de um mesmo sujeito: *a gente*. As construções em (177) e (178), a seguir, ilustram construções em que há correlação entre *sujeitos não-idênticos*:

- (177) (es)tá entendido até aqui bom, agora, extrapolação vejam que quando nós estamos falando em compreensão, é a primeira ginástica mental que o indivíduo faz com a informação então, ele pode simplesmente me dizer o que foi que o conferencista disse, já não será a repetição pura e simples da, das palavras do conferencista, mas o conteúdo, a mensagem é a mesma, *ele poderá interpretar, se eu pedir a interpretação, [ele]vai me dar o seu ponto de vista, vai me dar o seu ponto de vista, a sua opinião*, mas ele não está criando nada, ele está fiel à comunicação e à extrapolação ... (POA/EF/278/L24, p. 5)
- (178) ::...falando sobre como ca/ como é o café...isso me ocorreu...é assim usar frutas né? de manhã no café...*normalmente quando cê vai pra fora eles servem assim um...um café bem mais...é...abundante...né? você tem frutas...você tem frios...eles servem suco...depois então ainda servem café com leite...* (RJ/DID/328/L34, p. 8)

Os resultados referentes ao tipo de correlação entre os sujeitos em construções com oração introduzida por *se* e com oração iniciada por *quando* estão expostos nos gráficos abaixo:

Gráfico 15: Correlação entre os sujeitos da oração encaixada e da núcleo nas construções-se

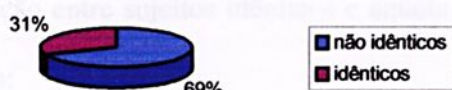
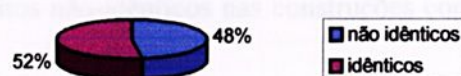


Gráfico 16: Correlação entre os sujeitos da oração encaixada e da núcleo nas construções-quando



Os resultados nos gráficos apontam um favorecimento da correlação entre *sujeitos não-idênticos* nas construções com orações iniciadas por *se*. Das 87 construções analisadas, 60 ocorrências (69%) apresentam sujeitos não-idênticos na oração subordinada e na núcleo; em apenas 27 (31%) das ocorrências analisadas, há identidade entre os sujeitos das orações que compõem a construção. Em (179) e (180), encontram-se mais exemplos da oração iniciada por *se* em construções com sujeitos idênticos e não-idênticos, respectivamente.

- (179) Inf2 ...dessa relação salário, é, aluguel, por exemplo, é completamente diferente, por exemplo, em Curitiba eu (es)tive agora o fim-de-semana em Curitiba, (por)que *eu se puder ainda acabo ca ...pedindo transferência pra Universidade Federal do Paraná...*
 Inf1 (vo)cê gostou assim, é? (RJ/DID/328/L8, p. 3)

- (180) L1 que esses hábitos também são os mesmos não é isso?...então eu acho que a alimentação É realmente uma questão de hábitos...e como a minha irmã () foi criada aqui em casa...((risos)) e ela também levou os nossos hábitos...pra casa dela né? então o:...filho -meu sobrinho- tem também os mes/ tem quase os mesmos hábitos...
 Doc (ela usa isso)...() cada () que ela teve c/ o bebê?...
 L1 que tipo de () ela usava ela não teve leite né? ela:...ela usou logo desde o início ela usou...o leite em pó...então ela usou muito 'Nestogen':...ela usava também...é/ fo/ quase sempre...agora *ela* passou a usar depois o 'Lactogen' se *eu* não me engano...ela mudou...
 Doc (também) pra criança no...()
 L1 é...não é...também por uma questão de::proteínas...(RJ/DID/328/L30, p. 17)

Diferentemente do que ocorre nas construções com oração iniciada por *se*, nas construções com oração introduzida por *quando*, predomina a correlação entre sujeitos *idênticos*, ainda que a diferença percentual não se mostre muito significativa, conforme apontam os resultados no gráfico 16. Das 109 ocorrências analisadas, 57 (52%) apresentam identidade entre o sujeito da subordinada e o da núcleo, e, em 52 ocorrências (48%), há não-identidade entre os sujeitos. Em (181) e (182), abaixo, exemplificam-se, respectivamente, a correlação entre sujeitos *idênticos* e aquela entre sujeitos *não-idênticos* nas construções com *quando*:

- (181) (...) bom (...) certo, exatamente, então quando nós falamos, *quando nós falamos em instrumentos de avaliação nós logo devemos pensar que níveis de pensamento esses instrumentos estão nos permitindo avaliar*, então, aí, nós chegamos ao estabelecimento de níveis de consecução dos objetivos, de estudo desses níveis para isso, então, níveis vocês têm aí registrado naquela folha marronzinha aqui, página quatro, documento quatro... (POA/EF/278/L10, p. 2)
 (182)ou então começa pela conta... uma coisa tanto estranha né? como? *como é possível isso? po:de acontecer quan:do... você tem um padrão... de menu né? você tem aquele padrão pede aquilo e pronto... aquele prato do dia... ou pratos do dia e pronto eu quero aquele prato ali...* (REC/EF/337/L2, p. 13)

Conforme estamos analisando, quando há correlação entre sujeitos *idênticos* na oração subordinada e na núcleo, a entidade a que o conteúdo da oração subordinada se refere é a mesma a que faz referência o conteúdo da oração núcleo, ou, o inverso se dá, caso a correlação seja entre sujeitos *não-idênticos*. Uma vez que, como já fora demonstrado, o caráter restritivo/não restritivo dos satélites se define a partir de sua participação na

especificação do referente presente na oração núcleo, poder-se-ia pensar no tipo de correlação entre os sujeitos como um fator indicativo do caráter restritivo/não restritivo dos satélites. Assim, a hipótese é que satélites *restritivos* tendem a apresentar sujeito idêntico ao da oração núcleo, e, inversamente, satélites não-restritivos apresentam sujeitos diferentes daqueles presentes na oração núcleo. Os resultados referentes à investigação dessa hipótese são discutidos na subseção a seguir.

6.1. Correlação entre os sujeitos e caráter restritivo/não-restritivo do satélite

Observe-se, primeiramente, a partir dos resultados nos gráficos abaixo, como se comportam as orações introduzidas por *quando* e as que se iniciam por *se* com relação à oposição restritivo/não-restritivo.

Gráfico 17: Caráter restritivo/não-restritivo do satélite condicional

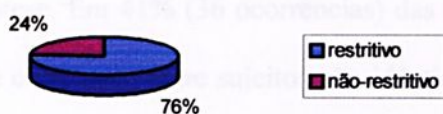
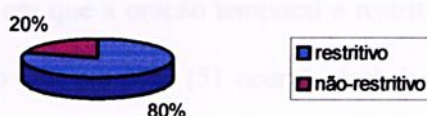


Gráfico 18: Caráter restritivo/não-restritivo do satélite temporal



Uma vez que associamos o caráter restritivo da oração subordinada ao seu funcionamento como satélite, e o não-restritivo, à sua atuação como CEO, os resultados referentes ao comportamento restritivo/não-restritivo das orações, como era de se esperar, são os mesmos que se apresentaram com relação ao funcionamento das orações como satélites e como CEOs e que foram descritos na segunda seção deste capítulo.

Os resultados nos gráficos a seguir mostram como se distribui a ocorrência de sujeitos

idênticos e não-idênticos nas construções em que as orações introduzidas por *se* e por *quando* têm caráter restritivo.

Gráfico 19: Tipo de correlação entre os sujeitos nas construções com satélite condicional restritivo

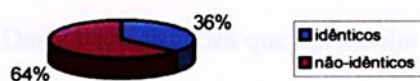


Gráfico 20: Tipo de correlação entre os sujeitos nas construções com satélite temporal restritivo



Para as orações iniciadas por *se*, os resultados não confirmam a hipótese de que haveria relação entre o caráter restritivo do satélite e a correlação de sujeitos idênticos na construção. Conforme se observa no gráfico, em 64% (42 ocorrências) das construções em que a oração condicional tem caráter restritivo, há correlação entre sujeitos *não-idênticos*; e, em apenas 36% dessas construções, há correlação entre sujeitos *idênticos*.

Com relação às orações iniciadas por *quando*, por outro lado, os resultados confirmam a hipótese. Em 41% (36 ocorrências) das construções em que a oração temporal é restritiva, ocorre correlação entre sujeitos não-idênticos, ao passo que, em 59% (51 ocorrências) dessas construções, há correlação entre sujeitos idênticos.

Nos gráficos a seguir, encontram-se os resultados referentes à distribuição do tipo de correlação entre os sujeitos nas construções em que as orações com *se* e com *quando* têm caráter *não-restritivo*.

Gráfico 21: Tipo de correlação entre os sujeitos nas construções com satélite condicional não-restritivo

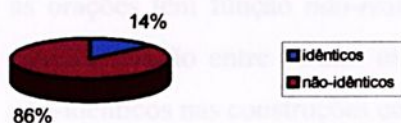
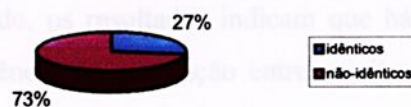


Gráfico 22: Tipo de correlação entre os sujeitos nas construções com satélite temporal não-restritivo



Diferentemente dos resultados referentes às orações com função restritiva, os resultados, agora, confirmam a hipótese de que há relação entre o caráter *não-restritivo* das orações e a correlação entre sujeitos não-idênticos. Conforme se observa nos gráficos, tanto com relação às orações iniciadas por *se* quanto para as introduzidas por *quando* com função *não-restritiva*, predominam, nas construções, correlações entre sujeitos *não-idênticos*.

Das 21 construções que apresentam oração iniciadas por *se* com função não-restritiva, em 86% (18 ocorrências), há correlação entre sujeitos não-idênticos e, em apenas 14% (três ocorrências), ocorre esse tipo de correlação.

Com relação às construções com orações introduzidas por *quando* não-restritivas, em 73% delas (16 ocorrências), verifica-se correlação entre sujeitos não-idênticos e, somente em 27% , correlação entre sujeitos idênticos.

Os seguintes aspectos cabem ser ressaltados mediante os resultados expostos nesta seção:

- (i) Nas construções iniciadas por *se*, predomina a correlação entre sujeitos *não-idênticos*, ao passo que, naquelas marcadas por *quando*, embora com baixa diferença percentual, a correlação entre sujeitos *idênticos* é predominante;
- (ii) Com relação à hipótese de que o tipo de correlação entre os sujeitos nas construções poderia se associar ao caráter restritivo/não-restritivo das orações com *quando* e com *se*, os resultados mostram que ela se comprova parcialmente. Nas construções com orações introduzidas por *quando* de valor restritivo, de fato, predomina a correlação entre sujeitos *idênticos*; nas construções com orações restritivas iniciadas por *se*, no entanto, há predomínio de correlação entre sujeitos *não-idênticos*. Nos casos em que as orações têm função *não-restritiva*, por outro lado, os resultados indicam que há estreita relação entre caráter não-restritivo e ocorrência de correlação entre sujeitos não-idênticos nas construções com ambos os tipos de oração.

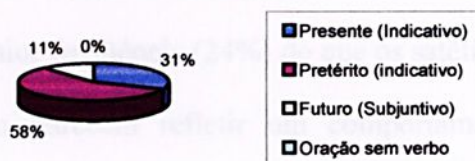
7. Função semântica das orações introduzidas por *quando*: Tempo vs. Circunstância

No segundo capítulo desta dissertação, demonstrou-se que, conforme a função semântica que desempenham e na linha da Gramática Funcional de Dik, as orações introduzidas por *quando* podem ser descritas como satélites de Tempo e de Circunstância. Nesse mesmo capítulo, buscou-se argumentar que a leitura de *condicionalidade* alegada para determinadas construções iniciadas por *quando* relaciona-se, na verdade, a satélites que desempenham a função semântica de Circunstância

Assim, a última seção deste capítulo é dedicada à análise do comportamento de alguns dos fatores investigados nas ocorrências de orações com *quando* associado às duas funções semânticas que essas orações podem desempenhar. Ao se cruzar o comportamento dos fatores à função semântica das orações, o propósito é verificar, especialmente, quais são as propriedades dos satélites de Circunstância, cuja função é por vezes comparada a de uma oração condicional.

Primeiramente, apresenta-se a distribuição das orações iniciadas por *quando* analisadas em termos de seu funcionamento como satélites de Tempo e de Circunstância:

Gráfico 26: Tempo-modo verbal nos satélites de Tempo



Conforme se observa pelos valores no gráfico, a função predominantemente desempenhada pelas orações iniciadas por *quando*, em nossos dados, é a de *Circunstância*: 68% das orações (74 ocorrências) desempenham essa função, e apenas 32% (35 ocorrências), a função

de Tempo. Com a análise do comportamento de alguns dos fatores, que se apresentará a seguir, busca-se ressaltar propriedades formais que se associam à expressão dessas duas funções semânticas das orações iniciadas por *quando*.

7.1. Posição do satélite de Tempo e de Circunstância

A distribuição do fator *posição* com relação às ocorrências das orações com *quando* como satélite de Tempo e de Circunstância apresenta-se nos gráficos a seguir:

Gráfico 24: Posição dos satélites de Tempo

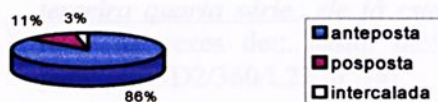
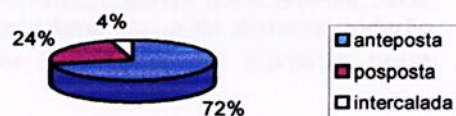


Gráfico 25: Posição dos satélites de Circunstância



Como se nota pelos resultados percentuais, tanto os satélites de Tempo quanto os de Circunstância, em nossos dados, ocorrem com maior frequência em anteposição à sua oração núcleo do que pospostos ou intercalados a ela. No entanto, os resultados demonstram que os satélites de Tempo apresentam uma tendência maior (86%) a se colocarem em anteposição do que os satélites de Circunstância (72%). Com a função de Circunstância, os satélites são colocados em posposição com maior frequência (24%) do que os satélites de Tempo (11%).

Esses resultados também parecem refletir um comportamento icônico das orações introduzidas por *quando* que se comportam como satélites de Tempo. Quando desempenham essa função, as orações com *quando*, em geral, veiculam um EsCo cuja ocorrência deve ser entendida como anterior, no mundo real, à ocorrência do EsCo da oração núcleo, seja o EsCo na oração

temporal marcado com referência ao passado, como denota a paráfrase da ocorrência em (183) a seguir:

(183) ...então havia restaurantes que eles serviam assim um pouquinho de cada coisa...então nós comemos muito xinxim de galinha...bobó de camarão...acarajé eu adorei o tal da acarajé porque quando me serviram aqui uma vez eu vi e não gostei...sabe? (RJ/DID/328/L8, p. 5)

(183') *Primeiro me serviram o acarajé, depois eu vi e não gostei.*

seja marcado com relação ao futuro, como em:

(184) L1 a gente nunca pode precisar o tempo...de ah ahh:: () com as crianças...necessitando da gente não pode precisar mesmo...com certeza então eu tenho impressão de que quando o menor...já::estiver assim...pela quarta série terceira quarta série...ele já estará mais...independente e::...e os maiores poderão fazer às vezes de::...assim de::preceptores dos menores e me aliviarão...nessa parte...(SP/D2/360/L22, p. 34)

(184') *Primeiro o menor chegará à terceira ou quarta série, depois se dará sua independência.*

Nos casos em que a oração introduzida por *quando* desempenha a função semântica de Circunstância, por outro lado, a ocorrência do EsCo nela veiculado não é entendida como anterior, mas como *simultânea* à ocorrência do EsCo da oração núcleo, como se verifica em (185'), paráfrase da ocorrência em (185) abaixo:

(185) L1 porque engraçado é que quando a gente viaja...a gente observa que as frutas de outros estados são totalmente diferentes...coisas até bastante desco/ desconhecidas...com nomes estranhíssimos () e os que nós temos aqui têm nomes diferentes no/ noutras regiões né? como por exemplo no NORte...(RJ/DID/328/L11, p. 3)

(185') a. *Ao mesmo tempo em que a gente viaja, a gente observa que as frutas de outros estados são totalmente diferentes.*

b. *Viajando, a gente observa que as frutas de outros estados são totalmente diferentes.*

Assim, uma vez que, com a função semântica de Tempo, a oração com *quando* expressa um EsCo temporalmente anterior, ela tende, iconicamente, a ser colocada em anteposição à oração núcleo, que veicula o EsCo que a oração com *quando* localiza. Se a função semântica desempenhada pela oração é a de Circunstância, e a relação entre os EsCo é, portanto, de simultaneidade, não de anterioridade, não há motivação funcional para que a oração com *quando* se coloque em anteposição, e a posposição à oração núcleo ocorre com maior frequência.

7.2. Tempo-modo verbal nos satélites de Tempo e de Circunstância

Os gráficos abaixo exibem os resultados referentes às formas verbais ocorrentes nas orações introduzidas por *quando* com as funções de Tempo e de Circunstâncias.

Gráfico 26: Tempo-modo verbal nos satélites de Tempo

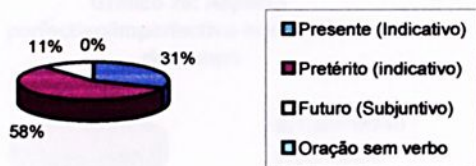
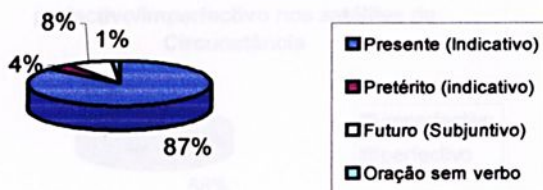


Gráfico 27: Tempo-modo verbal nos satélites de Circunstância



Os resultados mostram que formas verbais de pretérito do indicativo (58%) e de presente do indicativo (31%) ocorrem com maior frequência nas orações introduzidas por *quando* que funcionam como satélites de Tempo. Com a função de satélites de Circunstância, por outro lado, as orações se apresentam predominantemente com verbos na forma de presente do indicativo (87% das ocorrências).

Cabe ressaltar que a codificação de presente do indicativo é apontada por Neves (2000, p. 791) como propriedade que “favorece uma interpretação condicional” às orações iniciadas por

quando. Assim, uma vez que, em nossos dados, a realização dessa forma verbal é característica das orações que funcionam como satélites de Circunstância, tem-se fundamentada a proposta, feita neste trabalho, de que esse é o significado e a função das orações introduzidas por *quando* para as quais se alega a existência de uma leitura condicional.

7.3. Aspecto verbal nos satélites de Tempo e de Circunstância

Os resultados referentes à realização de aspecto perfectivo/imperfectivo no verbo da oração com *quando* podem ser interpretados paralelamente aos resultados apresentados na seção anterior. A ocorrência de aspecto perfectivo/imperfectivo assim se distribui com relação aos satélites de Tempo e aos de Circunstância:

Gráfico 28: Aspecto perfectivo/imperfectivo nos satélites de Tempo



Gráfico 29: Aspecto perfectivo/imperfectivo nos satélites de Circunstância



Os resultados demonstram que a ocorrência predominante de aspecto perfectivo caracteriza as orações que funcionam como satélites de Tempo, o que permite considerar que a fixação do momento de ocorrência do EsCo da oração núcleo, nesses casos, dá-se tipicamente com relação a EsCo completados (perfectivos).

O aspecto imperfectivo, por outro lado, ocorre na maioria das orações introduzidas por *quando* que desempenham a função de Circunstância. Pode-se considerar, assim, que a presença

de EsCo imperfectivos na oração com *quando*, com relação ao qual o EsCo da oração núcleo é apresentado como simultâneo, favorece a interpretação de uma relação de *contigüidade* entre eventos, significado que, conforme defendemos neste trabalho, aproxima, semanticamente, os conceitos de *tempo* e de *condição*.

É no mar, quando o sol se põe
Nós apela pra vela, que almeja também
Quando tem, se não tem, não faz mal
A gente sempre no mar
Que é muito mais legal
É natural

Adonirso Barbosa

Sob fundamentação da Teoria da Gramática Funcional (Dik, 1989, 1997), foram analisadas, nesta dissertação, dois tipos de oração adverbial: as temporais, aqui caracterizadas por orações introduzidas pela conjunção *quando*, e as condicionais, representadas, neste trabalho, pelas orações iniciadas por *se*.

Partindo tanto de bases diacrônicas quanto voltadas à abordagem da linguagem, demonstramos que, em várias línguas, existe uma estreita relação entre as categorias de tempo e de condição. Com relação ao português, alguns autores (Díez, 1993; Braga, 1995; Sousa, 1996; Neves, 2000) têm considerado que algumas orações iniciadas pela conjunção *quando* sobrepõem, ao conceito de tempo, o sentido de condição. A contrária, em termos de Adonirso Barbosa, da oração que, em português, tipicamente expressa tempo e da oração característica de expressão de condição, cada uma delas com função e significado diferentes, ratifica o ponto de vista que se defende ao longo deste trabalho, isto é, de que, no uso da língua, orações com *se* e orações com *quando* cumprem funções distintas.

Tanto as orações temporais, iniciadas por *quando*, quanto as condicionais, introduzidas por *se*, são definidas, neste trabalho, como sentenças que servem à criação de um quadro de referência para um EsCo. Com relação às orações temporais, esse quadro de referência corresponde à apresentação de um EsCo cuja ocorrência serve de localização temporal à ocorrência do EsCo presente na oração núcleo. Para as condicionais, o quadro de

CONCLUSÕES

Lá no morro, quando a luz da Light pifa
Nóis apela pra vela, que alumeia também
Quando tem, se não tem, não faz mal
A gente samba no escuro
Que é muito mais legal
E é natural

Adoniran Barbosa

Sob fundamentação da Teoria da Gramática Funcional (Dik, 1989, 1997), foram analisados, nesta dissertação, dois tipos de oração adverbial: as temporais, aqui caracterizadas por orações introduzidas pela conjunção *quando*, e as condicionais, representadas, neste trabalho, pelas orações iniciadas por *se*.

Estudos tanto de base diacrônica quanto voltados à aquisição da linguagem demonstram que, em várias línguas, existe uma estreita relação entre as categorias de tempo e de condição. Com relação ao português, alguns autores (Decat, 1993; Braga, 1995; Souza, 1996; Neves, 2000) têm considerado que algumas orações iniciadas pela conjunção *quando* sobrepõem, ao conceito de tempo, o sentido de condição. A ocorrência, nos versos de Adoniran Barbosa, da oração que, em português, tipicamente expressa tempo e da oração característica da expressão de condição, cada uma delas com função e significado diferentes, ratifica o ponto de vista que se defende ao longo deste trabalho, isto é, de que, no uso da língua, orações com *se* e orações com *quando* cumprem funções distintas.

Tanto as orações temporais, iniciadas por *quando*, quanto as condicionais, introduzidas por *se*, são definidas, neste trabalho, como satélites que servem à criação de um quadro de referência para um EsCo. Com relação às orações temporais, esse quadro de referência corresponde à apresentação de um EsCo cuja ocorrência serve de *localização temporal* à ocorrência do EsCo presente na oração núcleo. Para as condicionais, o quadro de

referência criado equivale a um EsCo que se liga à *validade* do EsCo expresso na oração núcleo. Na criação desses quadros de referência, esses dois tipos de satélite, conforme a camada da estrutura da oração em que atuam, podem exibir duas funções semânticas distintas. Os satélites condicionais apresentam-se com a função de Hipótese se, atuantes na camada da *proposição*, veiculam um EsCo de cuja *verdade* depende a validade do EsCo na oração núcleo. Na camada da predicação, os satélites condicionais têm a função de Condição se a *ocorrência* do EsCo neles expresso é referência para a validade do EsCo presente na oração núcleo. Os satélites temporais, por outro lado, podem exibir as funções semânticas de Tempo e de Circunstância, ambas associando-se à atuação do satélite temporal na camada da *predicação*.

Desse modo, a atuação na camada da predicação e a função maior de criar “quadros de referência” podem ser vistos como aspectos que aproximam as orações com *quando* daquelas com *se*, ressaltando-se, porém, que a atuação do satélite temporal e do condicional, nessa camada da estrutura da oração, é representada por funções semânticas distintas, próprias a cada um, ou seja, pela função de Condição, para o satélite condicional, e de Tempo e Circunstância, para o satélite temporal.

Ligados a essa diferença de ordem semântico-pragmática, estão os seguintes aspectos que, conforme revelaram os resultados da pesquisa, distinguem o comportamento das orações introduzidas por *quando* do das orações iniciadas por *se*:

- (i) A *posposição* com relação à oração núcleo dá-se com maior frequência para as orações introduzidas por *quando* do que para as que se iniciam por *se*; essas últimas, por sua vez, colocam-se em posição intercalada à oração núcleo com maior frequência do que as orações iniciadas por *quando*.
- (ii) As orações com *se* exibem maior aptidão do que as com *quando* para o funcionamento como Constituintes extra-oracionais, isto é, no domínio do discurso.

- (iii) Em posição intercalada à oração núcleo, as orações iniciadas por *se* funcionam, predominantemente, como Constituintes extra-oracionais, ao passo que as orações introduzidas por *quando* funcionam, nessa posição, unicamente como satélites, no domínio da oração.
- (iv) Tempos verbais do pretérito ocorrem nas orações com *se* somente se estiverem no modo subjuntivo e, nas orações com *quando*, se estiverem no modo indicativo;
- (v) Tempos do futuro apresentam-se predominantemente nas orações com *se* e, somente nessas, a ocorrência de verbo no tempo futuro associa-se à expressão de *hipótese* de ocorrência de um EsCo, que permite ao falante se descomprometer, frente ao ouvinte, com a verdade categórica do que ele enuncia;
- (vi) Os eventos expressos nas orações com *quando* são predominantemente *perfectivos*; nas orações com *se*, por outro lado, expressam-se apenas eventos *imperfectivos*.

Conforme se demonstra em várias partes deste trabalho, nos casos em que parece haver, além do conceito de tempo, o significado de condição, há, na verdade, expressão de simultaneidade de ocorrência de EsCo, e a oração introduzida por *quando* funciona como um satélite de Circunstância. Os resultados da pesquisa mostram que as seguintes propriedades caracterizam as orações iniciadas por *quando* que desempenham essa função:

- (i) a posposição da oração temporal;
- (ii) a forma de presente do indicativo no verbo da oração; e
- (iii) o aspecto *imperfectivo*.

Dik (1997, p.83) aponta que as orações reduzidas de gerúndio também funcionam como satélites de Circunstância e que uma de suas características é que “eles podem ter diferentes interpretações, e.g. temporal (‘enquanto’...), causal (‘porque’...), condicional

(‘se’...), concessiva (‘embora’...)). Ao contrário das orações introduzidas por *quando* analisadas neste trabalho, satélites de Circunstância na forma de oração reduzida podem, assim, apresentar sobreposição de sentidos ou receber interpretações ambíguas, já que não há, nesses casos, nenhuma conjunção que determina o sentido do satélite, como faz a conjunção *quando*. À interpretação de uma oração adverbial reduzida como condicional, temporal, etc., possivelmente, estariam associados fatores ligados ao tipo de EsCo presente na oração adverbial e na oração núcleo. A análise da função de Circunstância em orações adverbiais reduzidas fica aqui como proposta de trabalho futuro. Com relação a orações adverbiais introduzidas por *quando* que exibem essa função, a proposta defendida neste trabalho é que essas orações têm funcionamento próprio em português, que não se confunde com o funcionamento das orações introduzidas por *se*. Quando funcionam como satélites de Circunstância, o significado da oração com *quando* é apenas semelhante, mas não idêntico, ao significado da oração com *se* que, também no domínio da modalidade *realis*, expressa Condição, conforme demonstrado, em especial, no terceiro capítulo desta dissertação.

Para terminar, venho-me do que a Profa. Marize enfatizava em minhas aulas de Metodologia: *toda pesquisa concluída não passa de um “pouso provisório” do pesquisador.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKATSUKA, N. Conditionals and the epistemic scale. **Language**, v. 61, n. 3, p. 625-39, 1985.

ATHANASIADOU, A. & DIRVEN, R. Conditionality, hypotheticality, counterfactuality. In: _____. (Ed.) **On conditionals again**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 61-96.

BOLKESTEIN, M. A. Limits to Layering: Locatability and Other Problems. In: FORTESCUE, M.; HARDER P.; KRISTOFFERSEN, L. (Ed.). **Layered structure and reference in a functional perspective**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1992. p. 387-407.

BOWERMAN, M. First steps in acquiring conditionals. In: TRAUGOTT, E. C. et. al. (Ed.) **On conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 285-308.

BRAGA, M.L. As orações de tempo no discurso oral. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 28 (jan./jun.), p. 85-97, 1995.

CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de Lingüística**. Petrópolis: Vozes, 1988.

DECAT, M. B. N. **Leite com manga, morre! Da hipotaxe adverbial no português em uso**. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Pontífica Universidade Católica, São Paulo, 1993. .

DIK, S. C. **The theory of Funcional Grammar I**. Dordrecht: Foris, 1989.

_____. *et al.* The hierarchical structure of the clause and the typology of adverbial satellites. In: NUYTS, J.; BOLKESTEIN, A. M.; VET, C. (Ed.). **Layers and levels of representation in language theory: a functional view**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990. p. 25-70.

DIK, S. C. On the semantics of conditionals. In: NUYTS, J.; BOLKESTEIN, A. M.; VET, C. (Ed.). **Layers and levels of representation in language theory: a functional view**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990. p. 233-61.

- _____. **The theory of Functional Grammar II**. New York: Mouton, 1997.
- DILLINGER, M. Forma e função na lingüística. **Delta**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 395-407, 1991.
- FERGUSON, A. C. et. al. Overview. In: TRAUGOTT, E. C. et. al. (Ed.). In: **On conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 03-20
- FRAJZYNGIER, Z. **Grammaticalization of the complex sentence: a case study in Chadic**. Amsterdam: John Benjamins, 1996.
- GERALDI, J. W. **Se a semântica fosse também pragmática...Ou: Para uma análise semântica dos enunciados condicionais**. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1978.
- GIVÓN, T. Modal Prototypes of Truth and Action. In: _____. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995. cap. 4.
- HALLYDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold Publishers, 1985.
- HENGVELD, K. **The Architecture of a Functional Discourse Grammar**. (Versão Preliminar), 2000.
- HOPPER, P., TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KWEE, T. L. Adverbial clauses, Functional Grammar, and the change from sentence grammar to discourse-text grammar. **Working Paper in Functional Grammar**, n. 70, Sept. 1999. Disponível em: <<http://www.functionalgrammar.com>>. Acesso em: ago. 2002.
- LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MACKENZIE, J.L. First things first: towards an incremental Functional Grammar. **Acta Linguistica Hafniensia**,. Copenhage, v. 32, 2000. p. 23-44.

MATTHIESSEN, C. & THOMPSON, S. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J. & THOMPSON, S. (Ed.) **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988. p. 275-329.

NARO, A.J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M.C. (Org.) **Introdução à sociolinguística variacionista**. 3.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996 (Cadernos Didáticos).

NASCIMENTO, M. Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua. **Delta**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 83-98, 1990.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: EDUNESP, 2000.

_____. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEWMAYER, F. J. **Language form and language function**. London: MIT Press, 2000.

REILLY, J. S. The acquisition of temporals and conditionals. In: TRAUGOTT, E. C. et. al. (Ed.). **On conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 309-332, 1986.

RODRIGUES, A. T. C. **As orações de tempo e condição na fala da criança: uma perspectiva sócio-funcionalista**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), UNICAMP, Campinas, 2001.

SALONÉ, S. The pragmatics of reality and unreality conditional sentences in Swahili. **Journal of Pragmatics**, n. 7, p. 311-324, 1983.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1977.

SOUSA, G. C. O Constituinte extra-oracional de Condição. **Estudos Linguísticos XXXI**, 2002. CD-ROM, ISSN 14130939.

SOUZA, M.S.C. **A hipotaxe adverbial temporal: uma abordagem funcionalista**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1996.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1990.



TRAUGOTT, E. C. Conditional markers. In: HAIMAN, J. (Ed.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 289-307.

VAZ LEÃO, A. **O período hipotético iniciado por se**. Belo Horizonte: [s.n], 1961.

VOTRE, S. J., NARO, A. J. Mecanismos funcionais do uso da língua. **Delta**, São Paulo, v. 5, p. 169-84, 1989.

WAKKER, G. Conditional in the Layered Structure of Functional Grammar. In: FORTESCUE, M.; HARDER P.; KRISTOFFERSEN, L. (Ed.). **Layered structure and reference in a functional perspective**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1992. p. 369-86.

WIERZBICKA, A. **Conditionals and contrafactuals**: conceptual primitives and linguistic universals. In: ATHANASIADOU, A. & DIRVEN, R. (Ed.) **On conditionals again**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 14-60.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

São José do Rio Preto, 07 de março de 2003

GRISLE, CÁSSIA DE SOUSA

Autorizo a reprodução deste trabalho.

São José do Rio Preto, 07 de março de 2003

GISELE CÁSSIA DE SOUSA



